3 1761 07048400 1

COLLECÇÃO LITTERARIA PORTUGUEZA

ALBERTO BRAGA

CONTOS ESCOLHIDOS

ILLUSTRAÇÕES

DE

E. CASANOVA

LISBOA

M. GOMES, LIVREIRO EDITOR

70, RUA GARRETT (CHIADO), 72

1892

COLLECÇÃO LITTERARIA PORTUGUEZA

I

CONTOS ESCOLHIDOS

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

EDIÇÃO DE BIBLIOPHILOS

N.os 1 a 10

Dez exemplares em papel das manufacturas imperiaes do Japão, assignados pelo autor e editor, contendo:

1.º *Uma prova das illustrações em preto.*
2.º *Uma outra prova em bistre.*
3.º *Uma outra prova em sanguinea.*
4.º *Uma das* aguarellas originaes *que serviram para a illustração do livro*

As aguarellas serão tiradas á sorte entre os 10 subscriptores

---

EDIÇÃO DE AMADORES

N.os 11 a 20

Dez exemplares em papel Whatman, contendo:

1.º *Uma prova das illustrações em preto.*
2.º *Uma outra prova em sanguinea.*

M. P.

COLLECÇÃO LITTERARIA PORTUGUEZA

ALBERTO BRAGA

CONTOS ESCOLHIDOS

ILLUSTRAÇÕES

DE

E. CASANOVA

LISBOA

M. GOMES, LIVREIRO EDITOR

70, RUA GARRETT (CHIADO), 72

1892

PQ
9261
B65C6

I

AMORES Á BEIRA-MAR

Á Ex.ma Sr.a Condessa de Burnay

O capitão Fortunato, logo que se levantou, chegou á janella para ver o mar. O dia amanheceu carregado e triste. Uma chuva miuda, mas insistente, escorria nos vidros da janella, interiormente embaciados pela vaporação tepida do quarto. Dos beiraes, que defrontavam com a casa do capitão, a chuva caía em fio, estrugindo sobre o lagedo da rua. De vez em quando, uma rajada de vento abalava a casa e silvava pelas frinchas das portas.

O capitão abriu a janella; e, com o braço erguido, segurando a vidraça, e o busto de fóra do peitoril, observou o céu carregado de grossas nuvens côr de chumbo, e observou o mar, que roncava forte, desenrolando-se de longe em vagalhões brancos de espuma, bramindo e arremettendo furioso de encontro aos rochedos escuros da praia... As gaivotas cortavam o espaço de um vôo rapido, pairando junto da costa, e, muito ao longe, sobre o mar vasto e bravo, avistava-se apenas o casco de um pobre navio, fixo n'um ponto, sem panno, com a mastreação oscillante sob um céu lugubre de tempestade...

Na casa que ficava defronte —n'aquella estreita e solitaria rua de Leça da Palmeira— uma janella abriu-se, e um velho magro, fresco, de suissas muito brancas e as faces muito vermelhas, envolto n'uma *robe de chambre* escura, assomou no peitoril, sorridente.

— *Captain!*

— *Good morning, mister Rawts*—correspondeu o capitão.

O inglez olhou para o mar. Elle esperava um vapor que deveria chegar n'esse dia de Liverpool.

—Mau tempo, *captain*—regougou elle, abanando desconsoladamente a cabeça.

—Oh! muito mau, mister Rawts.

—Muito mau—repetiu o inglez, retirando-se.

Mas, um instante depois, appareceu de novo, munido de um grande oculo de alcance. Assestou-o sobre o horisonte, demorando-se a observar.

Perguntou-lhe o capitão que embarcação era a que se avistava ao longe. O inglez, sem desfitar, ía informando seccamente. Baixou o oculo, e, debruçado na janella, principiou a fallar d'aquella pessima barra do Douro, que tanto mal fazia ao commercio!... E, abanando a cabeça muito branca, com um ar triste, lamentava:

—Oh! uma peste de barra, *captain!* uma peste de barra!

Estava-se em meiado de dezembro. A grande cheia impedia que os navios surtos no Douro levantassem ferro para seguir viagem. A galera *Constantina,* que tinha de ir para o Rio de Janeiro, ficára prompta para sair no mesmo dia em que a barra da Foz ficou interrompida. Durou a cheia tres dias;

mas a agitação do mar, que se prolongou ainda, obstou a que saíssem as embarcações. A tripulação, como visse que se approximava a noite do Natal, começou a dar mostras de que não seguiria viagem, antes de passar as festas em terra. O piloto revelou-o secretamente ao capitão; e, quando o capitão o repetiu no escriptorio do consignatario, este respondeu-lhe severamente que, logo que os pilotos da barra o permittissem, a galera saíria, fosse em que dia fosse. O capitão não replicou, porque já sabia que eram baldados todos os pretextos e pedidos, diante do consignatario inabalavel. Retirou-se para bordo, desconsolado pela impressão que nos marinheiros causaria aquella resolução definitiva.

—Esperemos que o tempo os favoreça —disse elle ao piloto, quando, ao caír da tarde, passeiavam ambos sobre o convez do navio.

O piloto encolheu os hombros.

—Eu por mim —continuou o commandante— entendo que o consignatario tem rasão... Os rapazes não podem ficar em terra, nem abandonar o navio, desde que estão matriculados na intendencia...

Deu mais dois passos e acrescentou:

—Tambem a minha filha, coitadinha! queria que eu ficasse; mas... Paciencia!

E parou junto á roda do leme, com os olhos estendidos sobre o mar, que, áquella hora, se illuminava com os ultimos clarões do sol poente.

No dia 23 de dezembro o mar acalmou, e a galera *Constantina,* ás onze horas da manhã, saíu a barra com destino ao Rio de Janeiro.

Na mesma janella em que o capitão Fortunato observava o mar tres dias antes, estava debruçada a filha, acenando com um lenço branco. Mister Rawts seguiu o rumo da galera com o oculo de alcance. Quando o navio, com as vélas enfunadas, navegava no mar largo, tomando a direcção de sud-oeste, o inglez baixou o oculo e olhou para a vizinha.

—Camilla!—chamou risonho o velho inglez.

Ella não respondeu. Conservava ainda cravados na galera, que ía desapparecendo ao longe, sob o céu azul, os seus grandes olhos tristes, e na curva das faces duas lagrimas

muito redondas pendiam inertes — como as lagrimas de crystal immobilisadas nas faces maceradas das santas!

No dia em que o pae embarcava, Camilla, como já não tinha mãe, ficava a viver na companhia da tia Angelica. A mãe tinha morrido de um typho, havia muito tempo, quando o pae era ainda piloto do brigue *S. Thomás*. Camilla mal se lembrava d'ella... Tinha uma vaga idéa de a ver estendida no caixão, vestida como uma santa, muito branca, com os olhos cerrados e as mãos cruzadas sobre o peito... Havia um grande clarão de luzes; e, em volta do caixão, umas mulheres vestidas de negro carpiam! A tia Angelica pegára n'ella, e chegou-a junto do rosto da mãe para o beijar. E a pequena, extasiada d'aquella pompa de igreja, ao beijar o rosto immovel da mãe, sentiu nos labios o contacto frio e duro de uma pedra!...

Um retrato da mãe em daguerreotypo pendia na parede da alcova de Camilla, sob o quadro da imagem milagrosa do Senhor de Mattosinhos. Adorava com a mesma devoção aquellas duas imagens; e quando, nas suas

horas de tristeza, evocava a memoria da mãe, fazia-o com o mesmo sentimento e fervor religioso com que implorava a intercessão de uma santa.

Alem de Camilla, da tia Angelica e da antiga creada chamada Barbara, habitava na mesma casa, n'uma loja terrea que havia ao rez-do-chão, o velho pescador Matheus, um antigo lobo de mar, que, ao tempo da guerra civil, viera da Terceira, tripulante da fragata *Rainha de Portugal.* Com a primeira viagem de Fortunato, a bordo do brigue *S. Thomás,* fez Matheus a ultima. Tinha sido um valente marinheiro; mas na ultima viagem, como já fosse muito velho, muito surdo e tropego, o capitão aconselhou-o a que se deixasse ficar em terra, e que nunca mais voltasse ao mar.

—Não, lá isso, commandante —protestava elle consternado— não faço eu! Deixar o mar!?...

—Você já está velho, Matheus! —gritava-lhe o capitão ao ouvido.— Agora descance, e deixe o mar para os rapazes.

—É o mesmo! O mar nunca me fez mal, e ando em cima d'elle, commandante, vae ha mais de quarenta annos.

Quando desembarcou, despediu-se de bordo, e reuniu as ultimas soldadas, para se associar na compra de uma lancha de pesca. Doze annos foi ao mar; mas de uma vez que a lancha se voltou junto aos penedos de Leixões, n'um dia de borrasca, o velho Matheus e mais os companheiros estiveram em risco de morrer afogados, se uma catraia de pilotos da barra que tinha ido lá fóra acompanhar um vapôr inglez, e que passava perto da lancha, quando uma volta de mar a virou, os não tivesse soccorrido.

—É a primeira vez que tal me succede! —dizia Matheus a tremer, com as mãos aferradas á amurada da catraia.

A lancha e as redes lá se perderam no mar; e, desde esse dia, via-se o velho Matheus ir sósinho para a praia deserta, e ali ficava a olhar longo tempo as ondas, com uma expressão de colera e de ternura—como um pae que olha para um filho ingrato que o repelle! Só voltava de noite, resmungando pelo caminho, e, virando-se amiudadas vezes para trás, exclamava:

—Ah! cachorro! Eu tanto te quero, e tu que me querias matar!

Como não tivesse outro soccorro para viver, occupou-se então em remendar redes.

Foi assim que o encontrou o capitão Fortunato, quando voltou de uma longa viagem ao Brazil.

—Você vae viver para minha casa, tio Matheus—disse-lhe elle um domingo, no adro da igreja.

—Obrigado, sr. Fortunato.

—Qual obrigado —replicou o capitão.—Vae para a loja da casa, sim senhor; e, olhe, Matheus, até faz companhia a minha irmã e á pequena, que vivem sósinhas quando estou no mar. Valeu, tio Matheus?

—Nada, sr. Fortunato! Não quero...—insistia o pescador.

Por fim, instado por outros amigos, que n'essa occasião o rodeavam, cedeu.

No pequeno quintal, que ficava por trás da casa do capitão, Matheus estabeleceu as estacas para estender as redes que concertava. No inverno, em manhãs de sol, Camilla debruçava-se na janella, entretida a vel-o trabalhar. O velho pescador, de pé, com uma manta de lã enrolada ao pescoço, um *paletot* de panno piloto já remendado, ía passando

vagarosamente o fio pelas malhas, cantarolando com uma voz cava e tremula, n'uma melopea dolente:

Mari....nheiro bate o pé.
Mari....nheiro bate o pé.

Affeiçoou-se a Camilla com extremos de amor de pae. Era elle quem, todos os dias, depois do almoço, a ía levar á mestra, caminhando sempre atrás, contando-lhe velhas historias do mar. Ao meio dia voltava para a acompanhar para casa.

—Ó tio Matheus, e como era aquella historia da princeza que ía na galera de marfim, e os remos eram de oiro... Como era?

E o velho, a sorrir, repetia ainda mais uma vez a lenda maritima, onde ha galeras de marfim, engrinaldadas de flores, tripuladas por cherubins loiros—animando-se na descripção, como se referisse um caso verdadeiro!

Á noitinha, quando Camilla estava na sala, a costurar, junto da tia Angelica, ouviam-se arrastar, pesadamente, nos degraus, os chinellos de Matheus, que chegava para rezar a *corôa*. Da cozinha vinha a Barbara. E de-

pois, Camilla, a tia Angelica e Barbara, de joelhos diante do santuario, e Matheus atrás, de pé, com um rosario pendente dos dedos, começavam a rezar alto a ladainha e a corôa. No fim, quando a tia Angelica pedia ao Senhor dos Afflictos pelos que «andam em perigo sobre as aguas do mar», a voz de Matheus animava-se, elle erguia as mãos e rezava com mais devoção, tendo os olhos humidos de lagrimas, cravados na imagem do Senhor!

Ao contrario do que se dá nas raparigas creadas na atmosphera sadia e vivificante da beira-mar, Camilla era de uma compleição debil, pequenina, magra e feia! Havia, comtudo, no seu rosto pallido de doente uma doce expressão de candura e de tristeza, que nos inspirava logo um sentimento de sympathia e de piedade. Os seus olhos pretos fixavam-se com sinceridade e meiguice, e —talvez do habito de os prolongar pelos horisontes vastos do mar— parece que nos penetravam até ao coração, como o olhar prescrutador e carinhoso das mães.

Mas, sobretudo, o que realmente fazia dó —pobre Camilla!— era vel-a caminhar, co-

xeando da perna direita, com o tronco descaído sobre o quadril!

Succedera-lhe ficar assim, quando tinha oito annos, depois de ter fracturado o collo do femur, uma vez que saltava de uma lancha para a areia. Era n'uma formosa manhã de sol de domingo de inverno. Depois da missa, Camilla foi com mais quatro amigas correr para a praia. Á porta de casa, a tia Angelica recommendou-lhes que se não approximassem do mar; e, na inquietação de que succedesse qualquer desgraça, logo que as pequenas partiram, pediu a Matheus que fosse ter com ellas.

Apenas chegaram á praia solitaria, as pequenas avistaram sobre a areia uma grande lancha de pescadores virada de querena, com um rombo no costado. Saltaram para dentro com a heroica destreza de uma abordagem; mas, ao cabo de alguns minutos, uma onda maior subiu, estendendo-se em espuma pela praia e cercou o barco. As pequenas ergueram-se todas aterradas; e logo que o mar se escoou, saltaram apressadamente para terra. N'essa occasião, Camilla, que era a mais nova, caíu desastradamente da amurada da lan-

cha, e, quando tentou levantar-se para fugir, sentiu uma dôr aguda, que a fez gritar. Matheus tinha chegado n'esse momento. Apenas viu de longe Camilla estendida, correu para ella afflicto. A pequena chorava e gritava desesperada. Matheus levantou-a carinhosamente do chão, achegou-a ao peito e caminhou para casa, com a cabecinha d'ella reclinada sobre o seu hombro, arrastando a custo pela areia fulva os seus enormes pés inchados e tropegos. Em redor d'elle seguiam as outras pequenas, silenciosas e com os olhos muito espantados. E o velho pescador, a tremer de commoção, a suar, ía andando lentamente e bradando com a sua voz rouca e cavernosa:

—Más raios partam o mar, que não faz agora senão desgraças!

*
* *

Como Camilla não prestasse attenção á primeira vez, mister Rawts repetiu mais alto:

—Camilla! Camilla!

Ella d'essa vez olhou. Enxugou no lenço as ultimas lagrimas, estremeceu n'um grande

suspiro, e contrafez um sorriso para o vizinho. O inglez sorriu-se tambem, e perguntou de lá:

—Sabe quem chega ámanhã, Camilla?

—Quem é?

—Kate —disse mister Rawts, abrindo os olhos n'uma expansão de jubilo.— É Kate que chega ámanhã.

Camilla, ainda sob a dolorosa impressão da despedida do pae, fez um esforço para corresponder com a sua alegria á felicidade do inglez.

—Ah! chega a Kate!...

—Ella chega de noite —continuou mister Rawts, fumando n'um cachimbo de espuma requeimado.— E a Camilla vem cá com a tia Angelica ver Kate; sim?

—Com certeza.

O inglez tornou a sorrir-se, e disse baixo:

—*Oh! very well!* Não falta? Adeus, Camilla.

Retirou-se para dentro. Camilla lançou ainda um derradeiro olhar para a galera, de que apenas se avistavam agora as vélas muito brancas no fundo azul do céu, fechou a vidraça e foi ter com a tia Angelica.

No dia seguinte, ás oito horas da noite, na rua solitaria e recolhida de Leça da Palmeira, em que morava mister Rawts, uma carruagem entrou estrepitosamente, em continuos solavancos sobre as pedras irregulares da calçada, fazendo estremecer os alicerces das casas. Áquella hora, em que a rua toda parecia dormir, era de certo um caso extraordinario!

Ao rodar da carruagem, abriam-se de repente as portas das janellas e viam-se bustos curiosos espreitando por dentro dos vidros.

Logo que a carruagem parou á porta de mister Rawts, Camilla e a tia Angelica, muito agasalhadas do frio da noite, atravessaram a rua de um passo ligeiro. Apeou-se primeiro mister Rawts e começou a retirar de dentro do *coupé* caixas de chapéus, pequenos saccos de viagem, embrulhos, que entregava ao creado, parado na soleira da porta, com um castiçal na mão. Da almofada desceram duas grandes malas de couro. No fim, uma rapariga alta, loura, elegante, com um chapéu de feltro preto guarnecido com uma grande pluma, saltou lentamente e lançou-se nos braços de Camilla. Era Kate.

—Oh! boa Camilla! querida Camilla!

A filha do capitão beijava-a com ternura.

Depois que o *coupé* partiu, Camilla e Kate subiram para a sala, seguidas de mister Rawts, que dava o braço á tia Angelica.

Ao entrarem na sala de visitas do inglez, uma sala grande, muito illuminada, com estofos de setim escarlate, Kate sentiu um arrepio de frio, que a fez estremecer toda.

—Oh! que frio!—dizia ella a rir, olhando para Camilla e achegando mais ao corpo uma longa capa de velludo castanho, forrada e debruada de pelles.

Kate chegava então de Inglaterra, onde estivera, durante quatro annos, para concluir a educação, em casa de um velho tio millionario, socio da respeitavel firma commercial *Rawts, Brothers & C.ª*, de Londres. Tinha nascido em Portugal, n'aquella mesma casa de Leça da Palmeira; e, até ao dia em que embarcou para Southampton, a sua amiga de infancia, a sua companheira predilecta e confidente, fôra sempre Camilla. Talvez que a coincidencia de serem ambas orphãs de mãe vinculasse a affeição das duas amigas... Nos primeiros mezes que esteve ausente, to-

das as semanas Kate escrevia a Camilla umas longas cartas cheias de saudades e de lagrimas; depois, com o decorrer do tempo, as cartas foram rareando e chegou a passar quasi um anno sem que Camilla recebesse resposta á ultima que tinha escripto para Londres!

Mister Rawts, quando Camilla lhe pedia noticias de Kate, affligia-se por ella esquecer a amiga; e, principiando por lhe censurar a falta, acabava sempre por a desculpar:

—Está muito preguiçosa a Kate... e tem muito que trabalhar agora! oh! muito!...

Agora, porém, que differença entre as duas amigas! Camilla era ainda a mesma: as suas feições mais accentuadas conservavam a doce expressão de bondade e de serenidade, tão natural em quem leva uma existencia recolhida e sem paixões, uniforme, monotona, mas feliz. Na propria maneira modesta de se vestir, vinha Kate encontrar a sua amiga de infancia. Como era pequenina, até os mesmos véstidos usava agora, e era a mesma maneira de cruzar sobre o seio o lenço escuro de malha, atando-o em nó sobre a cintura.

Kate, sentada ao seu lado, observava-a minuciosamente:

—Parece que te deixei hontem, Camilla! —dizia ella.— Não mudaste nada.

E, tomando-lhe uma das mãos entre as suas, exclamava a rir, percorrendo-lhe os dedos:

—Até os mesmos anneis! O que eu te dei! o que era de tua pobre mãe!... Oh! como a vida aqui passa tranquilla!

Camilla sorria-se modesta.

—E tu, que tal me achas? perguntou de repente Kate, perfilando-se.

—Mais bonita, —respondeu Camilla— muito mais bonita!

Oh! muito mais bonita, realmente! Ella tinha partido para Inglaterra, aos quinze annos, n'aquella transição vaga da infancia para a puberdade, em que a aurora do pudor dissipa as innocencias da puericia e das feições indecisas da creança se vão formando já os contornos graciosos da mulher; e agora, aos dezenove annos, cheia de saude, rica, feliz, voltava de uma belleza encantadora! Era alta, de um talhe esbelto e airoso; os olhos, de um azul transparente de saphira, tinham adquirido maior brilho e mais fixidez no olhar; os cabellos louros, ligeiramente ondeados e seccos, usava-os singelamente arripiados, aper-

tando n'um pequeno rolo sobre a nuca, mas alguns fios mais rebeldes riçavam-se no alto da cabeça, e tomavam então o aspecto de uma poeira de oiro subtil, atravessada por um raio de luz.

—Oh! muito mais bonita, Kate!—repetia Camilla, apertando-lhe as mãos.

Vestia muito á ingleza. Um collarinho alto de homem, cercado por uma gargantilha de prata, destacava-se do vestido preto, simples, muito afogado. Mas, sobretudo, o que lhe dava um grande ar principesco e romantico, era a capa de velludo, aquella longa capa de velludo castanho, debruada e forrada de pelles, em que Kate, arripiada de frio, se envolvia toda, reclinando o corpo fatigado sobre o espaldar estofado da cadeira, deixando surdir em baixo a ponta dos seus sapatinhos de verniz.

Depois do chá, Camilla e a tia Angelica despediram-se de Kate e do pae. No patamar, Kate, muito meiga, segurando as mãos de Camilla, pedia-lhe que voltasse no dia seguinte. Quando Camilla ía já a descer o ultimo degrau da escada, Kate pediu-lhe outra vez que não faltasse; e, debruçada sobre o

corrimão, recommendou ainda com a sua voz forte de contralto, que enchia toda a escada:

—E vem cedo, sim? Muito cedo!

Mas, no dia seguinte, como até ás onze horas da manhã Camilla não tivesse apparecido, Kate abriu a janella da sala. Á porta da casa do capitão estava sentado n'uma cadeira de pau o tio Matheus, com os pés estendidos ao sol, a fumar pachorrentamente n'um cachimbo de barro. Kate chamou-o de lá duas vezes; mas n'esse dia o ronco do mar era tão forte, e depois a um velho marinheiro aquelle susurro absorve-o tanto, que o deixa ficar melancolico e pensativo, como ficam as creanças, quando applicam ao ouvido os labios de uma concha, para ouvirem lá dentro cantar o mar!...

—Tio Matheus!—gritava ella.

Como elle ainda não ouvisse, Kate reuniu então as mãos em tubo junto da bôca, e gritou outra vez, debruçando-se no peitoril da janella:

—O tio Matheus!

O pescador estremeceu, como se acordasse de um sonho. Olhou vagamente de um e outro lado, a ver quem o chamava; e, quando deu

com os olhos na ingleza, que lhe sorria, acenando-lhe com a mão, o velho Matheus ergueu-se tremulo da cadeira, e tirou respeitoso o chapéu. Elle não reconhecia a amiga de Camilla.

—A Camilla?—gritou Kate.

Matheus inclinou para lá o ouvido, e perguntou:

—A menina? quer a menina?

—Sim—respondeu Kate, acenando affirmativamente a cabeça.

—Eu vou chamal-a.

E, sacudindo na palma da mão a cinza do cachimbo, entrou em casa para chamar Camilla.

Pouco tempo depois, Camilla atravessou a rua para casa de mister Rawts.

Kate, que a víra da janella, veiu esperal-a ao patamar. Trazia n'esse dia um vestido de lã azul ferrete, muito justo, que lhe contornava bem as curvas suaves e graciosas do seio e dos quadris. Logo que se beijaram, Kate passou o braço á cintura de Camilla, e conduziu-a para o seu quarto.

—Quero mostrar-te tudo que trouxe de Inglaterra.

Subiram para o andar superior, onde ficavam os aposentos de Kate. Entraram n'uma pequena sala, muito alegre, forrada de cretone côr de rosa, com mobilia estofada de cazimira branca: era o quarto de vestir da Kate. As janellas deitavam para o jardim; e pela abertura dos cortinados, que caíam do alto sobre o tapete, via-se uma nesga azul de um céu claro de inverno, e os ramos seccos das grandes arvores balouçados de leve pelo vento. N'uma *chaise-longue,* que ficava em frente das janellas, sentou-se Camilla; e, durante uma hora, ali esteve a admirar os vestidos, os chapéus, as rendas, as joias, os mil objectos de adorno que Kate, ajoelhada ao lado, ía retirando cuidadosamente de dentro de uma grande mala aberta, e passando ás suas mãos:

—Vês este vestido?—disse ella, pondo-se de pé, e abrindo a saia de um vestido de setim branco, de que se exhalava um discreto e brando perfume de opoponax. É o do meu primeiro baile, quando fui com o tio Jorge passar oito dias ao castello do lord Filk, em Bercks... Ah! tu não fazes idéa, Camilla, do que é uma festa de um lord inglez!...

Vieram ainda mais tres vestidos de baile, tres de passeio, ainda mais rendas, e, depois, do fundo da mala, começavam então a apparecer os pequeninos cofres de setim, onde se guardam as joias preciosas.

—Um presente do primo Guilherme—disse Kate, passando ás mãos de Camilla uma caixa oblonga, forrada de setim preto, onde brilhava uma ferradura de oiro cravejada de grandes saphiras.

—Tens um primo em Londres?—perguntou Camilla.

—Não sabias? É o filho unico do tio Jorge; mas vê tu—disse Kate com um ar de commiseração, sentando-se no tapete, aos pés de Camilla— vê tu que pena! Ficou paralytico e meio tonto, depois que deu uma grande quéda de um cavallo. Era um grande estroina.

—Pobre rapaz!—lamentou Camilla. E não tem cura?

—Não,—affirmou Kate. É pena, não é? Tão rico, e assim!...

Mas, como ainda havia mais joias a mostrar, e Camilla nunca tinha visto tantas, Kate fez um gesto vago de resignação e ajoelhou-se outra vez; e então, do fundo da mala, os al-

finetes, as pulseiras, os brincos e os anneis foram-se succedendo; e, depois de passarem sob os olhos de Camilla, como ondas reluzentes do famoso rio Pactolo, eram espalhados sobre o tapete, ao lado de Kate!

—Acabou—disse no fim Kate, levantando-se do chão. Abateu as rugas da saia, e, chegando á porta, chamou para fóra:

—Mary! Mary!

Uma voz aspera e breve respondeu logo:

—Miss Kate.

A creada entrou. Era uma rapariga irlandeza, baixinha, redonda e loura, vestida de merino preto, com uma touca de cambraia e um avental de linho muito branco. Kate ordenou-lhe que guardasse nos armarios aquelles objectos dispersos pelo chão.

—*Yes, miss*—dizia monotonamente a creada fechando os olhos.

Dada a ordem, Kate e Camilla dirigiram-se ambas para a janella.

—Agora conta-me tu como passaste estes quatro annos em que estive ausente—principiou Kate abrindo as vidraças.

Um ar fresco e penetrante, onde cantava de longe o mar, acariciou o rosto das duas

amigas, animando-lhes o colorido. Os grandes platanos e as olaias do jardim destacavam melancolicamente no fundo azul do céu os seus ramos desfolhados. O sol reluzia na areia das ruas, que se recortavam nitidamente por entre a relva fresca dos alegretes. Perto de um muro velho, coberto de musgo, ouvia-se o correr triste de uma fonte, e, junto á borda de um chorão, uma cegonha solitaria encolhia um pé, olhando passivamente o fundo da agua tremula.

O que tinha ella que contar? A sua vida modesta e recolhida na solidão de uma rua deserta e calma, não offerecia episodios, que interessassem a quem voltava como Kate de uma existencia agitada, cheia de festas e de commoções alegres. Para Camilla, os dias do anno decorriam sem alteração, sempre iguaes, como a agua silenciosa de um regato, que se arrasta serenamente á sombra triste das arvores! A dedicação reciproca das pessoas com quem vivia, a saudade do pae, quando elle andava no mar, e a grande alegria, quando o tinha junto de si, eram as unicas commoções que lhe enchiam a alma de affectos carinhosos. E ali, dentro d'aquella pobre casa

e na doce companhia dos seres que lhe eram tão caros, concentrava Camilla a acção de todos os seus sentimentos.

—De fóra —terminou Camilla, depois de uma pausa— tenho-te a ti e a teu pae.

Kate beijou-a, e, depois, sorrindo e fallando-lhe n'um tom de confidencia, perguntou-lhe abruptamente:

—E ainda não amaste ninguem, Camilla?

Camilla estremeceu e fez-se toda vermelha, como se de repente a surprehendessem nua. Recuperou, porém, o sangue frio, e respondeu n'um tom natural:

—Ora, que pergunta Kate! Não!

Kate não acreditou. Tinha reparado na impressão que a pergunta lhe causou, e viu logo que Camilla lhe occultava alguma cousa. Com uma insistencia de curiosidade quasi infantil, Kate segurou as mãos de Camilla e disse-lhe:

—Ah! Camilla! Tu não me fallas verdade!

Camilla ruborisou-se outra vez. Os olhos muito brilhantes, a contracção da bôca, como se quizesse estrangular nos labios a palavra mentirosa que ía proferir outra vez, a agitação de toda ella, denunciavam a lucta da sua alma, uma especie de reacção do pudor offendido.

—Não me perguntes nada—repetiu ella, fechando os olhos, e succumbindo ao doloroso esforço em que se debatia. Mas Kate não a deixava; e chegando-se muito a ella, beijava-a, e com uma voz carinhosa, cheia de supplicas e de censuras, pedia-lhe com impaciencia que contasse:

—Mas que creancice, Camilla! Anda! Conta-me tudo.

Percebendo por instincto o recato necessario áquellas confidencias, Kate fechou de repente a janella, desceu o *store,* e arrastando comsigo Camilla, sentou-se com ella ao canto da *chaise-longue,* apertando entre as suas as mãos frias da amiga.

—Dize-me tudo. Como foi?

Camilla, vencida, principiou então, com a voz um pouco tremula, a contar lentamente a historia do seu amor.

*
* *

Fôra na epocha dos banhos. O pae, que estava então em Leça, disse-lhe um dia, ao jantar, que a levaria á assembléa de Mattosinhos. Preparava-se n'esse dia um baile em

honra de uma familia titular, que se retirava para Lisboa. O resto do jantar não se fallou n'outra cousa. Ao principio, Camilla oppoz-se á vontade do pae; mas a tia Angelica veiu em auxilio do irmão, e, por fim, Camilla cedeu, quando a velha Barbara, que ouviu toda a discussão da cozinha, appareceu á porta da sala, furiosa, afogueada pelo calor do lume, e gritou, limpando apressadamente as mãos ao avental de serguilha:

—Pois então! A menina ha de ir! Se agora se não diverte, quando ha de ser? Quando fôr um caco velho como eu? Deve ir —berrava ella— deve ir, que vae muito bem com o seu paesinho. Pois!...

Camilla referia os factos minuciosamente. Já tinham decorrido oito mezes; mas na sua memoria as impressões d'essa noite conservavam-se ainda com toda a intensidade. Depois d'ellas, a vida era como se lhe tivesse parado, ficando-lhe o seu coração ainda palpitante, como fica a corda de uma guitarra, no primeiro momento em que a abandona a mão que a vibrou!

Kate ouvia toda a confidencia cheia de anciedade, obrigando Camilla, de quando em

quando, a repisar certos pormenores que mais lhe excitavam a curiosidade.

Camilla contava então a impressão que sentiu, quando, ao chegar com o pae ao meio da ponte, a casa da assembléa lhes appareceu da outra banda do rio, como um palacio de lenda, com as janellas todas illuminadas, por entre a folhagem escura das arvores. Um magote de gente curiosa apinhava-se á porta, a ver entrar os convidados . . . Mais perto, viam-se repassar na claridade das salas homens vestidos de preto, conduzindo senhoras pelo braço . . . Mas, ao entrar, foi então que Camilla estremeceu toda, cingindo-se ao braço do pae; porque, por entre o borborinho que partia de cima, o piano, as rebecas e a flauta destacavam-se triumphantemente, annunciando a primeira quadrilha! Desde então, Camilla viveu durante algum tempo inconscientemente, como n'um sonho, passando de sala em sala pelo braço de homens, que se curvavam diante d'ella respeitosamente, atravessando no meio de gente completamente desconhecida, longe do pae . . . Sómente mais tarde, quando acalmou d'aquella exaltação que a estonteava, e ficou mais tranquilla — como

um passaro que, depois de voar nas grandes alturas, se abate sobre o ninho — é que Camilla percebeu onde estava, e as pessoas e os objectos lhe appareciam nitidamente á sua consciencia! Tinham-n'a collocado a um canto da sala, na fila de cadeiras que seguia junto da parede. Perto d'ella varias senhoras conversavam, abanando-se com os leques. Ao fundo, á porta da sala, formára-se um grupo de homens, atrás dos quaes ella pôde perceber, elevando-se sobre as outras, a cabeça do pae, a sua cara forte e requeimada de marujo, procurando-a com o olhar inquieto!

Camilla não se mexeu d'aquelle logar. No meio da noite, o pae entrou na sala, e apresentou-lhe um amigo. Era o sr. Thomaz Seabra, louro, janota, vestindo uma sobrecasaca preta com uma grande rosa-chá aberta na lapella. Sentou-se junto de Camilla e perguntou-lhe se não dansava; e, como ella respondesse que não sabia, elle regosijou-se por poder conversar ali mais tempo. Devia a sua felicidade ao pae de Camilla, porque seu pae, tendo morrido pobre, apenas lhe deixára uma educação com que podia grangear os meios

de subsistencia. E foi justamente o seu amigo capitão Fortunato, que era intimo de seu pae, que o collocou guarda livros no escriptorio da mister Rawts.

—Era feliz! Podia-se julgar feliz, e a sua felicidade ao capitão a devia.

Camilla não encontrava palavras para lhe responder. Parecia-lhe que seu pae tinha feito o que outra pessoa no seu logar faria; Thomaz Seabra, porém, oppunha-se, e affirmava:

—O capitão Fortunato para mim, minha senhora, foi um pae! um verdadeiro pae!

Depois de uma pausa, perguntou-lhe outra vez se não gostava de dansar, e, quando ella repetia modestamente que não sabia, Thomaz Seabra declarou que sabia, mas não gostava muito.

—Agora, principalmente, que poucas senhoras conheço aqui.

A musica começou a tocar uma valsa; e, emquanto os pares dansavam no meio da sala, roçando ás vezes pelos joelhos de Thomaz, elle perguntava a Camilla como vivia quando o pae estava ausente. Camilla referiu os nomes da tia Angelica, da Barbara e do Matheus.

—Que santa familia! —exclamou Seabra, fixando-a muito.— Oh! como deve ser feliz!

Camilla, reparando na insistencia do seu olhar, baixou os olhos, ruborisada.

Thomaz debruçou-se um pouco sobre o hombro d'ella, e disse-lhe com uma voz supplicante:

—Não podia dar-me um bocadinho da sua felicidade, sr.ª D. Camilla?

Camilla, não respondeu, toda tremula; e Thomaz, mudando o tom da voz, perguntou-lhe se era aquelle o primeiro baile a que assistia.

—O primeiro, e talvez o ultimo —respondeu Camilla.— Não me diverte.

Quasi já no fim da noite, Thomaz tinha supplicado que o amasse. Dansavam-se en-

tão as ultimas marcas do *cotillon*. Ella não respondia, olhando vagamente o fundo da sala.

Uma senhora veiu ter com Thomaz, deu-lhe a mão e conduziu-o perante uma menina vestida de branco, que se achava sentada no meio da sala, com uma almofada pendente dos joelhos, repellindo os pares.

Camilla, meio estonteada, fechou um momento os olhos; quando os abriu, Thomaz estava já caído aos pés da menina do *cotillon*, com um joelho dobrado sobre a almofada de velludo. Era elle o preferido—pensou dolorosamente Camilla.

E, logo em seguida, perpassava Thomaz, sem a ver, cingindo amorosamente com o braço a cintura delicada e airosa do seu par!

Camilla contava isto com a voz tremula, cansada da cómmoção que lhe causava a reminiscencia d'essa noite.

—E depois? Nunca mais o viste?—perguntou Kate.

—Nunca mais —respondeu Camilla com uma voz maguada —Nunca mais! Nunca mais o tornei a ver!

*
* *

Tinha já deccorrido uma semana depois da chegada de Kate a Leça da Palmeira.

Camilla estava triste todo o dia. Ao caír da tarde, emquanto Barbara não chegava com o candieiro da sala, depoz a costura, e foi debruçar-se um instante á janella. Os ultimos clarões do sol-posto illuminavam com uma ligeira côr de rosa algumas nuvens que passavam dispersas no azul alto do céu. Corria uma aragem fresca. Na rua principiavam já a accender-se os lampiões. No silencio vasto do crepusculo, ouvia-se apenas o susurro do mar tranquillo, e, de longe em longe, o bater sonoro dos tamancos de algum raro transeunte tardio, que passava.

Camilla desceu a vidraça, e veiu sentar-se a um canto, na escuridão triste da sala; mas, de repente, ouviu-se na rua um murmurio de pessoas que fallavam, e, logo em seguida, no portal da casa do capitão, a voz forte e sonora de Kate chamou:

—Camilla! Camilla!

Aquella voz alegre e vibrante punha a casa toda em movimento.

A tia Angelica, mal que a ouviu, appareceu logo na sala; a Barbara veiu da cozinha allumiar ao patamar, com um candieiro na mão, e Camilla, como se a acordassem no meio de um sonho, passou a mão pela testa, ergueu-se tambem e veiu esperar Kate. A inglezinha ia subindo os degraus, exclamando:

—E Jesus! Parece que não existe aqui viva alma! Viva, tia Angelica! Adeus, Barbara. A Camilla?

Logo que viu Camilla, deu-lhe um beijo, e pediu-lhe que fosse passar um bocadinho a sua casa. Vendo-a hesitante, levou-a para o vão da janella, e disse-lhe baixo:

—Anda; vem. Sabes quem janta hoje comnosco?

—Quem?

—O Thomaz.

Camilla estremeceu. Contrafez o gesto de surpreza, e balbuciou:

—Se a tia fôr...

—Ainda que não vá, vaes tu. E, fallando alto, pediu:—Dá licença, sr.ª D. Angelica? A Camilla diz que não vae, se a tia não fôr... Mas deixe-a ir.

A tia Angelica accedeu.

Kate acompanhou então Camilla ao quarto e ajudou-a a vestir-se.

—Pois, Camilla, vi hoje o Thomaz no escriptorio —dizia Kate, ageitando-lhe o collarinho, que Camilla punha ao pescoço em frente do espelho.— É um janota; e falla o inglez admiravelmente.

Depois pregava-lhe um alfinete.

—Disse-me o papá que era o melhor empregado que tinha... Prompta. Anda d'ahi, que o papá está a morrer de fome.

E desceu á frente, gritando pelas escadas:

—Adeus, tia Angelica. Adeus, Barbara.

Quando estavam já no portal, o tio Matheus appareceu-lhes á porta da loja.

—Viva, tio Matheus —gritou Kate, pondo-lhe a mão no hombro.— Cá lhe levo a Camilla.

O velho pescador ficou meio atordoado. Elle ia subir para rezar a corôa; e, ao ver alli Camilla ao lado de Kate, ficou perplexo e pasmado, com o seu lampião caído suspenso dos dedos. Virou-se para Camilla, e perguntou com a sua voz cavernosa e tremula:

—Então hoje não reza, menina?

—Hoje não póde —respondeu-lhe Kate— hoje vae commigo.

As duas meninas saíram. E o pobre Matheus, depois de fechar a tranqueta da porta, foi-se arrastando para a escada, resmungando com rancor:

—Ora a ingleza! aquillo é gente sem religião!

E desde então principiou a ter por Kate uma grande antipathia.

Logo que chegaram, Camilla e Kate dirigiram-se para a sala de jantar. Mister Rawts estava a conversar com Thomaz, aquecendo-se ao fogão, com as costas voltadas para o lume, que crepitava. Durante o jantar, Camilla ficou sentada á direita de mister Rawts, um pouco afastada da mesa; e defronte de Kate ficou Thomaz. Ao principio, a conversa correu monotona e com grandes pausas; mas, quando o creado serviu o vinho do Porto, mister Rawts então animou-se, e, um pouco rubro de calor da digestão, com o calix á frente, metteu-se a fallar, discutindo com enthusiasmo.

Camilla conservava-se calada, olhando furtivamente para Thomaz. Estava vestido como

na noite do baile, com sobrecasaca preta. Uma ferradura de oiro com rubis scintillava no *plastron* escuro, e, sob a luz forte do candieiro que o *abat-jour* verde concentrava sobre a mesa, os seus cabellos louros, ligeiramente frizados e apartados ao meio, tinham reflexos de oiro. Só de longe em longe olhava para Camilla, todo preoccupado com Kate, a quem fallava quasi sempre, demorando os olhos sobre ella.

Logo que o jantar acabou, quando se dirigiam para a sala de visitas, Camilla, no corredor, approximou-se de Kate, e disse-lhe baixo que se retirava.

—Espera ao menos até ao chá —supplicou Kate.

Camilla pretextou a ausencia da tia Angelica, e a inquietação em que a pobre tia ficava, quando ella estava fóra.

—Então... disse Kate com um gesto de resignação—adeus. E deu-lhe um beijo.

Thomaz estendeu a mão, que Camilla apertou friamente.

A tia Angelica esperava-a realmente, sentada na cama. Apenas Camilla entrou no quarto, deitou-se. Camilla foi então para a

sua alcova, despiu-se á pressa, e metteu-se na cama. Esteve muito tempo sem poder rezar e sem poder dormir, deitada de costas, com os olhos abertos na escuridão espessa do quarto. Principiou por tres vezes a mesma oração: *Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e do divino Espirito Santo*...

E, sem saber como, confundiam-se-lhe as idéas, faltava-lhe a memoria das palavras; e, depois de estar muito tempo como a viver n'um sonho, da escuridão negra do espaço a figura risonha de Thomaz apparecia-lhe, de repente, ajoelhado aos pés de Kate...

Camilla estremeceu toda, como se uma dor aguda a surprehendesse; e, voltada para outro lado, recomeçou de novo, concentrando toda a força da sua attenção nas palavras que murmurava: *Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça de Deus e do divino Espirito Santo; Nossa Senhora*...

E outra vez caíu na inconsciencia dos seus actos, perdida no vago das suas idéas...

Apenas na alcova proxima se ouvia a respiração compassada e lenta da pobre tia Angelica.

Com Deus me deito, com Deus me...

D'essa vez, porém, interrompeu-a o rodar da carruagem, que chegava para conduzir Thomaz. Pouco depois, a porta da casa de mister Rawts bateu com força, e o ruido da carruagem que partia, estremecendo a rua, pouco a pouco se foi afastando e amortecendo, ficando Camilla, por longo tempo, a ouvil-o, ao longe, como um susurro do mar distante!...

*
* *

D'essa vez — era domingo — a tia Angelica tinha ido tambem a casa de mister Rawts. Depois do jantar dirigiram-se para a sala de visitas. Mister Rawts e a tia Angelica sentaram-se junto do fogão, um em frente do outro, conversando de vagar. Kate, Camilla e Thomaz Seabra tinham formado um grupo em volta da mesa. Fallava-se sobre os costumes da vida ingleza. A proposito, Kate contava as festas a que assistíra no castello de lord Filk, em Berke, n'uma caçada á raposa. Thomaz Seabra ouvia-a com attenção, com os olhos fitos n'ella, folheando machinalmente um livro que tinha entre as mãos, sobre a mesa.

Ás vezes, para lisonjear Kate, abria muito os olhos com uma expressão de grande pasmo, e exclamava:

—Que magnificencia! Ah! isso é que é vida!

E, para maior realce ao seu espanto, começava a fallar desdenhosamente das festas que se dão no Porto...

—Festas, que não ha—acrescentava elle—porque, a final, a não ser algum domingo no Palacio, é preciso que no Porto haja uma procissão, para se verem as senhoras nas varandas da rua das Flores... Não é assim?

Kate applaudia-o com grandes risadas.

—Então os concertos? Oh!

E naturalmente a conversa animou-se, discutindo-se as duas escolas, a escola italiana, sentimental e sem harmonia e as obras classicas de Beethowen, de Mendelsshon, de Hydn. Kate preferia Bellini a Verdi.

—De certo—concordou logo Thomaz.—É pelò menos mais melodioso e mesmo original.

—O sr. Seabra—perguntou Kate, depois de uma pequena pausa— sabe musica?

—Toco alguma cousa piano; mas ha tanto tempo que lhe não ponho as mãos!

Kate levantou-se logo, pedindo-lhe que tocasse; mas Thomaz esquivava-se, dizendo que não sabia nada.

Kate, accendendo as vélas do piano, respondeu:

— Olhe, toque as escalas.

Elle sentou-se, n'uma obediencia de respeito, e principiou a tocar uma composição de Chopin. Ergueu as mãos, e, levantando os olhos para Kate, que tinha ficado ao lado d'elle, de pé, pediu:

— Não me obrigue a tocar mais; já vê que não toco nada.

— Muito bem — disse ella — continue. E bateu-lhe ligeiramente no hombro, insistindo.

Thomaz recomeçou, e tocou até ao fim, sem se interromper.

Mister Rawts e Kate applaudiram.

— *Very well! very well!* — exclamava mister Rawts do seu canto. — Não lhe conhecia essa prenda, sr. Thomaz. *Very well!*

Quando Thomaz ia a levantar-se, Kate disse-lhe que esperasse, e debruçou-se sobre a estante das musicas que havia ao lado, a procurar uma. — Ha-de acompanhar-me para eu cantar, sim?

—Da melhor vontade, se eu souber—disse elle.

Kate abriu a musica na estante do piano; e Thomaz, debruçando-se um pouco sobre o teclado, esteve a estudar o acompanhamento, ferindo levemente as teclas.

—Bem —disse no fim— Quando v. ex.ª quizer!...

Kate principiou então a cantar. Era uma canção italiana, muito apaixonada e muito sentimental:

Io te segui como iride di pace
Lungo le vie del cielo...

E ti senti ne la luce, ne l'aria,
Nel profumo dei fiori;
E fu piena la stanza solitaria
Di te, dei tuoi spledori.

E as notas do acompanhamento, no final de cada estrophe, iam caíndo uma a uma, compassadamente, como lagrimas tristes.

Thomaz ergueu os olhos para Kate, e Kate agitando a cabeça n'um gesto lento e languido de quem envia a sua voz para um alto céu ideal, cantou a ultima quadra com mais sen-

timento, dando á voz a expressão apaixonada e anciosa de uma supplica:

Torna, caro ideal, torna un instante
A sorridermi ancora,
E a me risplendera nel tuo sembiante
Una novella aurora.

E, durante todo o tempo que Kate cantava junto de Thomaz, Camilla, sentada na borda da cadeira, hirta, immovel, com as mãos caídas sobre os joelhos, olhava fixamente a chamma do candieiro da mesa.

Alta noite, a tia Angelica acordou, ouvindo gemer Camilla. Accendeu á pressa o castiçal, e mesmo descalça, com um chale deitado nos hombros, atravessou a sala para a alcova da sobrinha.

Parou no limiar da porta, a escutar e a ver.

Camilla estava toda voltada para a parede, encolhida no canto da cama.

Quando a tia Angelica entrou, Camilla sentou-se á pressa na cama, com os olhos muito espantados.

— O Thomaz? — disse ella com a voz rouca do sonho.

—Tu que dizes? —perguntou a tia, debruçando-se sobre o leito.— Que queres tu, Camilla?

Ella esfregou os olhos, onde brilhavam duas lagrimas, e fitou-os depois, immovel e calada, durante um momento, no rosto assustado da tia Angelica. No fim, estremeceu n'uma aspiração prolongada e tremula, sorriu-se brandamente para a tia, e disse:

—O que é, tia?

—Tu que tens, Camilla?

—Nada —respondeu ella naturalmente, puxando a roupa para o peito.— Estava a sonhar! Vá-se deitar, tia, que se constipa.

A tia Angelica retirou-se então; mas esteve até romper o dia sem poder dormir, meio sentada na cama, inquieta, e com o ouvido sempre á escuta.

*
* *

No outro dia, logo de manhã, Camilla mandou Matheus a casa de mister Rawts perguntar a Kate se queria ir passeiar com ella á praia, antes de jantar. Ás quatro horas, Camilla chamou alto da rua; e Kate, depois de chegar á janella, appareceu em baixo, toda

risonha, um poucochinho agitada por ter descido os degraus á pressa. Trazia um casaco branco muito apertado no peito com botões de madreperola, e na *toque* de lontra que tinha na cabeça uma penna verde levantava-se ao lado, pregada por uma cabeça de prata de javali. Ao principio, conversando ao lado uma da outra, desceram vagarosamente a rua. Áquella hora, como já o sol tivesse passado, havia uma ligeira humidade, que escurecia as pedras irregulares da calçada; logo, porém, que as casas terminavam, e a rua seguia em terra firme, por entre muros baixos de campos, respirava-se o ar puro e largo, cortado por uma brisa fresca do mar.

Kate encolheu-se toda.

—Uf! que frio!—disse ella arrepiada, mostrando os dentinhos.

—Far-te-ha mal?—perguntou Camilla.

—Nunca—respondeu Kate.

E caminhou á frente, erecta e firme, com as mãos enfiadas no regalo de pelles, e os cotovellos muito collados á cinta.

Quando chegaram ao areial, o sol ia caíndo no horisonte sobre o mar tranquillo e azul. Como era baixamar, ao longo de toda a costa

as rochas escuras emergiam de entre a espuma branca. A praia estava deserta; e só o vulto negro de uma mulher se destacava ao fundo, curvada entre os rochedos baixos, apanhando sargaço para um cesto.

Kate e Camilla foram seguindo no alto da praia, caminhando uma após outra, por entre as estacas das redes. Havia uma véla de catraia, com grandes remendos escuros, estendida ao sol sobre a areia; e, mais ao longe, suspenso de uma corda, um casaco de oleado, com os braços abertos, movia-se ligeiramente no ar, agitado pelo vento. Desceram depois para a borda do mar, onde a areia fina acabava, e sob os pés os pequenos seixos asperos começavam a apparecer. Camilla, que ia á frente, parou de repente, e, voltando-se para traz, perguntou:

—Que tal achas tu o Thomaz, Kate?

Kate baixou-se para escolher uma pedra, e, mesmo dobrada, respondeu, n'um tom de voz natural:

—Acho-o interessante...

—Interessante!—repetiu Camilla baixo, mas com a voz um pouco alterada.

—Acho-o sympathico—continuou Kate.

E, no momento em que ergueu a cabeça, os olhos de Camilla, fixos n'ella, e esperando-a, como dois floretes que esperam o peito de um rival, obrigaram-na involuntariamente a baixar-se outra vez.

Camilla deu alguns passos silenciosa, olhando em frente para o mar; logo, porém, que presentiu Kate ao seu lado, com uma expressão violenta de ameaça, segurou-lhe o pulso, e disse-lhe de afogadilho:

—É preciso saber qual de nós duas o Thomaz prefere.

Ao principio Kate empallideceu assustada. Logo que recuperou o sangue frio, tentou acalmar Camilla, supplicando-lhe que a ouvisse.

—Mas que idéa a tua! E Jesus!

E com umas palavras indecisas e vagas explicou como Thomaz a attendia mais em sua casa, de certo por ser empregado do escriptorio do pae. Camilla teve um sorriso de descrença. Estava muito pallida; e, ao fallar, o seu queixo tremia, como n'um accesso inesperado de frio.

—Ouve, Kate...

Repetiu-lhe a confidencia que lhe fizera do seu amor. Era a maior prova que lhe podia

ter dado da sua amisade, e esperou sempre que Kate correspondesse com lealdade. Notou, porém, que Thomaz, depois que fallou a Kate, a abandonava a ella...

—Tu deves tel-o notado nas duas noites que estivemos juntas.

Thomaz estava no seu direito; e nem era extraordinario encontrar no mundo um egoista e um perfido; mas, agora, o que a feria no seu coração e na ingenuidade dos seus affectos era o procedimento de Kate, attrahindo-o a si, com todos os encantos da sua formosura, da sua riqueza e do seu espirito.

—A escolha não é difficil, comprehendes bem —dizia Camilla.— Mas, ouve, Kate, eu não o quero censurar a elle; o que sobretudo me magôa e me humilha é a tua deslealdade; porque tu bem sabias quanto eu gostava de Thomaz...

Calou-se um instante; depois, pondo-se á frente de Kate, lançou-lhe as mãos aos hombros, e com uma voz suffocada e tremula, como n'um esforço supremo, acrescentou baixinho:

—Tu não imaginas quanto o amo ainda! Se tu soubesses...

Kate teve um gesto de fastio, que emmudeceu Camilla.

Então, perante aquelle ar de desprezo de Kate, Camilla, como se todos os seus sentimentos se convertessem n'um sentimento unico de colera, disse tudo quanto o despeito e o ciume lhe inspiravam ali. Kate pedia-lhe afflicta que se calasse; mas Camilla, hirta diante d'ella, deixava que as palavras mais crueis saíssem da sua bôca em uma torrente impetuosa, como quem deixa, para sentir um allivio, correr de uma ferida aberta a onda de sangue vivo que rebenta!

Seguiu-se um momento de silencio, durante o qual se ouvia apenas a respiração cansada de Camilla. Todo o seu peito arfava ainda, como no primeiro instante depois de uma corrida violenta.

—Vamos embora—disse ella.

Retrocederam juntas. A praia tinha já escurecido. Sob o céu frio de inverno, onde brilhavam as primeiras estrellas, a maré subia, e, de espaço a espaço, ouvia-se o susurro brando da onda, que se estendia pela areia.

Quando se approximavam da estrada, Camilla parou de repente.

—Kate—disse ella com uma voz debil.

—Que é?—perguntou a outra, parando contrariada.

—Perdoas-me o que te disse ainda agora?... Fui talvez injusta; mas tu não pódes imaginar o meu soffrimento...

A sua voz agora, em meio do vasto silencio da noite, tinha um tom maguado de arrependimento. Camilla procurava as mãos de Kate; e, depois, n'uma grande explosão de suspiros e de lagrimas, deixou pender a cabeça sobre o seu peito.

—Ah! Kate! Eu morro se o Thomaz me abandona... Faze que elle continue a gostar de mim... Para ti não faltarão homens que te amem, Kate... Foi elle o meu unico amor; entendes? o meu unico amor, e não tenho coração para o esquecer... Deixa-m'o para mim, Kate... tu és linda, és muito rica, has de ser muito feliz, Kate... E eu... sou tão pobre, e sou tão feia!... sou até aleijada, Kate!... Tem piedade de mim...

O vulto de um homem appareceu ao longe.

—Vamos embora, que vem gente—disse baixo a ingleza.

Camilla caminhou então, ainda soluçante, pelo braço de Kate. O homem que se approximava na sombra, a poucos passos, dirigiu-se para ellas; e, Camilla, estremecendo toda, murmurou involuntariamente:

—O Thomaz!

Elle acompanhou-as, seguindo ao lado de Kate. Á porta de casa, Kate offereceu a Camilla se queria subir.

—Quero dizer-te uma cousa—disse Camilla.

Afastaram-se para o outro lado da rua, junto á porta do capitão.

—Juras-me, pela alma de tua mãe, que o não amas?—perguntou baixo Camilla, apertando-lhe muito a mão.

Kate retirou a mão de repente; e, toda aprumada, olhando-a fito, respondeu em voz alta:

—Boa noite, Camilla.

*
* *

Quando o doutor —chamado a toda a pressa— entrou na alcova, seguido da tia Angelica, da Barbara e do velho Matheus, que ficou encostado á umbreira da porta, muito

pallido, com as pernas tremelicantes e o barrete de lã entre as mãos, Camilla estava estendida de costas sobre a colcha escarlate da cama, com os olhos cerrados e os braços caídos ao longo do corpo, como uma morta.

—Ha quanto tempo está assim?—perguntou o medico, tomando-lhe o pulso.

—Ha quasi uma hora, sr. doutor—respondeu baixo a tia Angelica, fitando no medico os olhos interrogadores, cheios de lagrimas.

O doutor, sem perguntar mais nada, e observando attentamente o rosto de Camilla, principiou a bater-lhe na palma das mãos inertes, aspergiu-lhe a cara com agua fria; mas, só muito tempo depois, é que Camilla recuperou os sentidos, despertando do desmaio, como quem emerge de um pesado e profundo lethargo, abrindo a bôca e estirando-se toda n'um movimento languido de serpente... De repente, abriu muito os olhos, e a crise terminou n'um grande choro de soluços.

A tia olhou afflicta para o medico; e elle, com um ligeiro sorriso tranquillisador, disse-lhe baixo:

—Não se assuste, minha senhora. Não vale nada. Isto agora é a reacção.

Desde esse dia, muitas vezes, Camilla, sentada a costurar junto da tia, ficava com a agulha suspensa no ar, pensativa, com os olhos muito abertos e fixos, como os olhos insensiveis e parados dos cegos. Era preciso que a tia Angelica, erguendo a cabeça, e surprehendendo-a assim, lhe batesse no joelho.

—Acorda, Camilla! E Jesus, Senhor! que distrahida!

E, levantando os velhos oculos, que lhe pendiam no nariz, acrescentava:

—Ha muito tempo que andas triste, Camilla! Que tens?

Ella suspirava, e, dobrando-se de novo sobre a costura, continuava a trabalhar, sem ter respondido á observação da tia.

Comia pouco. A côr natural do seu rosto pallido ia-se tornando agora de uma transparencia doentia. Depois do jantar, na saliencia das faces appareciam-lhe sempre duas rozetas muito vivas. O esmalte dos olhos, amortecido e baço, durante a manhã, adquiria, no fim do dia, um grande brilho. Um accesso de febre, que a accommettia de noite, crestava-lhe a pelle fina dos labios, que ella du-

rante o dia se entretinha a trincar com a pontinha dos dentes. Sentia-se muito cansada, e, de longe em longe, tossia...

*
* *

No entretanto, Kate conservava-se ausente de Leça de Palmeira. No dia seguinte ao do passeio na praia, acompanhou o pae ao escriptorio, na rua dos Inglezes, e disse-lhe depois que ia ao Candal visitar a pobre tia Jenny, que tinha estado doente com um ataque de rheumatismo. Do Candal escreveu um bilhete para o escriptorio, dizendo ao pae que ficava alguns dias a fazer companhia á tia.

Mister Rawts não estranhou. Elle ignorava o que se havia passado entre Camilla e a filha; e, por isso, quando voltou á noite para Leça, disse á Mary que a menina passava fóra alguns dias. Kate, tres dias depois, foi visitar o pae á rua dos Inglezes. Mister Rawts ia a saír apressadamente do escriptorio, quando a filha entrou. Beijou-a, indagou o estado da tia, e perguntou-lhe se ainda se demorava no Candal.

—Quer que eu vá hoje comsigo?

—Não é isso —respondeu o inglez, calçando as luvas.— Se a tia Jenny te quer lá, fica o tempo que quizeres.

—E que ha de novo em Leça?

—Nada... Como sabes, só chego á noite, e fico em casa a ler ao fogão? Adeus, Kate.

Decorridas, porém, duas semanas, quando um dia mister Rawts estava a jantar, o creado que o servia, disse-lhe a meia voz:

—A menina Camilla está muito mal.

O inglez ergueu para o creado os olhos espantados.

—Muito mal?! Camilla?

—Sim, senhor. Ouvi dizer que está em perigo.

—Oh! —exclamou mister Rawts com um semblante commovido— em perigo? Não? Pobre Camilla!

Logo que se levantou da mesa, atravessou a rua para casa do capitão.

Matheus veiu abrir-lhe a porta.

—Como está Camilla?

O velho pescador, com uma voz dilacerada e triste, respondeu que a menina estava muito mal.

—Muito doente —dizia elle a chorar.— E o capitão fóra, mister Rawts... Que desgraça!...

Camilla recebeu o vizinho na alcova. Estava de cama, já muito definhada, sem côr e abatida.

Quando mister Rawts se abeirou do leito, ella estendeu-lhe a sua mão pequenina e descarnada.

—Então que tem, Camilla?—perguntou o inglez com ternura, apertando entre as suas a mão ardente de Camilla.

—Não é nada —respondeu ella com uma voz debil e um sorriso triste de doente.— É uma febre que ha de passar... E a Kate?

Mister Rawts disse que Kate estava no Candal com a tia Jenny, ignorando por certo a doença de Camilla.

—Não lhe diga nada, não?—pediu Camilla.

—Não digo; mas Kate deve vir para Leça ámanhã. A tia Jenny já está restabelecida...

Ao saír, mister Rawts, no patamar, perguntou á tia Angelica qual era a doença de Camilla. A tia Angelica respondeu-lhe com lagrimas.

—Não se assuste. Não ha de ser nada. Camilla precisa talvez mudar de ares; e póde ir com Kate estar algum tempo no Candal... Não se afflija. Ella ha de melhorar... Adeus.

Quando de manhã chegou á cidade, o inglez escreveu uma carta á filha, dizendo-lhe que partisse. Kate veiu logo ter ao escriptorio.

—Sabes que Camilla está doente ha muito tempo?—disse-lhe elle logo que a filha entrou.

—Ha muito tempo!—exclamou Kate espantada.

—Sim. Eu não sabia nada. Foi o José que hontem m'o disse.

—Pobre Camilla!

Mister Rawts passeiava agitado pelo escriptorio, com as mãos nos bolsos das calças, fallando com um ar de commiseração:

—Eu fui vel-a á noite... Está mal... A pobre tia Angelica a chorar, coitada! Capitão Fortunato no Brazil... Imagina que calamidade, Kate!

E, parando de repente diante da filha, que tinha ficado muito triste, encostada á escrivaninha, olhando para o chão, acrescentou:

—Emfim, é preciso que tu voltes hoje commigo. Talvez lá precisem de alguma cousa...

E Camilla foi sempre tua amiga, oh! muito amiga!

—Pobre Camilla!—exclamava ella.

Kate seguiu com o pae para Leça. Durante o caminho, ia silenciosa e triste, toda encostada ao canto do *coupé*. Ao chegarem a casa, era já noite fechada.

Kate saltou da carruagem, e disse ao pae que a deixasse ir só visitar Camilla.

O accesso de febre tinha augmentado. Camilla, áquella hora, não podia supportar a luz. Apenas na sala que precedia a alcova havia um castiçal sobre uma commoda, com a chamma resguardada por um livro aberto á frente. Quando Kate entrou em bicos de pés, a figura da tia Angelica, sentada a um canto, com a cabeça pendente sobre o peito, destacava-se na penumbra triste da sala. Barbara estava junto d'ella, sentada no chão, com a cabeça entre as mãos. Na alcova, Camilla tossia. A tia Angelica foi direita a Kate, e abraçou-a sem lhe dizer nada.

—Quem está ahi?—perguntou de dentro Camilla.

—É a menina Kate—disse Barbara, erguendo-se do chão.

Kate encaminhou-se para a alcova, e disse baixo da porta:

—Camilla?

—Kate.

Kate approximou-se do leito. Estiveram longo tempo caladas. Kate sentia apenas o calor da mão de Camilla, que ella tinha apertada na sua.

Sentou-se na ilharga da cama, e debruçando-se um pouco, na escuridão da alcova percebeu o rosto magro da doente que se destacava de entre a brancura dos travesseiros e do lençol.

—Como te sentes, Camilla?

—Estou bem—disse ella com uma voz tremula.

Sobreveiu um accesso de tosse, que a obrigou a levantar-se um pouco.

—Eu ajudo-te—disse Kate, passando-lhe o braço debaixo dos hombros.

—Não —respondeu Camilla muito fatigada.— Isto não é nada... Obrigada.

A sua respiração apressada e ruidosa exhalava um calor, que se sentia. Principiou a agitar-se debaixo da roupa, puxando o lençol para o peito, proferindo palavras sem nexo.

—O que dizes?

—O pae já veiu?

—O teu pae? —perguntou Kate inquieta.— O teu pae deve chegar breve.... Não te afflijas, Camilla...

Mas Camilla continuou a fallar baixo, n'um murmurio, de que apenas se ouviam algumas palavras destacadas:

—Elle... O Matheus... E o mar leva-me, sim?

Kate, de pé, immovel á cabeceira do leito, chorava silenciosamente.

Camilla disse mais alto:

—O Thomaz? Barbara, o Thomaz? Eu quero tambem dansar com elle... assim...

E, agitando as mãos de fóra do lençol, desatou a rir, a rir, até que um novo accesso de tosse mais violento a interrompeu. Ergueu-se afflicta, na cama, e chamou em voz alta pela tia.

A tia Angelica acudiu logo. Barbara ficou atrás, com o castiçal erguido, antepondo a mão á chamma.

Camilla estava muito vermelha, com os olhos brilhantes e os labios seccos. Assim que á luz do castiçal percebeu Kate junto do

leito, fixou-a muito, e, de repente, recuando para o fundo da cama, começou a gritar:

—Levem-n'a d'aqui... Ella mata-me... E Kate que me vem tirar o coração.

Kate, debruçada sobre ella, a chorar, dizia-lhe com uma voz supplicante:

—Camilla, ó Camilla, ouve...

Mas a doente, refugiando-se contra a parede, com os braços muito magros estendidos para a frente e os olhos espavoridos fitos n'ella, gritava mais alto:

—Tia Angelica! Meu pae, meu rico pae, a ingleza quer-me levar o coração... Acudam-me... acudam-me... Kate quer-me matar... Levem-n'a d'aqui... Ai! que ella mata-me.

E deixou-se caír para trás, extenuada, abafada pela tosse, que lhe abalava o corpo todo.

Kate saíu de casa do capitão a chorar copiosamente. Mister Rawts tentou consolal-a, explicando-lhe que aquelle estado de excitação era proprio da febre.

Na manhã seguinte, antes de ir para o escriptorio, mister Rawts saíu de casa e foi procurar o medico de Camilla. O doutor declarou que a doente estava, na sua opinião, irremediavelmente perdida.

—É um caso de tisica galopante!... Tenho visto doentes que succumbem em quinze dias!...

Passados tres dias, quando os raios do sol entravam na sala pelas frinchas das portas entre-abertas, Camilla da alcova chamou pela tia Angelica.

—Hoje sinto-me melhor —disse ella.— Quero levantar-me.

A tia oppoz-se, receiando que lhe fizesse mal; mas a doente insistiu, supplicou, e ergueu-se no leito.

A tia Angelica então, auxiliada por Barbara, vestiu Camilla. O tio Matheus, todo alegre por aquella melhora inesperada, appareceu na sala, para ajudar Camilla que, amparada nos braços da tia, de Barbara e de Matheus, foi geitosamente transportada para uma poltrona. Pediu que a approximassem da janella.

—Quero ainda ver o mar—dizia ella.

Era a primeira manhã de sol de primavera. Ouviam-se chilrear os passarinhos nas arvores da quinta de mister Rawts. Na trepadeira de madresilvas, que se riçava sobre o muro, esvoaçavam as borboletas brancas.

Camilla aprumou-se um pouco, fincando as mãos nos braços da poltrona, e fitou os olhos no mar azul, que susurrava brandamente ao longe...

E assim, com os olhos abertos para o mar, foi-se deixando caír lentamente para trás, sorrindo e suspirando baixinho, como quem adormece n'um somno de felicidade!

*
* *

Ao anoitecer do dia seguinte, o caixão saíu de casa para a igreja, levado á mão por marinheiros da terra. Ia atrás um padre, com sobrepeliz e estola preta, rezando n'um livro.

Seguia um acompanhamento silencioso e triste de mulheres e homens; e, no fim, ainda depois de mister Rawts, que ia tambem no cortejo ao lado de Thomaz Seabra, o velho pescador Matheus, carregado de luto, com o chapéu na mão, e as pernas mais tropegas, caminhava, sósinho, a chorar, estugando o passo, e olhando sempre para a frente, para a frente, como quando vamos atrás de alguma cousa querida, que nos vae fugindo!...

Lisboa, 7-1-85.

II

A GUERRA

Logo abaixo dos açudes, ficava de uma banda do rio a azenha do Euzebio moleiro, e da margem opposta, um pouco mais abaixo, a azenha do tio Anselmo.

Eram dois velhotes viuvos, de bons sessenta annos, e amigos desde creanças. Para contradicção do anexim popular, estes dois moleiros queriam-se como dois irmãos, a despeito de serem do mesmo officio.

Parece que o rio, n'aquelle sitio, era até mais pittoresco! Por detrás das azenhas descia a enfesta de uma cerrada deveza de carvalhos e sobreiros, com o atalho aberto ao meio, que era por onde seguiam os machos carregados com os taleigos da fornada. Mesmo á ourela havia alguns amieiros e choupos, que se debruçavam sobre o rio. As aguas caídas nos açudes vinham costeando uma gandara, escondiam-se em meio de um cannavial, e surgiam depois mais limpidas até ás rodas do moinho, que as marulhavam e batiam constantemente.

No verão, quando a levada era minguada, os dois velhotes visitavam-se a miudo, atravessando destemidamente pelas poldras; mas, quando as chuvas do outomno principiava a tornar o rio caudaloso, limitavam-se então a fallar de um lado para o outro. Era triste! Já tão velhotes! E depois dizia o Euzebio:

—Anselmo, falla mais alto, que te não ouço.

—O que é?—perguntava o outro, inclinando o pavilhão da orelha.

O Euzebio fazia um porta-voz com as mãos, e gritava:

—Não te entendo.

Quando chegavam a fallar, concordavam sempre que era o barulho das rodas do moinho, que os não deixava ouvir. Isso sim! Era o peso dos annos que os tinha quasi surdos de todo. Pobres velhos!

O Euzebio tinha um filho, que era um rapagão de vinte e dois annos, como um castello! Ainda o dia vinha longe, já elle estava a trabalhar, que era um regalo a gente vel-o.

—Lida como um mouro!—diziam os conhecidos.

E se havia esfolhada, ou espadellada, quem lá não faltava era elle.

O pae, que, n'outros tempos, tinha sido um folião, dizia-lhe, á bôca da noite:

—Simão, se tens de ir a algures, parte, que eu cá fico, para aviar os freguezes.

—Estava arranjado! —respondia o moço a rir.—Vocemecê já deu o que tinha a dar. Agora coma e beba, e deixe-me cá com a vida!

Primeiro que tudo estava a sua obrigação. O rapaz, assim que não tinha mais freguezes a aviar, fechava a ucha do moinho, e partia então para a brincadeira.

E o velhote do pae, quando alguem lhe con-

tava as diabruras do filho, parece que até a alma se lhe ria na menina dos olhos.

O Anselmo tinha uma filha. Chamava-se ella Margarida, e era formosa, d'aquella formosura campezina, sem artificio, jovial e expansiva. Em dotes do coração —que é a principal belleza!— nem as mais virtuosas a excediam.

Desde pequenina foi Margarida creada com Simão. Se não ficasse mal estabelecer agora parallelos já sabidos e repetidos, estava em dizer que os dois se queriam e estimavam como *Paulo e Virginia*.

Quando os quinze annos de Margarida, que era mais nova dois do que Simão, vieram pôr termo aos brinquedos de infancia, então principiou elle a olhal-a com aquelle respeito com que se olha para uma irmã mais velha.

Mas vá-se desde já sabendo que esse respeito não estorvava, antes acrysolava um outro sentimento, que principiava a exercer e a avultar no generoso coração do rapaz.

Margarida, quando Simão lhe fallava na sua tristeza e no seu amor, fingia-se contrariada, carregava o sobr'olho e mudava de conversa.

D'estas esquivanças repetidas ateou-se o fogo da paixão na alma do moleiro.

—Margarida —dizia-lhe elle de uma vez— se não quizeres casar comigo, hei de morrer solteiro.

—Não te faltam mulheres, Simão.

—E se te vejo ser de outro —protestava o rapaz com as lagrimas nos olhos— não sei que faça, que me não mate.

E Margarida era tão cruel, que assim desprezasse o seu amigo e companheiro de infancia?!

Nós veremos já até onde vae a dedicação de uma mulher.

*
* *

Isto passava-se no tempo em que se guerreavam os partidos de D. Pedro e de D. Miguel.

Quando ás aldeias chegavam noticias aterradoras, as mães estremeciam ao contemplar os filhos afadigados na lavoura.

—De mortos nem a conta se sabe!—diziam os mensageiros. Vae por ahi o fim do mundo!

—Jesus, Senhor! E então diz que é guerra de irmão contra irmão! Valha-nos Deus!

De uma vez, oito soldados e um furriel pararam á porta da azenha do Euzebio. Passado um instante, a gente da aldeia chorava com brados afflictivos, vendo o Simão do moleiro atravessar no meio da escolta com os braços presos, como um degredado! O velho, assim que lhe arrebataram o filho, ainda tentou abraçal-o; mas —coitadinho!— como já lhe custava a andar, quando chegou á porta, ía o rapaz a subir a encosta.

Aos gritos da vizinhança acudiu Margarida ao postigo da azenha. Perguntou o que tinha acontecido da outra banda; e, quando lhe disseram que o Simão tinha sido levado para a guerra, a pobre rapariga soltou um grito agonisante e caíu desfallecida nos braços do pae.

As aguas tinham engrossado com as ultimas chuvas, e os dois velhos, quando se avistavam de longe, desatavam a chorar, como duas creancinhas!

Decorridos oito dias, a gente da aldeia acordou sobresaltada com o tiroteio, com o rufo das caixas e o som dos clarins. Feria-se uma batalha a pequena distancia.

Quando a tropa ali passou, todos viram o Simão moleiro, que parecia outro! Ia magro, esfalfado, com os sapatos rotos, coberto de pó, a espingarda ao hombro, a mochila ás costas e a chorar! Ao passar rente das casas ía saudando os conhecidos, e dizia ás raparigas que pedissem a Deus por elle.

Saíu do povoado sem ter visto o pae nem Margarida. Levava o coração retalhado!

Assim que a filha do Anselmo o soube, quiz logo ir ter aonde podesse fallar-lhe.

—Isso, Deus te livre! —disse-lhe do lado uma vizinha.— Se lá vaes, lá ficas! E, de mais a mais, teres de fallar com soldados! credo!

—Lá isso —atalhou a moça— tambem o Simão é soldado, tia Joaquina!

Ao fim da tarde principiaram a chegar as ambulancias dos mortos e feridos. Vinham apinhados, uns com as cabeças ligadas, com as faces empastadas de sangue, outros com os braços ao peito, mutilados, outros com as pernas partidas, quasi todos moribundos!

Nunca se tinha visto uma cousa assim! Aos gemidos dos feridos reuniam-se os clamores da gente que se agglomerava para os ver.

Destacavam-se algumas phrases das ambulancias:

—Ai! minha pobre mãe!

—Ai! meus ricos filhos!

E as mulheres, quando isto ouviam, de cada vez choravam mais.

Alguem d'entre o povo ouviu gemer de uma das carretas da ambulancia:

—Meu... pae! Marga... rida! Eu morro!

E viu-se que um dos feridos, que ía reclinado, deixou pender a cabeça sobre o peito, e descaír um braço fóra do carro.

Os artilheiros que levavam pela camba dos freios os cavallos insoffridos, voltaram-se para uma formosa rapariga que os interrogava afflicta. O retinir das molas da carreta, rodando nas lages irregulares de uma vereda, não os deixou ouvir. Mas, de repente, a moça approximou-se mais de um carro, pegou no braço que bambaleava estendido fóra da ambulancia á mercê dos solavancos, reparou attentamente n'um annel que o morto levava, e principiou a gritar:

—O Simão! Morreu! Morreu!

E debatia-se angustiada nos braços das amigas que a seguravam.

Quando um vizinho entrou na azenha do Euzebio, para lhe dar a noticia da morte do filho, encontrou o moleiro sentado na ilharga da cama, a rezar, com os olhos postos n'um crucifixo, e um rosario entre os dedos.

—Reze-lhe por alma!—disse o vizinho a chorar.

O velhote, que estava muito mais surdo, ergueu-se, e perguntou espantado:

—O que é?—e applicou os quatro dedos da mão direita ao ouvido correspondente.

—Morreu!—gritou-lhe o outro.

O Euzebio empallideceu subitamente, aprumou-se, fitou os olhos no vizinho; e, sem pestanejar, dirigiu-se apressadamente á cabeceira da cama, e tirou detrás uma espingarda.

—Isso para que é, tio Euzebio?—perguntou-lhe o outro ao ouvido.

—Vou matal-os! —respondeu o moleiro com uma voz convulsa.—Vou matal-os!

Mas quando ía, com a espingarda ao hombro, a transpor a soleira da porta, cambaleou, e caíu fulminado para a outra banda...

Na madrugada do dia seguinte, um moço de lavoura chegou afflicto a casa, a esbofar,

dizendo que, pouco abaixo da azenha, víra um corpo de mulher levado na corrente do rio, a fugir, a fugir!...

*
* *

Ainda conheci, ha muitos annos, o pae de Margarida.

Era por uma formosa manhã de abril.

O velho estava fóra da azenha, sentado em uma cadeira de entrevado, com os pés estendidos a uma restea de sol. Em volta d'elle, chilreavam os passarinhos na ramaria frondente do arvoredo.

Referia-me, ao certo, a morte do Simão e do seu amigo Euzebio; e, depois, quando chegava ao lance de ter perdido a filha, voltava a cabeça para o rio, e perguntava baixo, de si para si:

—E a Margarida?!...

E ficava como mentecapto, com os olhos turvos a contemplar as aguas do rio, que derivavam mansamente entre os salgueiros!

III

O SERMÃO

Á Ex.ma Sr.a D. Josepha de Sandoval de Vasconcellos e Sousa

Era um dia de festa e de grande romaria.

Desde madrugada, que eu estava debruçado no muro do meu quintal, á sombra de uma acacia, onde trinava um rouxinol, para ver passar os romeiros, que se dirigiam, em bandos, para o arraial.

Antes de se chegar ao adro, passava-se por dois arcos de murta com flores, dos quaes pendiam bandeiras e galhardetes de cores garridas.

Ás onze horas da manhã ouvia-se o murmurinho surdo do ajuntamento no logar da romaria. Pela estrada já pouca gente passava; e a que ainda vinha á festa, caminhava de vagar, fatigada, rente dos muros das quintas, para se abrigar do calor ardente e abafadiço de julho.

De repente, na curva que a estrada faz, junto do pinheiral, appareceu a carruagem da sr.ª viscondessa, que era, n'esse anno, a juiza da festa.

Os transeuntes paravam, encostados aos muros, e voltavam-se para ella, com os chapéus na mão, como se abrissem passagem respeitosa a uma rainha. A carruagem descoberta era tirada por duas eguas inglezas, que esbofavam com ruido, batendo as patas a compasso na areia fina e reluzente da estrada. O cocheiro vinha aprumado na almofada, com as pernas esticadas, e na mão direita levantada suspenso o pingalim. Dentro, reclinada no estofo escuro da carruagem, a sr.ª viscondessa sorria affavel para os lados, agitando levemente a cabeça. Um guardasolinho côr de perola abrigava-a do sol. No logar da frente ía o sr. abbade, um abbade ainda novo, muito

escanhoado, vestido com batina lustrosa, cabeção de renda, barrete de setim levemente inclinado na corôa da cabeça. Levava as mãos cruzadas sobre o ventre e os olhos fitos no vestido da viscondessa, um vestido verde-mar, com guarnições de renda, que se abria diante d'elle, como um leque.

Os romeiros, só depois da carruagem passar, é que continuavam o caminho, e, olhando entre si de um lado e de outro da estrada, sorriam gloriosos.

Quando a sr.ª viscondessa apeou á porta da igreja, estalou no ar uma girandola de foguetes; e eu, que não tencionava assistir á festa, accendi um charuto, e dirigi-me vagarosamente para o logar da igreja, antes que principiasse o sermão.

*
* *

Estava a igreja armada com sanefas e cortinas de damasco escarlate, onde as luzes das tocheiras de prata do altar punham reflexos vermelhos.

Fóra da teia gradeada do altar mór, via-se o povo, de pé, apinhado, com o olhar espan-

tado e perdido na decoração ostentosa do templo. A pedra do altar mór estava revestida com toalha franjada de rendas. Um tapete largo de variegadas côres cobria o estrado do altar, descia os tres degraus preso por varões de metal lustroso, e estendia-se na capella mór até á grade. Tres padres velhos, avergados sob o peso das capas de asperges com brocados de oiro, estavam sentados ao lado, com os pés unidos e estendidos para a frente. Sentia-se um cheiro forte de incenso; e, no côro, soavam as ultimas notas plangentes das rabecas acompanhadas a orgão e rabecão.

A sr.ª viscondessa entrou apressada pela porta lateral, que dava para a sacristia, e ajoelhou-se em frente do altar, com a cabeça muito levantada e os olhos pregados na imagem do Christo crucificado em meio de luzes e ramos de flores. Depois de rezar, com as mãos postas em supplica junto do seio, persignou-se lentamente e sentou-se.

N'esse instante, houve um rumor vago entre os fieis, que enchiam o templo.

O prégador apparecêra no pulpito. O seu rosto oval de uma pallidez maviosa, fronte

larga, barba escanhoada e azulada no queixo, destacava-se da alvura da sobrepeliz de cambraia bordada.

As suas mãos estreitas e brancas saíam de entre as rendas aniladas das mangas, que lhe chegavam até á raiz dos dedos.

O abbade olhou attentamente o auditorio, e ajoelhou. Ergueu-se depois, arrepanhou os canhões da sobrepeliz, ageitou a estola, expigarrou com tom solemne e passou á flor dos labios o lenço, que depoz cuidadosamente ao lado. Em seguida, fincando a palma das mãos no parapeito do pulpito, adiantou o busto para a frente e principiou com voz debil:

—«*Mulierem fortem quis inveniet? Proverb. 31.*»

Era o sermão de Santa Izabel, rainha e martyr. O prégador historiou a vida da santa, desde o tempo em que, menina e moça, nos seus palacios de Aragão o seu principal divertimento era a oração e o exercicio da caridade. Desposada por el-rei de Portugal, D. Diniz, em breve as leviandades amorosas do esposo lhe amarguraram o coração trahido.

—«Porque —exclamava o prégador, alçando o braço— quantas vezes o manto de uma rainha esconde um coração attribulado!? Em meio da ostentação de um palacio, cercada de todas as magnificencias reaes, filha e esposa de rei, como a grande rainha de Lacedemonia, *quæ Regis filia, Regis uxor,* a princeza santa não tinha o socego, o descanso, a alegria da mulher humilde de um mechanico!

Era rainha, *Regis uxor,* era poderosa, era rica; mas a principal riqueza era a da sua alma.

O oiro copioso dos seus cofres não tinha o grande valor do oiro de alto quilate do seu coração,—oiro de lei, purissimo, sem liga, que se não gasta e consome com o uso, antes se acrysola e engrandece com o exercicio das boas acções!»

Algumas mulheres soluçavam commovidas; e a sr.ª viscondessa, que o ouvia com attenção, fechava os olhos em signal de concordancia, e acenava affirmativamente a cabeça.

Proseguia o sermão. O prégador fallava da santa, quando acudia pressurosa aos infelizes.

Referiu o milagre da transformação dos pães em flores, sendo surprehendida pelo rei, quando ía esmolar aos pobrezinhos!

Depois, adiantando parallelas as mãos, como se quizesse attrahir n'um braçado o auditorio estupefacto, dizia:

—«Vêde para que serve o oiro! Não vos julgueis desgraçados, se vos não assistem grandes riquezas!

Não deixeis que a inveja se enrosque, como serpente ardilosa do inferno, em vossos corações.»

E, apontando o indicador para o céu, proseguia com voz mais solemne.

—«É ahi que se vê a previdencia de Deus! Concedeu o oiro aos ricos, para que o distribuissem pelos pobres! Pedir não é humilhação nem vergonha! Deu-nos o exemplo Jesus, o Divino Mestre, que ensinou aos discipulos a pedir com humildade!

E que maior consolação —continuava o prégador— que maior consolação do que soccorrer com a esmola áquelles que a fortuna fez menos abastados!? Apagar a fome, saciar a sêde, vestir os nús, enxugar as lagrimas das viuvas, amparar a orphandade, dar arrimo á velhice!»

E exclamava:

—«Oh! santa caridade! Oh! flor sacrosanta do altar de Deus! A caridade...»

E retrahindo-se no pulpito, arqueando os braços á frente, approximando as mãos com as cabeças do indicador e pollegar delicadamente unidas, recitava com voz untuosa, repassada de mimo:

Á noite a virgem modesta,
A casta filha de Deus,
Furta-se aos hymnos da festa,
E envolta em candidos véus,

Desce a escada sumptuosa,
Mãe dos maus, irmã dos bons,
Lá vae levar carinhosa
A toda a parte os seus dons.

Foi de um effeito surprehendente! O auditorio sentia calefrios: passava n'elle a corrente magnetica do enthusiasmo!

O prégador rematou em tom familiar, com voz mais baixa, aconselhando aos pobres que seguissem o exemplo de Jesus, que andou a pedir pelo mundo; e aos ricos que se amoldassem pela Rainha Santa, que distribuia pelos desgraçados as riquezas do seu palacio.

—«*Amen.*

E saíu do pulpito açodado, vermelho, anhelante, a enxugar com o lenço o suor copioso, que lhe corria da testa.

*
* *

N'esse dia, jantou o sr. abbade com a sr.ª viscondessa. Quando eu cheguei, tinham-se já levantado da mesa, e estavam sentados no terraço, á sombra do toldo listrado.

Defronte da viscondessa, o abbade, refestellado n'uma larga cadeira de vime, sorvia o café a pequeninos goles.

Comprimentei o prégador pelo sermão, e a sr.ª viscondessa, levantando enthusiasticamente a cabeça, confirmou do lado:

—Admiravel! Admiravel! Diga-me, sr. Alberto —continuou ella, batendo-me familiarmente no joelho— não acha que o abbade recitou a poesia com mais mimo e mais sentimento do que a Emilia Adelaide em D. Maria?

—Ah! —exclamei eu, espantado do confronto— sem duvida!

O escudeiro entrou com uma bandeja de prata para receber as chicaras. Approximou-se da sr.ª viscondessa, e disse-lhe a meia voz:

—Está lá baixo uma pobre, que pede uma esmola a v. ex.ª

—Que impertinencia! —exclamou ella, carregando o sobr'olho com gesto de enfado.— Pois dê-lhe lá uma esmola, Francisco.

O sr. abbade, que ía para beber o ultimo gole de café, ouvindo aquillo, suspendeu a chicara no ar, e acudiu do lado, com modo insinuante:

—Isso! Costume-os, sr.ª viscondessa —dizia elle, meneando pausadamente a cabeça— costume-os mal, e verá que lhe não largam a porta!

IV

O RETRATO DOS PAES

Á Ex.ma Sr.a D. Julia Braamcamp de Mancellos

A mala-posta, que seguia do Porto para Braga, passava, ás sete horas da manhã, defronte da Izabellinha — aldeola obscura, que fica emboscada n'uma deveza cerrada de carvalheiras, entre Santiago da Cruz e a estrada de Barcellos.

Como era subida, os cavallos íam a passo, de redeas bambas, com as cabeças pendentes, sacudindo com as caudas os moscardos teimosos que lhes afferretoavam nos ilhaes. Na

imperial do tejadilho os passageiros cabeceavam com somno. O cocheiro, com o chapéu desabado caído para o sobr'olho esquerdo, por causa do sol, e com as redeas entaladas nos joelhos, petiscava lume da pederneira e accendia pachorrentamente no morrão um cigarro de Xabregas.

—Ainda não enxergo o manco—disse o conductor, com os olhos fitos n'um atalho, que vinha saír á estrada.

—Toque-lhe a busina, homem —alvitrou do lado o cocheiro, com a voz rouca de aguardente— toque-lhe a busina; que, se não apparecer, adeus! a culpa é d'elles.

O conductor limpou com a palma da mão o bocal da corneta que levava ao tiracollo, applicou-o aos beiços, inchou as bochechas de ar, e soprou de rijo, tirando um som roufenho, prolongado e com intermittencias que se ouvia de longe.

O manco, que estava encostado no cunhal do muro, á sombra de um castanheiro, saíu a meio da estrada.

Ao passar a mala-posta, o conductor atirou-lhe de alto com uma sacca de brim, surrada, suja e fechada com uma vareta de fer-

ro, em cuja extremidade pendia um aluquete triangular. O manco estendeu os braços para a suspender no ar. Assim que a aparou, sopesou-a duas vezes, com os braços esticados, e observou:

— Hoje pesa!

— Hoje ha paquete — explicou succintamente o conductor.

E, como a estrada principiava a descer n'uma ladeira ingreme, volteou com força e á pressa a manivella do travão, e disse para o manco:

— Adeus.

A mala-posta seguiu a trote largo pelo meio da estrada, aos solavancos, levantando nuvens densas de poeira, com grande ruido das rodas, fremito das vidraças e o tilintar constante dos guisos das colleiras.

O manco atirou para o hombro com a mala das cartas, fincou o braço concavo da mulêta no sovaco direito, e desandou pelo atalho fóra, a coxear, para casa do Bento do correio.

Ao fundo do atalho, em continuação do muro tosco dos campos, ficava uma estacada já velha, combalida e esverdengada das chuvas da invernia, a resguardar uma leira hortada

de couves e cebollinho. Tinha dentro uma casita de telha vã com porta e postigo sem vidraça. Dirigiu-se o manco á cancella da palliçada, correu-lhe o ferrolho pêrro na armella, e gritou:

—Ó tia Anna! tia Anna!

Abriu-se a porta da casa, e appareceu no limiar uma velhinha tremula, curvada para diante, com uma roca enfiada á cinta, a fiar estopa.

—Que é lá, manco?—perguntou ella, inclinando-se para fóra, com a mão fincada na umbreira.

—Paquete!—gritou o manco com um grande berro.

A velha fez-lhe com a mão signal de que esperasse. Pousou dentro a roca e o fuso, e saíu á horta ageitando com os dedos as farripas brancas do cabello, que lhe surdiam por debaixo do lenço. O rapaz transpoz a cancella, foi ao encontro da tia Anna, e gritou-lhe com a bôca muito aberta:

—Paquete! ouviu?

A mulher fitou-o com os olhos espantados, e perguntou:

—O que é? Não ouço.

O manco sorriu-se resignado; e, collando então a bôca ao ouvido da tia Anna, repetiu com maior brado:

—Paquete! paquete! ouviu agora?

—Ah! —exclamou a velhinha, esfregando as mãos de jubilo radiante— ouvi, meu filho, ouvi:—é paquete!

—É paquete, é—confirmou elle com um aceno affirmativo.

E, pondo-lhe a mão no hombro, disse-lhe adeus até logo, correu de novo o ferrolho, e tomou á direita, pelo carreiro de um milharal, caminho do correio.

*
* *

Não se imagina o que é a chegada do paquete a uma aldeia qualquer do Minho! Cartas dos filhos ausentes!

Que anciedade em ver realisadas as esperanças e...

Deixemos estas considerações, e relatemos os factos.

D'aquella mesma porta, vinte annos antes, saíra uma vez a tia Anna, ainda forte, robusta e sadia, para acompanhar ao Porto o

seu querido e unico filho, que teimou em embarcar para o Brazil. O homem da tia Anna não se oppoz.

—Deixa-o lá, mulher —dizia-lhe elle— se o rapaz tem inclinação, em Deus o ajudando, melhor amanhará a vida por lá do que por cá. Elle sabe ler, elle sabe escrever, elle sabe contas, está mesmo a calhar.

—Ai! meu rico filho—soluçava a pobre mãe, a chorar, com o rosto escondido no avental de tenilha.

—Não chores, mulher. Partir, tinha elle de partir, mais hoje, mais ámanhã. Eu que o mandei ao mestre, não foi para ficar na lavoura. Assim com'assim tanto monta estar o rapaz n'uma loja no Porto, como no Brazil. Vem a dar na mesma.

Estas e outras rasões do marido venceram as saudades da mãe.

Foi preciso vender dois grilhões e um par de arrecadas, venderam-se; foi preciso vender tambem uns novilhos, que se engordavam para embarque, venderam-se na feira de Villa-Nova; e apuradas sete moedas e meia, impoz-se o rapaz para o Brazil. No Porto, a tia Anna tomou passagem para o filho, á proa,

na galera *Constancia,* da casa dos Pennas; mercou-lhe uma caixa de pinho nova; vestiu-o com dois fatos de cutim axadrezado n'um algibebe da Ponte-Nova; escolheu-lhe um par de chinellas nas sapateiras das Carmelitas; guardou-lhe e ageitou-lhe tudo na arca, e poz-lhe a um canto, com santa devoção, o registo do bom Jesus do Monte.

Pobre mulher! Liquidou as parcas economias, que representavam privações e sacrificios, afadigou-se de trabalho, ralou-se de saudades, chorou muito; e, quando viu de terra a galera *Constancia* seguir lentamente rio abaixo, com as vélas enfunadas pelo nordeste e a proa inclinada á barra, caíu de joelhos e debruços no caes de Massarellos, com as mãos tremulas atadas na cabeça, a soluçar afflictivamente pelo filho da sua alma, que lhe acenava com o lenço, debruçado na amurada do navio, a chorar!

*
* *

Chegou a primeira carta a Izabellinha decorridos tres mezes da partida do rapaz. Foi um alegrão que os paes tiveram! A carta era

escripta em papel paquete, muito fino, pau-

tado; e até, como os portos do Brazil estavam

suspeitos de febre amarella, vinha o papel todo golpeado. Foi lida a carta pelo Bento do correio, foi lida pelo boticario, foi lida pelo sr. cura, antes de ser delida pelo calor do seio da mãe, que a guardava junto do coração, como reliquia; e, de cada vez que ella ouvia as palavras do filho, era um chorar copioso, que retalhava o coração. O brazileiro da Granja, que induzíra o rapaz a embarcar, esse sorria-se, e consolava-a d'este modo:

—Deixe lá, tia Anna! Ali é que um homem se faz gente. Está aqui, está um brazileiro como eu.

Nenhumas d'estas consoladoras esperanças leniam as saudades d'aquelle coração attribulado da tia Anna.

—Ora! —oppunha ella com a voz nasal e soluçante de quem suspende as lagrimas para fallar.— Em um homem tendo saude e a graça de Nosso Senhor, em toda a parte do mundo é Brazil! Riquezas são o demonio.

—Não diga patacuádas, mulher —contestava o brazileiro azedo e carrancudo— não diga patacuádas.

Depois, passados mais annos, á proporção que as saudades da aldeia se desvaneciam no rapaz, as cartas iam rareando.

De quatro em quatro mezes escrevia para a terra, dizendo que o trabalho lhe roubava o tempo de o fazer amiudadas vezes. Que não tivessem cuidado, que ía bem de saude e que esperava ser feliz, muito feliz, dentro de poucos annos.

A tia Anna, quando não tinha carta no correio, ia da Izabellinha a Braga, a pé, entrava no Carmo, ajoelhava á beira da campa do milagroso Frei Joãosinho do Neiva; e, com as mãos postas em supplica junto da bôca, implorava com ancioso fervor pela saude e prosperidade do filho ausente. Ao passar pela caixa das esmolas, á entrada da igreja, lançava algum dinheiro no gazofilacio. Pedia a Nossa Senhora da Conceição dos Congregados pelo filho do seu coração. Entrava em Santa Cruz, ajoelhava em frente do altar do Senhor dos Passos, e rezava uma estação e um rosario com as faces de rojos; subia a beijar os pés da sagrada imagem; e benzendo-se tres vezes com a corda d'esparto puido e lustrosa, que cingia a tunica

do Senhor, retirava-se ás recuadas, rezando a meia-voz, até saír do templo!

*
* *

Seis mezes antes do manco do correio annunciar á tia Anna que tinha chegado o paquete, recebeu ella uma carta do filho, dando-lhe parte de que ía casar com menina rica, de nascimento —dizia elle— e muito prendada. Queria o retrato dos paes, e enviava-lhes dez moedas para as despezas necessarias.

Quando isto constou na Izabellinha, houve geral regosijo.

—Eu não lhe dizia, tia Anna —lembrava-lhe uma vizinha.— Se eu logo vi! Aquelle seu Joaquim nunca me enganou. Eu futurei aquillo!

—Pois isso bastava uma pessoa olhar para elle —acudia outra, aleitando um filhinho gordo que tinha no regaço— Aquelles olhos d'elle, lembra-se, tia Josepha?

—Pois não alembra? O rapaz era fino, que nem um alho! Se aquelle não se arranjava por lá, então —bôa te vae!— não sei o

que ha de ser de outros que foram depois. Olhe vocemecê, tia Anna, aquelle filho da moleira, o zerôlho; aquillo é um murcão, que não serve para nada.

A tia Anna, sem attentar no confronto, que lhe realçava as qualidades do filho, ria e chorava simultaneamente. E não se sabia dizer se aquellas lagrimas serenas illuminavam o sorriso, se o sorriso mais entristecia as lagrimas!

Dois dias depois da recepção da carta, resolveram-se, ella e o marido, a ir a Braga para tirar o retrato. Vestiram-se com a melhor roupa domingueira, que servia para a romaria do Espirito Santo, no bom Jesus do Monte. Ella ía toda sécia, de saia escura de serguilha, com tomado e muitas pregas míudas no coz, collete de chita amarella salpicada de florinhas verdes, camisa branca de linho com mangas enfunadas e abotoadas no pulso, meias finas, e sóquinhas de panno azul com ponteiras de verniz.

Atou na cabeça um lenço branco de cambraia bordado, lançou aos hombros o capotilho novo de baeta escarlate debruado de fita larga de velludo preto com as pontas

caídas á frente até á cintura, e tomou na mão enrugada e secca um lenço engommado de franja e entremeios de renda.

O marido enfiou as melhores calças de panno, avincadas, com abertura em baixo a apolainarem o tamanco, collete de fustão amarello com duas ordens de botões de vidro, niza azul de abas curtas com gola alta, botões amarellos, mangas justas de canhão até á raiz dos dedos, e collarinho muito engommado e teso apontado ao lóbo das orelhas.

Poz na cabeça chapéu de feltro de copa afunilada, e sobraçou o guarda sol de panninho escarlate com espigão de metal lustroso e um cabo de osso representando um punho, toscamente esculpido nos torneiros da Bainharia do Porto.

Atravessaram assim o arco da cidade em Braga, e seguiram pelo meio da rua do Souto, um ao lado do outro, radiantes, em busca do retratista.

Adiante da galeria do paço episcopal, deparou-se-lhes pendurado na umbreira de uma porta um quadro grande de caixilho dourado com muitas photographias em exhibição.

Perguntaram na loja de pannos, que havia ao lado, onde se tiravam os retratos; e, devidamente encaminhados, subiram ao segundo andar, onde ficava o *atelier*.

O photographo retratou-os em grupo, um junto do outro, ambos de pé, o marido com a mão direita espalmada assente sobre a espadua descaída da mulher.

Ficaram com as cabeças muito levantadas, os olhos arregalados e espantadiços, os beiços franzidos, os membros hirtos e constrangidos, n'uma attitude lorpa, grotesca e ridicula!

*
* *

Logo que o manco partiu, a tia Anna seguiu-lhe no encalço para procurar carta do filho.

No dia em que chegava a mala do Brazil, íam as mulheres da Izabellinha pedir ao Thomé boticario, que deixasse ir o filho ao correio para lhes ler as cartas.

Se não havia freguezes a aviar, o pae mandava-o, e o Andrésinho partia alegre, porque gostava da brincadeira.

Era lindo ver aquelle quadro!

O rapaz sentava-se no espigão de um muro baixo, com as pernas bambaleantes, á sombra de um sobreiro. Em volta d'elle, mulheres e homens apinhados, com as bôcas abertas, escutavam-no com religioso silencio.

O filho do boticario ía lendo uma por uma, muito vagarosamente, as cartas que lhe entregavam.

Não havia segredos para ninguem.

Como o rapaz lia de alto e bom som, ouviam todos as cartas uns dos outros, como se fossem uma só familia. E alguma noticia triste ou noticia alegre era igualmente sentida e commentada por todo o auditorio.

A tia Anna, como já lhe custava a andar, chegava no fim de todas.

Cediam-lhe logo passagem.

—Passe, tia Anna, passe.

—Deixae, que eu tenho tempo—dizia ella, com a carta do filho apertada na mão.

Por fim, chegou-lhe a sua vez.

O filho accusava a recepção dos retratos, mas dizia que não tinha gostado. A tia Anna entristeceu.

A carta proseguia no mesmo assumpto e terminava assim:

«Vão vocemecês a casa do meu correspondente, os srs. Nogueira & Sá, da rua das Flores, e perguntem pelo meu amigo e socio Joaquim da Silva Ferreira, que lhes dará as instrucções precisas.»

O André, depois de ler, explicava sempre:

—Percebeu, tia Anna? Quer que vocemecê e o seu homem vão ao Porto, á rua das Flores, a casa dos srs. (e recorria á carta), dos srs... Nogueira & Sá, e lá procurem o sr..., o sr... (recorria de novo ao papel) Joaquim Ferreira da Silva, que, pelos modos, vem a ser o socio do seu José. Percebeu?

—Percebi, percebi.

—Pois é o que têem a fazer; e adeusinho, até outra vez.

O rapaz restituiu a carta; e, como não havia mais ninguem por ali, saltou do muro, e voltou para a botica.

*
* *

Na loja de ferragens da firma commercial Nogueira & Sá, estavam, havia cerca de uma hora, a tia Anna da Izabellinha e o marido á espera do socio do filho, que os mandára esperar ali.

Era meio dia, quando o brazileiro entrou.

O patrão Nogueira apresentou-os ao recem-chegado. A tia Anna e o homem levantaram-se humildes, com os braços caídos, conturbados de acanhamento.

—Então são vocemecês os paes do meu socio, hein?

—Saiba v. s.ª que sim—responderam ambos em côro.

—Pois por muitos annos e bons—disse-lhes o brazileiro.

Tirou da algibeira do collete branco um relogio de oiro, viu as horas, e voltando-se para o Nogueira:

—São horas. Tem lá em cima tudo preparado, hein?

—Está tudo prompto—respondeu o ferragista.

O Silva voltou-se para os lavradores, e disse-lhes:

—Subam lá cima com este senhor, que eu espero-os aqui. Não se demorem.

A tia Anna e homem subiram a uma sala do primeiro andar. Sobre um canapé de palhinha estava estendido um casaco preto, um par de calças, um par de botas e um chapéu

alto de seda. Ao lado havia um vestido de seda preta com folhos, um chale de cachemira, uns sapatos de duraque, um chapéu de velludo carmezim com flores amarellas e plumas brancas.

Entrou na sala uma creada velha das manas do Nogueira, tomou nos braços o vestido de seda, o chapéu, o chale e os sapatos, e pediu á tia Anna que a seguisse ao gabinete proximo.

O caixeiro da loja ficou só com o lavrador. Disse-lhe que mudasse o fato de aldeão que trajava e o substituisse por aquelle que via ali.

—Mas... oppoz timidamente o pobre do homem.

—Eu ajudo-o, eu ajudo-o. Ande depressa.

E, á pressa, atabalhoadamente, tirou-lhe a niza, o collete amarello e as calças de saragoça.

Quando o homem se sentou n'uma cadeira para enfiar o cano das botas, caíam-lhe da testa bagas de suor copioso.

Estava afflicto, quasi apoplectico, com o laço da gravata a apertar-lhe a garganta, como se fosse a corda de um enforcado.

Aquelle casaco pesava-lhe nos hombros como uma armadura de aço de D. João II.

Abriu-se a porta do gabinete e appareceu a tia Anna vestida de senhora. Oh! Os pés estorciam-se-lhe nos sapatos, o chapéu caía-lhe para a nuca! A creada vinha atrás, a passo, como aia que segue uma rainha; e, lançando um olhar e sorriso maliciosos ao caixeiro, dizia:

—Hein? Estão que nem dois fidalgos!

Marido e mulher empallideceram e tremeram quando se viram n'aquelles trajes. Despertou-lhes na consciencia o sentimento do ridiculo.

Entreolharam-se mudos, contrafeitos, e desceram ambos, com muito custo, amparados ao corrimão, os degraus da escada até á loja.

E a creada e o caixeiro, que os viam do patamar, abafavam com a mão na bôca as gargalhadas da troça.

—Ai! o diacho da velha —exclamava a creada a rir— que me parece mesmo um entrudo!

*
* *

Entraram ambos na photographia *Fritz*, da rua do Almada.

O socio do filho explicou ao retratista como desejava o grupo.

Passaram ao *atelier*, muito desconfiados. a olharem-se de soslaio.

O homem bufava, a suar constantemente.

Foram collocados no fóco, um ao pé do outro, com uma mesa de permeio, e por detrás com um reposteiro azul, que caia em amplas dobras sobre o tapete. Quando o photographo assestou sobre elles a lente da machina, retirou de repente a cabeça de sob o panno de velludo preto que o cobria, e observou espantado:

—Então vocemecês estão a chorar?!

Enxugaram os olhos á pressa, e collocaram-se na mesma posição.

Á segunda tentativa, porém, as lagrimas e os soluços irromperam violentos; e o homem da tia Anna, afastando-se da mesa, dirigiu-se ao socio do filho, e expoz-lhe, a chorar:

—Com'assim, meu senhor, nós não tiramos o retrato. E, enxugando as lagrimas ao canhão do casaco, continuou:—Nada; escreva v. s.ª ao meu José, e diga-lhe que não senhor, que... não póde ser!... Se elle não

quer mostrar á senhora o retrato que lhe mandámos, é o mesmo, que diga... que já não tem pae, nem mãe!

Aqui foi um soluçar afflictivo e um abanar convulsivo de cabeça, que deixou estarrecido o brazileiro.

A tia Anna concordava com o marido:

—Diga-lhe, meu senhor, que nós —dizia ella com voz tremula— que... morremos, sim, que já morremos... ambos!

*
* *

Na tarde d'esse mesmo dia, quando os ultimos raios do sol poente purpurisavam a cumiada das montanhas, e pelos respaldos dos outeiros vinham descendo as sombras esfumadas do crepusculo, voltavam ambos para a Izabellinha.

Sentavam-se repetidas vezes na orla do caminho, a fingir que a distancia os fatigava! Permaneciam silenciosos durante alguns minutos, um ao lado do outro, com os olhos esmorecidos e roxos de chorar.

Mas o homem, quando via rebentar as lagrimas nos olhos da mulher. fazia-se forte,

continha a commoção, e dizia-lhe baixo, a sorrir contrafeito, acotovellando-a de esguelha:

—Então, ó Anna! Ai! que já não tenho companheira para as romarias!

E era triste ver então aquelles dois velhos seguirem para a sua aldeia, a pé, cabisbaixos, a suspirarem de quando em quando, com o coração retalhado pela mais cruel das decepções!

V

NEM ESCULPTURA NEM PINTURA...

Á Ex.ma Sr.a Condessa do Paço do Lumiar

Nem esculptura, nem pintura — dizia o general.

E n'aquella inabalavel insistencia, em não deixar que a filha aprendesse esculptura nem pintura, havia uma expressão de tamanha tristeza, o seu rosto pallido contrahia-se de um modo tão pungente, que me deixou para sempre no espirito uma impressão extraordinaria!

— Nem esculptura, nem pintura.

E levantou-se agitado da cadeira, passando as mãos tremulas pela testa, como se quizesse afastar uma idéa que o atormentava!

Carolina, a filha, quando eu saía, esperou-me á porta da sala, e disse-me baixo, com uma voz supplicante:

—Meu amigo, veja se resolve o papá. Sinto tanta vocação!...

E com os seus grandes olhos azues fitos nos meus, retendo-me ambas as mãos nas suas, insistiu:

—Sim, meu amigo? Sim?

Era um encanto!

Imagine-se que Carolina, que tinha então dezoito annos, era alta, airosa, de cabellos alisados á Bressant, com uns graciosos caracoes a brincarem-lhe sobre a testa. Depois, muito elegante, franzina, e com o corpete longo do vestido a cingil-a como uma couraça de setim...

Fallava-nos sempre com um sorriso adoravel, deixando entrever uma pontinha dos dentes, uma covinha no meio das faces, a cabecinha de lado, na postura humilde e carinhosa de uma pomba! Não se podia resistir a um pedido seu.

Eu respondi logo que sim; mas façam idéa como saí de casa! Toda a santa noite passei a resolver a maneira de convencer o general. Diabo! elle era teimoso, quasi invencivel; mas adorava a filha.

Todas as tardes, depois do café, vinha com ella para o terraço, encostava a cabeça no seu hombro, e ali ficava horas e horas, ouvindo-a ler o romance predilecto, encantado d'aquella voz que suavisava tanto a leitura!

No dia seguinte, quando entrei, era já no fim do jantar.

O general estava mais pallido; e logo que eu appareci na sala, enrugou-se-lhe a testa, dissimulando a custo a má impressão da minha presença.

Carolina, apenas acabou o jantar, retirou-se para o quarto, e deixou-nos a sós.

Saí para o terraço com o general, accendemos os nossos charutos; e, ainda antes de eu principiar a fallar, fixou-me elle vivamente excitado, de cenho carregado, com uma expressão de dôr que o transfigurava.

—Quero dizer-lhe hoje a rasão da minha recusa ao pedido que hontem me fez. O senhor bem sabe quanto eu adoro a minha fi-

lha, sabe quanto sou extremoso por aquella creança, como procuro sempre adivinhar-lhe os minimos desejos...

—Mas então, general...

—Mas —interrompeu elle, impondo-me silencio com um gesto— mas é por isso mesmo, por querer evitar-lhe a mais ligeira sombra de desgosto, que insisto cruelmente na minha resolução.

Sentou-se defronte de mim, reclinou a cabeça no espaldar da cadeira, e proseguiu pausadamente:

—Nunca conheceu minha mulher? Era uma santa de formosura e de virtude. Tinha eu mais vinte annos do que ella, quando a conheci, uma noite, n'um baile do ministro inglez. Passados seis mezes do nosso primeiro encontro, casámos.

Minha mulher tinha recebido uma educação esmerada. Filha de um distincto diplomata portuguez, desde os mais tenros annos principiou a viajar por quasi todas as côrtes da Europa. Quando seu pae foi nomeado ministro em Italia, junto do Vaticano, Leopoldina esteve ali perto de sete annos. Os raros dotes da sua intelligencia de artista encantavam

os que a ouviam. De um caracter naturalmente

melancolico, quasi romanesco, o espirito mais

propenso para admirar os productos da imaginação, do que para attender ás realidades prosaicas da vida, todas as obras dos grandes artistas a maravilhavam.

Visitava sempre os museus, e, por isso, eram-lhes familiares os quadros e as estatuas dos auctores mais notaveis.

O ministro, vendo a paixão dominadora da filha, convidou um artista affamado de Roma para lhe ensinar esculptura.

Leopoldina revelou desde as primeiras lições uma vocação excepcional.

Depois que casei, de longe em longe, pedia-me para fazer o meu busto em gesso; eu, porém, esquivava-me sempre, nem sei dizer-lhe porque...

Ao cabo de tres annos de casados, tinhamos dois filhos: Carolina, que é a creança que o senhor conhece, e um filho, que se chamou Luiz, e que morreu, tendo apenas quatro annos de idade.

Foi por esse tempo que Leopoldina me disse que queria esculpir em grupo a cabeça das duas creanças.

—Oh! meu amigo —exclamou o general, pondo os olhos no céu— que deliciosos mo-

mentos eu passei então no *atelier* de minha mulher!

Imagine. As duas creanças sentadas sobre a mesma almofada, pousando uma um beijo na bôca da outra. Eu, ao lado, cheio de enthusiasmo e de orgulho, contemplava o talento com que a esculptora ía revivendo n'um pedaço de barro informe e tosco os perfis adoraveis dos meus filhos!

Debaixo dos seus dedos esguios, delicados, de uma brancura de jaspe, as duas cabeças íam apparecendo, avultando, surgindo pouco a pouco, feição por feição, quasi como que por um encanto!...

—Um dia, porém — continuou o general depois de uma longa pausa — inesperadamente, o pequenito adoeceu.

A cabeça da filha estava admiravelmente acabada; mas a cabeça do irmãosinho, apenas esboçada, entrevia-se já como se fosse através de um véu pouco espesso.

A creança teve um soffrimento horrivel durante tres dias, e morreu ao quarto de uma meningite!

Minha pobre mulher endoudeceu em seguida á morte do filho.

Então, meu caro amigo, cortava o coração ver aquella desgraçada louca, sempre que chamava para junto de si a filha e a beijava, procurar anciosa, de um lado e do outro, a cabecinha loura do Luiz. Havia um leve sorriso nos seus labios, quando os estendia em procura da bôca do filho... Depois, caía n'um abatimento profundo, muito triste, de olhos fixos no chão, com um movimento tremulo dos dedos, desenhando incerta no espaço o perfil de uma cabeça de creança!...

No momento em que ía morrer, pediu-me supplicante, de mãos postas, que lhe approximasse do leito os *seus filhos*.

Levantei nos braços a Carolina e approximei-a, para receber o ultimo beijo da mãe.

Ella, então, quasi a expirar, pousou um beijo longo na bôca da creança, ergueu-se com esforço no leito, procurando hesitante com as mãos a cabeça do filho, e desfalleceu, pouco a pouco, soluçando, com os dedos tremulos a moverem-se vagamente no espaço...

Exhalou o ultimo suspiro a sorrir!...

Ai! É o sorriso consolador de toda a mãe, que, ao morrer, entrevê já na eternidade a imagem querida do filho que a espera!

O general escondeu o rosto nas mãos, e esteve assim algum tempo a chorar.

Quando se levantou, caminhou direito para mim, abraçou-me commovido, e disse:

—Já vê! Nem esculptura, nem pintura!

VI

O ABANDONO DO MOINHO

Á Ex.ma Sr.a Viscondessa de Pindella, D. Amalia

Junto á porta da azenha estava o macho intonso, preso pelo cabresto a uma argola da parede.

Emquanto o não carregavam voltava melancolicamente a cabeça para o lado, estendia o pescoço lanudo, e ía tosando uma moita de silvas, que murava o atalho.

De entre o ruido tremulo da mó e o marulho da levada, caíndo do cubo nas pennas do rodisio, em baixo, ouvia-se gritar lá dentro:

—Anda d'ahi, que são horas. Avia-te.

Depois, appareceu á porta o moleiro, com o chapéu enfarinhado caído para o hombro esquerdo, segurando no hombro direito o taleigo da fornada. Vinha ainda a gritar:

—Despacha-te, rapariga. Mexe-te, filha.

E atirou com o folle para cima da besta. A moça veiu depois, e carregou-a com um folle do outro lado. Atiraram-lhe em seguida a cilha para cima; e o moleiro com o joelho fincado na barriga do macho, principiou a apertar a carga, torneando o arrocho com esforço.

—Prompto! Põe-te já a caminho, que eu não me dilato, Therezinha.

Apenas se julgou fóra do alcance da vista do pae, que se deixou ficar á porta, com uma perna cruzada sobre a outra, o chapéu braguez derrubado para os olhos, a vel-a subir a encosta, a rapariga saltou para cima do macho, ageitou-se no meio dos taleigos, e continuou pelo atalho acima, a cantar:

Ao passar hoje no rio
Vi nas aguas o teu rosto;
Cuidei que ías na levada...
Ai! coração, que desgosto!

E ao ver o teu rosto ali
(O que são coisas do mundo!)
Cuidei logo que uma estrella
Tivesse caído ao fundo.

O moleiro voltou para dentro, a prover a moega de grão; enfiou depois a jaqueta de cutim axadrezado, calçou as sapatas ferradas, que tinha a um canto, fechou por fóra a porta da azenha, arrecadou a chave, e abalou na piugada da filha.

Assim que chegou a meio do atalho, cortou á esquerda por uma quelha pedregosa, atravessou por um carreiro, que costeava uma bouça; e, fincando as mãos no muro tosco de rebos, saltou de um pulo para o meio da estrada.

Corriam os primeiros dias de março.

Como tinha descampado havia pouco tempo, os caminhos estavam lamacentos, sulcados pelas rodas dos carros; e nas terras baixas viam-se ainda as aguas da chuva empoçadas e cobertas de limo. O céu era de um azul crystallino, a atmosphera muito limpida; e, ao meio-dia, quando o sol caía de alto nos prados, até parece que as roxas

previncas, as flores amarellas do trevo e as margaridas, retrahiam as corollas ao peso abafadiço do calor! Nos ramos folhudos dos carvalhos e dos pecegueiros, que já floreciam, os melros assobiavam alegres, e no fundo azul do firmamento destacavam-se duas borboletas brancas que voavam de entre os silvados, subindo, subindo sempre, a tremer, n'um raio de sol dourado! Oh! era encantador!

O moleiro apenas escalou o muro tosco da bouça, parou um instante, collocando a mão sobre os olhos, como uma pala, para ver se lobrigava a filha. A distancia de trinta metros a estrada volteava para a direita. Uma copada deveza de sobreiros, ao fundo, não o deixava enxergar por alem. Por isso, foi continuando por ali fóra, apertando mais o passo, com os braços bamboleantes e a esbofar de calor.

De um lado e do outro, nos campos, fazia-se a lavoura. Duas juntas de bois castanhos, aguilhoados pelo lavrador, tiravam lentamente o arado, que ia levantando e revolvendo a leiva. Áquem e alem, no declive do monte, de entre a verdura tenra da enfesta, alvejavam as frontarias caiadas de alguns ca-

salejos, batidos do sol do meio-dia. Era um calor de rachar!

De um atalho, que ía dar á igreja, surgiu o sr. abbade montado na sua egua, oh! uma boa egua de abbade, gorda, pacifica e mansa que nem uma ovelha. Sua reverencia vinha abrigado por um enorme guarda-sol de panninho azul, e o seu ventre redondo e farto oscillava pachorrentamente ao chouto pesado da cavalgadura.

—O José moleiro, —chamou elle com voz de papo.— Eh! homem! Tu vaes á cata dos francezes?

O moleiro descobriu-se respeitosamente, e enxugando o suor da testa á manga da vestia, respondeu-lhe:

—Vou ver se topo a minha Thereza, que foi levar a fornada da outra banda, a casa da morgada.

O abbade, do alto da egua, continuou:

—Vi-a hontem; e olha que está féra e bonita.

—Escorreitinha é ella, graças a Deus,— disse o José, seguindo ao lado o passo da cavalgadura.

—E é moça de tino, —proseguiu o padre circumspectamente,— mas tem-me cuidado n'ella, que olha o demo, José, quando as arma, escolhe sempre do melhor, ouviste?

Mais adiante, ao passarem por um quinchoso, a cujo muro estava debruçada uma rapariga esguedelhada, com os braços pendentes para fóra, perguntou-lhe o abbade:

—Que é de teu pae, ó cachópa?

—Está a trabalhar nas obras do rio, sr. abbade,—respondeu ella, córando.

O abbade esporeou a egua, e disse para si:

—Elle é bem melhor ganhar o pão ao pé da porta, lá isso, não tem duvida.

—Pois quant'é!—concordou o moleiro, acenando affirmativamente a cabeça.

E continuaram ambos pela estrada, até a uma cangosta, por onde o abbade metteu, deixando só o José moleiro.

O caminho agora descia, até ao rio, onde andavam as obras da ponte nova. Já de longe se avistavam os trabalhadores.

Havia ali um grande movimento de gente. Por entre o tronco nú dos salgueiros, viam-se já as primeiras pedras do arco, subindo pelo *simples* de madeira, que se levantava de uma á outra margem.

Uma fileira de mulheres e creanças passava constantemente da draga do areal com cestos carregados á cabeça. Antes de chegar

ao rio, a estrada apparecia toda coberta de cascalho, que reluzia á luz intensa do meio dia.

Como as aguas tinham diminuido, uma barca com linguetas levadiças á proa e á popa, que no inverno servia de transporte, como uma jangada, estava da outra banda, presa por amarras aos troncos de dois amieiros. As pessoas que tinham de atravessar o rio íam pelas alpondras desanegadas; mas quando acontecia apparecer uma cavalgadura, então era preciso que os trabalhadores lançassem sobre as pedras duas pranchas largas, que serviam de passadiço.

Quando a filha do moleiro chegou ao rio e ía a metter o macho na agua, um dos homens que ali estava gritou-lhe:

—Não mettas o burro á agua, rapariga; olha que te afogas e mais elle. Espera que eu lá vou.

A rapariga soffreou o macho e esperou.

Ao approximar-se o homem com a prancha de pinho levantada ao alto, o macho espantou-se, empinou as orelhas, recuou de subito e, de um salto, atirou comsigo e com a rapariga ao rio.

O trabalhador, que viu aquillo, principiou a gritar por soccorro. Acudiram os outros; mas, quando chegaram, o macho tinha seguido para o meio, onde a corrente do rio era mais impetuosa e fazia redemoinho. A filha do moleiro caíu para o lado, estonteada do sobresalto e da sensação do frio; e os homens que lhe gritaram da terra viam-n'a seguir a cavalgadura com a mão presa na extremidade do cabresto.

N'esse momento, um homem que corria, muito afflicto, pela vereda abaixo, logo que chegou á margem, atirou com o chapéu para a banda, e lançou-se de repente ao rio; mas apenas a agua lhe bateu pelo tronco, estremeceu todo, bracejou um instante e appareceu estirado á flôr da agua, a boiar, com as faces roxas da congestão.

*
* *

Quando ía ver as obras do rio —era esse o meu divertimento— façam idéa como eu fiquei!

Sobre uma escada de mão, trazida como uma padiola por quatro robustos trabalha-

dores do rio, vinha estendido de costas o pobre José moleiro, com a bôca entre-aberta, os olhos vidrados e os labios roxos.

Mais adiante, a dez passos, no meio da agglomeração curiosa de homens, de mulheres e de creanças, que commentavam e lamentavam o caso, descobri a desgraçadaTherezinha, morta, deitada sobre a terra, com a saia de chita collada ao corpo pelo peso da agua, deixando ver o contorno juvenil dos seus membros inteiriçados.

Ao lado, o macho, a escorrer, com a cabeça pendida e os grandes olhos fitos no chão, estava n'aquelle doloroso abatimento, em que deve precisamente ficar um homem, depois de se lhe ter disparado a espingarda contra o peito de um amigo!

E até parece que, diante d'aquelle quadro funebre, os salgueiros do rio, debruçando-se melancolicos sobre as aguas, entoavam, balouçados pela aragem, uma vaga lamentação de tristeza!

*
* *

Ao passar, alta noite, pelo atalho da azenha, ouvia-se lá dentro o ruido tremulo da

mó, o marulho triste da levada; e, como fazia um luar de primavera, vi destacar-se claramente no fundo azul do céu, agachada sobre o esgalho nodoso de uma figueira, que ficava ao lado —em vez do alegre rouxinol, que ali cantava todas as noites— uma coruja muito grande, a piar, a piar...

VII

O SONHO DA NOVIÇA

Á Ex.ma Sr.a Condessa de Mello e Villa Real

Quando Gertrudes chegou á portaria, acompanhada da tia e do primo, no relogio da torre do convento bateram pausadamente cinco horas da tarde.

O mosteiro de Santa Clara ficava situado no respaldo de uma collina e emboscado n'uma deveza de carvalhos.

Era nos primeiros dias de novembro. O céu, toldado de nuvens, que corriam para o norte batidas de um vento aspero, estava de uma tristeza indefinivel. Ás vezes, uma nu-

vem mais densa, côr de chumbo e pesada escurecia o firmamento, e uma chuva miudinha, como um borrifo, caía então obliquamente. Quando passava a chuva, um pé de vento forte e rasteiro levantava em redemoinho as folhas amarellecidas do outono, que alastravam o chão.

A fabrica do convento era pobre, de frontaria humilde; e as paredes escuras e deterioradas pelo decurso dos annos accentuavam o conspecto melancolico e lugubre da clausura.

Em um nicho fronteiro á porta da entrada, apparecia a imagem de Santa Clara, vestida com o habito de freira, os olhos extacticos levantados para o céu, suspendendo, com fervor ascetico, nas mãos brancas, uma custodia dourada. Debaixo do habito appareciam os pés da santa, quasi nús, cruzados no peito pelos atilhos amarellos das alpargatas.

Diante do nicho, uma lampada de ferro, pendente de um carritel, oscillava como um thuribulo; e a luz tenue da lamparina bruxuleava a espaços, ainda esmorecida na claridade poente do dia.

Antes de entrar, esteve Gertrudes com a cabeça descaída sobre o hombro da tia, a cho-

rar; depois, cingiu-a estremecida no derradeiro abraço, soluçando:

—Adeus, minha tia, adeus!

Approximou-se de Matheus, que assistia do lado pallido e tremulo áquella separação, abriu os braços para o apertar, e disse-lhe com voz debil, fitando n'elle os olhos rasos de lagrimas:

—Matheus!...

E transpoz soluçante e opprimida o limiar do convento.

*
* *

A communidade viera receber á entrada, seguindo as praxes conventuaes, a soluçante noviça. As freiras professas e as recolhidas estavam dispostas em duas filas, tendo á frente a madre abbadessa, já muito velha, arrimada a um baculo de prata lavrado.

Aquella sala de recepção era humida, espaçosa, fria e soturna. Entrava-lhe a luz tenue coada pelas rexas oxidadas de duas frestas, que davam para o claustro. Ao fundo, sobre um altar e no meio de duas jarras com palmas e flores artificiaes, estava a imagem

de um Christo de metal amarello, com os braços abertos cravados nos braços de uma cruz de jacarandá. No peito nú e descarnado do Christo reflectia-se, como uma chaga viva, a luz vermelha da lampada de latão suspensa do docel.

A escrivã passou o braço com protectiva ternura á cinta de Gertrudes, e encaminhou-a para diante da abbadessa, dizendo-lhe a meia voz:

—Beije a mão á nossa madre abbadessa, menina.

Gertrudes baixou os labios á mão tremula da freira, e recebeu, n'uma postura humilde, com os olhos fechados, o abraço receptivo. Em seguida abraçou-a a escrivã; e depois, de abraço em abraço, foi Gertrudes passando todas as freiras e senhoras recolhidas até á derradeira.

*
* *

Abria para a cerca a janella estreita da cella de Gertrudes.

Avistava-se ao longe, recortada no azul limpido do céu, a cumiada alvacenta e escalvada de uma serra.

Mais abaixo, por entre a verdura da encosta, descia a estrada em largas curvas, como uma fita que se vinha desenrolando e alargando pelo monte.

Ao meio dia, quando o sol caía perpendicular, a diligencia subia vagarosamente, levantando espessas nuvens de pó. Viam-se os almocreves, que vinham á cidade, trazendo pela arreata a recova dos machos.

Em madrugadas serenas, ouvia-se até o chiar longinquo dos carros de bois pelos atalhos das aldeias, o telintar monotono das campainhas dos machos e o estalido secco do chicote da mala-posta.

Um dia, logo que saíu do refeitorio, emquanto as freiras se recolhiam ás cellas para dormir a somnéca da sésta, dirigiu-se Gertrudes para a cerca.

Era uma hora da tarde.

Na horta, ás largas folhas das couves pendiam desmaiadas com o calor intenso da estiagem. Na ramaria verde do pomar rumorejava uma viração agradavel. Em torno á folhagem escura das laranjeiras, na vibração da luz, agitava-se uma nuvem transparente de *ephemeros*.

Por debaixo das latadas passeiavam de braço dado algumas meninas recolhidas.

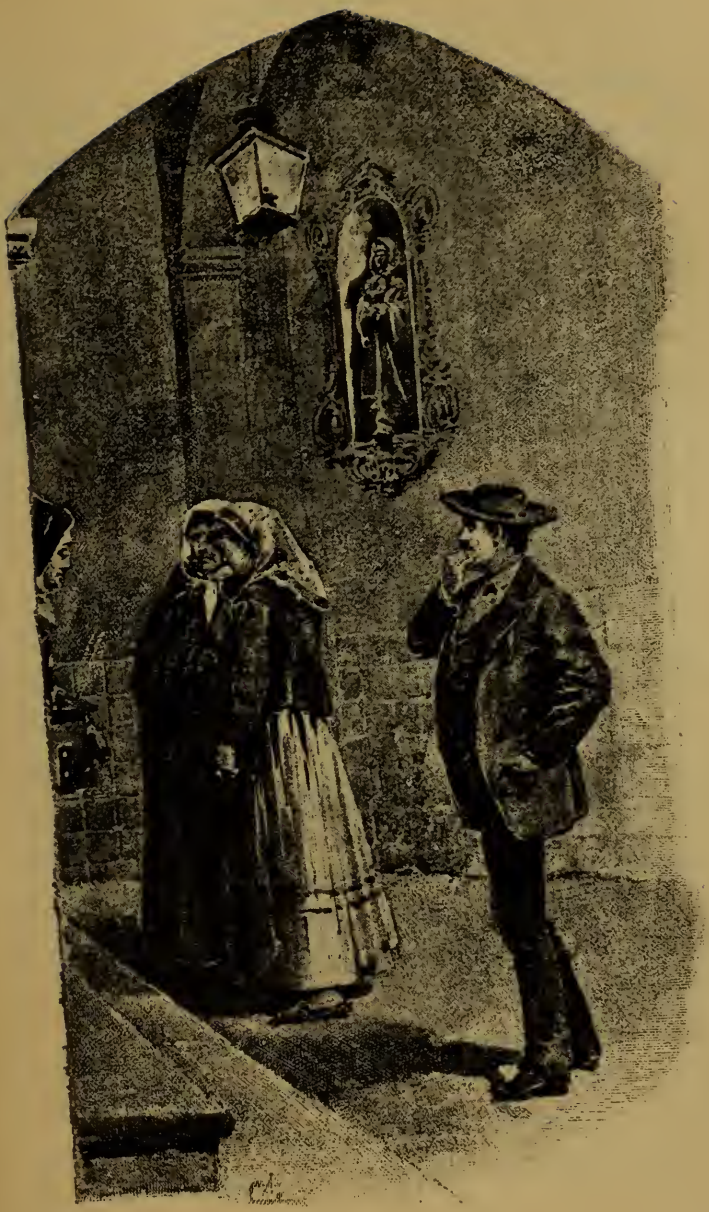
Gertrudes seguiu sósinha, cosida com o muro, por onde havia uma esteira de sombra. Ao fundo da cerca, encostado ao tronco de uma magnolia, que projectava no saibro secco e faiscante da rua uma larga sombra, havia um banco de pedra.

Gertrudes sentou-se, tirou do bolso do avental um livro brochado, e abriu-o cuidadosamente, retirando com as pontas dos dedos, de entre as folhas marcadas, um grande *amor-perfeito* já mirrado e desbotado.

Ao cabo de alguns minutos de concentrada leitura ouviu pipillar em cima.

Na extremidade de um ramo, que balouçava de leve, chilreava um passarinho, inclinado para baixo, entreabrindo assustado, com fremitos, as azas. Gertrudes pousou ò livro de banda, subiu ao banco, e, fincando-se na ponta dos pés, aprumou-se para espreitar.

Entallado n'um esgalho e meio occulto na folhagem, havia um ninho fôfo e tepido, do qual surdiam duas cabecinhas pennujentas. Pousada no rebordo do ninho, estava uma toutinegra, ministrando o alimento aos filhos.



Gertrudes estava encantada! Até suspendia a respiração, com receio de perturbar a tranquillidade do ninho!

*
* *

Á noite, com a cabeça deitada sobre a brancura virginal do travesseiro, a noviça suspirava e sorria, acalentada n'um sonho de creança!

Ora vejam!

Estava de pé, sobre o banco da cerca, espreitando o ninho da magnolia. Os passarinhos implumes abriam soffregos o bico para receberem da mãe o alimento.

Gertrudes identificava-se tanto com o que via, que —em sonho— chegou a sentir o goso ineffavel da mãe que administra o sustento aos filhos. As cabeças pennujentas dos passaros do ninho —que graça!— já lhe pareciam duas cabecinhas louras de creança deitadas no mesmo berço!

E o passaro que chilreava em cima, alcandorado no ramo superior, foi perdendo, pouco a pouco, a fórma que tinha e —como a gente vê n'um quadro dissolvente— foi transfor-

mando a cabeça pequenina de ave n'uma cabeça de homem, com cabellos annellados, os olhos pretos e vivos, o bigode farto, e um doce sorriso de pae...

E entreviu, então, Gertrudes, através de uma nuvem côr de rosa, em que o seu espirito se emballava, a imagem clara do primo Matheus, que a contemplava, a sorrir!...

VIII

O ENGEITADO

Á Ex.ma Sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

A Joaquina do Espinhal tinha ido, no fim da tarde, lavar ao rio a roupa dos pequenos. Era no mez de dezembro. A agua corria por entre os choupos, fria e levemente encrespada pela brisa que soprava do norte. Joaquina do Espinhal, com as saias arregaçadas na cintura, as pernas mettidas na agua até ao joelho, ensaboava a roupa e batia-a com força sobre a pedra poida e lustrosa do lavadouro.

Da outra banda, pelo carreiro que havia á beira do rio, passou o filho do moleiro a

tanger os machos. O rapaz ía transido de frio, com a gola da jaqueta apanhada para as orelhas, a assobiar alto. Assim que reconheceu a lavadeira, parou, fincou a mão ao tronco de uma arvore, e, debruçando-se sobre o rio, perguntou de lá:

—Vocemecê não tem frio?

A Joaquina aprumou-se e respondeu:

—Ai! és tu, Jeronymo! Frio? Quem falla n'isso? Quando a gente tem filhos, não deita conta a nada. Onde ides?

—Vou levar a fornada a casa do sr. doutor.

—Pois vae com Deus, vae.

Mas o rapaz deixou-se ficar immovel a olhar para ella. Os machos íam tosando nas silvas.

—Que frio! —exclamava elle todo arripiado.— Credo! Se eu a visse ahi de noite, diabos me levem se não deitava a fugir com medo!

A lavadeira ria-se.

—Medo de quê, rapaz?

—Sume-te! —dizia o moleiro.— De noite, só as bruxas é que vem lavar aos rios... Adeusinho, tia Joaquina.

—Adeus, ó Jeronymo.

Era já noite quando a Joaquina voltou para casa, carregada com o alguidar da roupa molhada á cabeça. Atravessou uma bouça; e, quando ía a transpor o portello, que dava para a estrada, estacou de repente. Tinha ouvido uns gemidos vagos ali perto. Debaixo da lage do portello, por entre o tojo, alvejava alguma cousa que se movia. Cuidou ao principio que fosse um cão; e ía a dar-lhe com a ponteira da chinella, quando os gemidos se repetiram.

—Elle que dianho é?

Pousou resolutamente o alguidar no primeiro degrau do portello, abaixou-se para examinar de perto, e, ao levantar uma ponta da trouxa, viu uma creança recemnascida, núa, embrulhada n'um lençol velho. Tomou logo a creança nos braços, e, achegando-a ao calor do peito, exclamava commovida:

—Ó meu rico filho! Que grande cadella foi a tua mãe! Que grande desavergonhada!

Quando entrou em casa, o marido estava com os dois pequenos sentado ao calor da lareira. A Joaquina correu o ferrolho interior da porta, e, chegando-se junto do homem, apresentou-lhe nos braços o engeitado.

—Aqui tens este leitão.

O João do Espinhal poz-se logo de pé muito espantado. A creança, livida de frio, ao sentir o calor do lume, agitava-se no lençol, abria os olhos e a bôca, procurando com impaciencia e avidez o leite do seio materno.

—Meu rico anjinho! —exclamava a Joaquina, bafejando-lhe as mãosinhas.— Que frio e que fome que tu tens!

Referiu ao homem como encontrára, ao voltar do rio, aquelle innocentinho abandonado no meio do tojo.

—Se o não topo no caminho, a creancinha a esta hora tinha morrido de frio.

—Mas tu que lhe queres fazer?—perguntou o marido, passado um momento de surpreza.

—Que lhe quero fazer?! Vou d'aqui pedir á mulher do Cosme que chegue o peito a este innocente; e ámanhã veremos então a volta que lhe hei de dar.

O João, immovel e calado, com os olhos postos na labareda da lareira, coçava a nuca. O que elle não queria era augmentar os encargos da familia com mais um estranho. A feria de pedreiro, que recebia aos sabbados,

mal lhe chegava para o sustento da mulher e dos dois filhos; agora, se a Joaquina teimasse em ficar com o engeitado...

—É uma dos diabos!—pensava elle, franzindo os beiços.

A Joaquina saíu de casa com a creança ao collo, e voltou pouco depois, explicando ao homem o que tinha succedido. A Josefa do Cosme tomava conta do innocente, chegava-lhe o peito; mas queria que alguem desse parte ao regedor, porque não estava para se metter em trabalhos.

—Porque —dizia a mulher— o leite que tenho, graças a Deus, chega bem para elle, sem o tirar á filha; mas, sr.ª Joaquina, é preciso que alguem de futuro tome conta da creança...

A Joaquina combinou com a vizinha irem no dia seguinte a casa do regedor; e depois talvez que o fidalgo da Tojeira tivesse dó do engeitadinho, e tomasse conta d'elle. E senão, —insistia ella— tomo eu! Pois! Onde houver um bocado de pão para os filhos, ha de haver uma migalha para o innocente.

O João ouvia isto contrariado e sisudo, mas sem replicar. Mandou deitar os peque-

nos. Quando despiu a jaqueta, para se metter tambem na cama, encostou-se á ilharga da enxerga, e voltando-se para a mulher perguntou:

—Mas, ó mulher, e se o fidalgo o não quizer? Sim; vamos a futurar que o fidalgo, que é teimoso como burro, não está por o que vocês lhe dizem?

—Adeus! —replicou peremptoriamente a Joaquina, encolhendo os hombros.— Ao monte não atiro eu outra vez o innocente!

No dia seguinte, a Josefa do Cosme vestiu uma camisa velha á creança, embrulhou-a n'uma baeta escarlate, e com ella ao collo, foi ter com a Joaquina. Saíram ambas para casa do regedor. A Joaquina referiu o caso, com grandes injurias contra a desalmada que abandonou assim o filho por um inverno d'aquelles! O regedor, que era sujeito circumspecto e methodico, entendia que o verdadeiro era irem d'ali a casa do abbade.

—Primeiro que tudo, mulheres —ponderou elle— vamos a fazer d'isto uma alma christã. Uma de vocês serve-lhe de madrinha, e então o fidalgo, se estiver por isso, que seja o padrinho.

Pozeram-se a caminho da residencia.

O abbade tinha engrolado á pressa o latim da missa do dia, com grande appetite do café quente do almoço. Ia a saír apressadamente da igreja, quando viu entrar no adro as duas mulheres acompanhadas pelo regedor.

—Vae torta! —resmungou elle, a tiritar de frio, com as mãos entanguidas enfiadas nos bolsos das calças. Parou no limiar; e, logo que ellas se approximaram:— Que temos? Perguntou com modo desabrido, batendo com ambos os pés na soleira da porta.

A Joaquina repetiu outra vez diante do abbade o mesmo que tinha dito ao regedor.

—Mas quem será a mãe? —perguntava elle, tentando descobrir nas feições indecisas da creança uma denuncia.

—Quem sabe lá, sr. abbade—dizia a Josefa. E com a dobra da mantilha resguardava dos olhares cupidos e profanos do padre o peito alvo e apojado em que a creança mamava.

—Mas que grande bebeda, sr. abbade! —rosnava a Joaquina.— Que grande... com licença de v. sr.ª... que grande cabra!

O abbade replicou-lhe:

—Não insulte as cabras, mulher; não insulte as cabras, que essas não engeitam os filhos.

Combinou-se ali em que as duas mulheres fossem pedir ao morgado para ser o padrinho.

—E se elle acceder —disse o abbade, safando-se para a residencia— mandem-me parte, que eu baptiso-o hoje mesmo. Vivam!

O fidalgo da Tojeira era madrugador. Andava já a passeiar ao sol da varanda alpendrada da casa, quando o creado lhe veiu annunciar que a do João do Espinhal e a do Cosme lhe queriam fallar.

—Que venham aqui.

Entrou, á frente, a Joaquina do Espinhal, seguida da mulher do Cosme. Ao principio, o morgado disse que não. Na sua opinião, quem faz os filhos que os crie. Elle não estava ali para remediar as poucas vergonhas do mundo. A Joaquina, porém, não desanimava; e, emquanto o fidalgo passeiava ao longo da varanda, obstinado no seu proposito, a mulher ajuntava supplica sobre supplica, e nas costas d'elle ia piscando o olho

matreiro á vizinha. Instado por fortes rasões humanitarias, o fidalgo cedeu.

—Pois bem — disse elle, parando do seu passeio.— Eu irei ser o padrinho; mas uma de vocês que se encarregue de o crear.

O engeitado foi baptisado ás tres horas da tarde d'esse mesmo dia. Na sacristia o abbade, emquanto enfiava a sobrepeliz em frente do arcaz, lamentava que se tivesse dado aquelle caso na freguezia.

—Mas quem será o maroto do pae!—perguntava o fidalgo.

—Quem sabe lá, sr. D. Bernardo! Nem talvez a propria mãe! Isto hoje, meu senhor, o mundo vae todo assim.

D. Bernardo, quando se offerecia ensejo, gostava de chalacear.

—Pois, abbade —replicou elle— pae tem a creança; salvo se ellas fazem como as eguas de Virgilio, lembra-se?

..... et saepa sine ullis
Conjugiis vento gravidae (mirabile dictu!)

O pequeno recebeu na pia baptismal o nome de Simão. Foi o que occorreu á lembrança do padrinho, que tivera assim cha-

mado outro afilhado, morto de meningite uma semana depois de baptisado.

*
* *

D. Bernardo da Cunha era um velho celibatario, egoista e avarento. Assignava a *Nação* e o *Bem publico;* mas lia o *Primeiro de janeiro,* que lhe dava a cotação exacta dos fundos portuguezes.

Por tradições de familia, dizia-se legitimista, comquanto na sua consciencia os correligionarios enthusiastas e crentes não passassem de um *bando de visionarios.*

Vivia retirado do contacto do mundo, entre as velhas e sombrias paredes do seu solar; mas, á cautela, ía seguindo, dia a dia, as cambalhotas da politica constitucional, e sobretudo a influencia que ella exercia na alta e baixa das inscripções. Era como um passageiro esperto d'esta velha nau combalida e desconjuntada, que tem thesouro com que possa salvar-se, no caso de naufragio!

Quando acontecia que algum velho padre correligionario ía á Tojeira, e fallava com voz pungente da immoralidade dos governos, das

torpezas das eleições, da dissolução dos costumes e da perda irreparavel do paiz, o morgado, ouvidas as lamentações do Jeremias, encrespava nos labios um sorriso zombeteiro, e exclamava:

—Isto, meu caro amigo, está a acabar. É tudo uma bandalheira!

Parecia uma phrase de Tacito, escrevendo *sine ira et studio,* a historia da dissolução dos romanos!

Era senhor de um morgado avultado. Tinha uma irmã mais nova, senhora de cincoenta e nove annos, professa no convento de S. Salvador, em Braga, que lhe escrevia de longe em longe, fallando-lhe muito dos seus achaques, e de todos os santos canonisados do agiologio christão, e dos não canonisados, inclusive o fradinho João da Neiva do Carmo.

D. Bernardo, depois que a Joaquina e a Josefa se retiraram da igreja, chamou de parte o abbade, e perguntou-lhe se devia dar alguma cousa á ama do engeitado e afilhado. O abbade era de opinião que a mulher merecia recompensa.

—Dando-lhe dois pintos cada mez?— perguntou o fidalgo.

—Paga v. ex.ª mui bizarramente, sr. D. Bernardo—disse o padre.

Simão cresceu e medrou. No fim de um anno, ensaiava os primeiros passos ao lado da filha da Josefa. Foram desmamados ao mesmo tempo; e d'ahi por diante, a tigela de sopas era commum dos dois. A Josefa creou uma grande affeição pelo pequeno. Isto causou um grande pasmo entre as vizinhas, que estavam costumadas a ver tratar os engeitados com desapiedado abandono das mulheres que os recebiam.

—Não, que uma cousa assim! —diziam ellas admiradas.— O pequeno parece filho d'ella!

A unica differença sensivel aos olhos dos circumstantes era esta: quando acontecia ir D. Bernardo por casa do Cosme, a mulher obrigava o Simão a beijar a mão do fidalgo, acto respeitoso e humilde a que não sujeitava a filha. O pequeno olhava o padrinho com o terror instinctivo nas creanças para com as pessoas graves, que os não amimam. Mas, a final, o habito quasi lhe venceu a repugnancia, e, ao cabo de dois annos, comquanto a presença do fidalgo ainda o constrangesse e

esfriasse no meio das suas alegres brincadeiras com a Magdalena, chegava-se a elle, humilde, e pedia-lhe a benção, balbuciante e tremulo:

—A sua benção, meu padrinho!

Decorreram os annos, sem alteração digna de chronica no desenvolvimento do rapaz. Saíu delicado de feições, de cabellos castanhos, os olhos claros e uma pelle fina e branca, muito sensivel aos ardores do sol do estio e aos nordestes asperos do inverno.

Se acontecia demorar-se com Magdalena fóra de casa, pelo meio dos campos, com a cabeça exposta ao sol, carminavam-se-lhe as faces, e recolhia a pingar sangue pelo nariz. Á noite a Josefa, quando o deitava, chegava-lhe vinagre ao nariz e aos pulsos, e, apalpando-lhe o ventre, achava-lhe sempre uma pontinha de febre. Este facto entristecia-a.

—És um pelem, meu filho!—dizia-lhe no outro dia, olhando o pequeno com piedosa ternura.

No inverno, constipava-se frequentemente. E emquanto a Magdalena, forte, robusta, sadia, com as bochechas rosadas e luzidias como

uma maçã madura, brincava fóra, chapinhando nas poças do caminho, o Simão ficava em casa, muito enroupado, friorento, agachado a um canto junto da mãe.

Pela volta dos oito annos, o pequeno principiou a andar muito triste. Não queria brincar. Até então, era elle o companheiro inseparavel da Magdalena e dos filhos da Joaquina do Espinhal. Logo que principiava a nascer nos campos o centeio, o Simão preparava as palheiras com o visco, collocava-as em sitio apropriado, e escondido com os amigos entre as giestas dos vallados, espreitava d'ali que os pardaes caíssem. Jogava o eixo e o botão com os rapazes que saíam da escola. A Magdalena preferia-o a todos. Não o largava nunca; e se o Simão, nas duvidas do jogo, se pegava com alguns rapazes mais alentados, Magdalena punha-se da banda d'elle, e arremettia valentemente.

Mas o Simão principiou a não querer saír. Ia a Magdalena para a rua, e ficava elle sósinho em casa, encostado á janella, vendo-a brincar de dentro dos vidros. Andava muito pallido e murcho; e, se se encostava sobre uma caixa, adormecia.

—Tu tens morrinha, rapaz —dizia-lhe a Josefa assustada e afflicta.— Tu, que te doe, menino?

O rapaz não se queixava; mas a Josefa não tinha socego.

Foi um dia de manhã, quando o Simão almoçava ao pé de Magdalena, que a Josefa reparou que elle engolia o pão com esforço. Chamou-o logo junto de si, e apalpou-lhe o pescoço. Sob a pressão dos dedos sentiu a dureza dos ganglios enfartados por detrás das orelhas.

—Tens humores frios, filho! —exclamou ella com uma voz dilacerante.— Doe-te?

As duas creanças, ao verem a cara assustada e afflictiva da mãe, desataram ambas uma risada.

—Não doe nada, não, minha mãe—asseverava elle.

N'esse mesmo dia, a Josefa vestiu-lhe camisa lavada e o melhor fato, e foi com elle a casa do padrinho.

—A Lena não vem?—perguntava o Simão com pena de a deixar só.

Pelo caminho, a idéa da separação aterrava-o.

—Eu não torno a ver a Lena, minha mãe?— insistia elle, virando para a Josefa os olhos supplicantes.

Ao chegarem a casa de D. Bernardo, a mulher explicou o motivo da visita.

—O pequeno saíu enfezadito, meu senhor. Anda triste, come pouco, e agora veja v. ex.ª

E expunha aos olhos do fidalgo o cachaço rubro e inchado do rapaz.

—Apalpe aqui. Vê v. ex.ª O rapazinho padece de humores frios.

D. Bernardo apalpou; e, ao ver ali o engeitado, com a carita muito pallida, magro, abatido, com a tristeza melancolica das creanças doentes, que é como um presentimento da morte, teve sincera commiseração.

—Leve-o de meu mando ao cirurgião —disse elle.— E o que receitar, que lh'o aviem na botica por minha conta.

E quando a Josefa ía a saír chamou-a atrás.

—Olhe, mulhersinha; e precisando de mais alguma cousa appareça por aqui.

O cirurgião receitou ferruginosos e banhos do mar.

Por esse tempo, recebeu D. Bernardo uma carta da irmã freira, dizendo que o medico

lhe prescrevêra o uso de banhos do mar. Para não incommodar o mano, tinha indagado no recolhimento se alguma senhora iria ás praias; mas, infelizmente, nenhuma ía! Era uma desgraça!

Respondeu o morgado que pedisse a mana ao sr. arcebispo licença para saír e iria elle acompanhal-a á Povoa de Varzim, logo que findassem as vindimas. Acrescentava que levaria comsigo um engeitado seu afilhado, que padecia de escrofulas. Recommendava-lhe que pedisse saude e a graça de Deus, que trabalhos e canseiras não faltavam n'este mundo!

No meiado de outubro, por um tempo secco, mas um pouco frio dos ventos outoniços, appareceu na Tojeira a irmã do fidalgo seguida de uma creada velha.

Resolveram partir na madrugada do dia seguinte para a Povoa.

Na vespera, antes de se deitar, esteve a Josefa a apertar n'uma pequena trouxa a roupinha do engeitado.

—Tu porta-te bem, Simão —recommendava-lhe ella.— Olha que aquelles fidalgos são os teus bemfeitores. Ouviste?

O pequeno ouvia-a sem poder fallar. Sentia comprimida a garganta e os olhos embaciados de lagrimas. Passou quasi toda a noite em claro. A idéa da separação proxima fazia-o chorar copiosamente.

Escondia a cabeça debaixo do lençol; e ali, collado á parede, chorava e soluçava baixinho, com receio de acordar a Lena. Só muito tarde, prostrado pela commoção, é que adormeceu.

Rompia a luz da madrugada pelas frinchas da janella, quando a Josefa se levantou. Chegou-se á cama do pequeno, abanou-o e acordou-o.

—Simão, ó Simão!

—Minha mãe!

O rapaz ergueu-se atarantado.

—Veste-te, filho. Anda, que são horas.

O Simão saltou abaixo da cama, e principiou a vestir-se de vagar, atordoado, sem dar tino do que fazia.

A Josefa ajudava-o com o coração opprimido, mas fingindo não comprehender a tortura do pequeno.

—Não faças bulha, que acordas a Lena—recommendou ella a meia voz.

Mas do leito da mãe, a Lena ouviu e respondeu:

—Eu não durmo, minha mãe.

E sentou-se na cama, para se vestir á pressa.

Quando o pequeno estava vestido e prompto, a Josefa sobraçou a trouxa, e disse resolutamente:

—Vamos, filho, vamos.

A Lena tambem queria ir.

A mãe oppoz-se, dizendo que estava a manhã muito fria. Lena desatou a chorar, voltada para o lado.

Na occasião que a Josefa abriu a porta da casa para saír, o Simão ficou um momento hesitante e ancioso. Approximou-se da Magdalena; e, com um sorriso contrafeito, como a querer suster as lagrimas, despediu-se com uma voz suffocada:

—Adeus, Lena.

A pequena não respondeu. Com as costas voltadas para elle, immovel no meio do quarto, encolheu os hombros.

—Adeus, Lena—repetiu elle mais alto e a chorar.

Então a pequena, n'uma grande effusão de ternura, lançando-lhe os braços ao pescoço, beijou-o repetidas vezes:

—Adeus, Simão.

E quando o engeitado ía já longe, pelo atalho fóra, ao lado da mãe. Magdalena da porta

da casa seguia-o com os olhos cheios de lagrimas e dizia-lhe baixinho adeus, acenando com a mão:

—Adeus, Simão! Adeus!

*
* *

A familia da Tojeira esteve um mez a banhos na Povoa de Varzim. Habitava uma casa pequena na rua da Junqueira. A sr.ª D. Leonarda levantava-se ao romper da madrugada, e ía para a praia, seguida da creada e do Simão.

Nos primeiros dias, o pequeno sentiu um horror extraordinario pelo mar.

Entrava na barraca a tremer e a chorar, pedindo a Deus que o matasse!

A sr.ª D. Leonarda, a sós com elle, fallava-lhe com aspereza e de sobrecenho carregado. O rapazito reprimia as primeiras lagrimas, e ouvia-a com submissão e humildade.

—Pois o sr. D. Bernardo e eu —gritava a freira— a termos toda a caridade por ti, e tu, ingrato, ainda choras!

E, como Simão, com a cabecinha baixa como um réu convicto, principiasse a soluçar, e as

lagrimas lhe caíssem em fio, D. Leonarda indignada, levantava a voz e gesticulava convulsa:

—Tu porque choras, rapaz? Ingrato! —e, olhando sobre o hombro, observava com ironica piedade:— Sempre has de mostrar que és filho do peccado!

Diante de estranhos, no grupo das senhoras que lhe fallavam, a freira de S. Salvador mudava de tom. Tinha uma voz meliflua, vagarosa, e, dando aos olhos uma feição terna. dizia do rapaz:

—É um engeitadinho, que o mano protege. Elle é que o não merece! —accrescentava D. Leonarda, azedando a voz.— É muito ingrato! Ah! Nem v. ex.as fazem idéa! É muito ingrato!

Depois, quasi confidencialmente, explicava:

—Sempre estes desgraçados hão de mostrar que vieram a este mundo contra a vontade de Nosso Senhor!

Simão ouvia isto sem levantar os olhos. De volta para casa, a freira não cessava de o reprehender.

Um dia, na ausencia de D. Bernardo, D. Leonarda, durante o almoço, esteve constante-

mente a gritar ao pequeno. Simão, sentado defronte, ouvia-a silencioso, sorvendo o café a pequeninos golos. D. Leonarda, no auge da sua irritação, gritou-lhe:

—Levanta-me já essa cabeça, rapaz! Deixa o café.

O rapazinho pousou logo a chicara e o pão, engoliu com esforço o bocado que mastigava, e deixou pender os braços.

Não pôde comer mais.

Os unicos momentos felizes durante o mez que esteve na Povoa eram os que passava na varanda da casa, depois do jantar, emquanto D. Bernardo e D. Leonarda dormiam a sésta. Na cozinha, a creada, sentada n'uma cadeira junto da janella que deitava para uma horta, cabeceava. Simão atravessava então o corredor em bicos de pés, e ía debruçar-se no peitoril da varanda, distrahido a ver na rua a concorrencia de banhistas. A vista da gente da aldeia alegrava-o. Todas as raparigas da altura da Magdalena, vistas de longe, lhe pareciam a irmã.—Se fosse!—pensava elle. Estava uma tarde muito entretido a olhar um saltimbanco que trabalhava no largo da fonte, quando ouviu que o chamavam da rua.

Era a Joaquina do Espinhal. O pequeno, assim que a reconheceu, sentiu o coração pular-lhe de jubilo. A Joaquina perguntou-lhe como estava, e deu-lhe muitas saudades da Lena.

— Tu ainda te lembras d'ella? — perguntava a vizinha.

Elle respondia affirmativamente e ficava muito vermelho, quasi a chorar. Pediu á Joaquina que esperasse ali um instantinho. Foi ao quarto em que dormia, tirou de uma gaveta a medalha do Bom Jesus, que lhe déra D. Leonarda, e desceu com ella á rua para a enviar á irmã.

Logo que saíu a porta, D. Leonarda assomou á varanda. Observou de cima o pequeno entregar á vizinha a medalha que lhe tinha dado. Teve um accesso de indignação, e esteve para gritar, mas conteve-a a idéa do escandalo.

Quando a mulher se separou, a freira berrou para baixo ao Simão, que tinha ficado parado á porta da rua:

— Ó rapaz! Sobe!

E mostrou-lhe tamanha indignação nos olhos arregalados, que o pequeno subiu as escadas

a tremer, e a supplicar baixinho de mãos postas:

—Ai! minha Nossa Senhora! Valei-me, que ella mata-me!

Apenas chegou ao patamar, D. Leonarda inquiriu com voz ameaçadora:

—Quem te deu licença de entregares áquella mulher a medalha que te dei?

E, como o pequeno não respondesse, applicou-lhe uma bofetada com tamanha violencia, que o fez cambalear e caír para traz, batendo com a cabeça na esquina do degrau.

—Pedaço de maroto! —rosnava a freira convulsa.— Levanta-te!

E fitava os olhos coruscantes sobre o Simão, sem reparar que elle ficára ali, sem sentidos, estendido sobre o patamar, com um fio de sangue a escorrer-lhe da nuca!

*
* *

O engeitado esteve oito dias de cama, com assistencia de facultativo. Havia receio de que ao abalo da queda sobreviesse uma meningite. Se se declarasse, dizia o medico, o caso era grave e podia ser fatal!

Ao caír da tarde, acommettia-o uma febre intensa, que o fazia delirar. N'essas crises, deitado de costas, com as faces afogueadas e os olhos muito brilhantes e fixos n'um ponto vago, o doente fallava e gesticulava, proferindo repetidas vezes o nome da mãe e da Lena. D. Bernardo, sentado ao lado, perguntava-lhe com voz carinhosa:

—Tu que dizes?

Simão, como se despertasse no meio de um pezadello, voltava os olhos para D. Bernardo, e estremecia.

—Tu que queres, Simão?—insistia o fidalgo, apalpando-lhe a fronte esbrazeada.

O pequeno recuava para o fundo da cama, assustado, com os olhos espantados e a tremer.

—Não quero a senhora —balbuciava elle tranzido e a chorar.— Ella mata-me! Ai! eu quero a minha mãe! Ó meu padrinho, a senhora mata-me.

E segurava com força a mão de D. Bernardo, olhando para a porta com terror da presença da freira.

D. Bernardo, no dia em que o pequeno foi castigado, censurára a brutalidade da irmã.

—Não são modos de tratar as creanças, mana—tinha elle dito.

D. Leonarda replicou com azedume; e, quando D. Bernardo lhe pediu que se calasse, a freira retirou-se da sala com modo altivo, resmungando pelo corredor:

—Eu já o presumia! Bem me quiz parecer que para afilhado, era muito amor!

Denunciára-se a freira! A suspeita de que o engeitado fosse filho do irmão tinha-a sobresaltado. Nutríra sempre a esperança de ficar herdeira universal da casa da Tojeira. Á primeira noticia da existencia do afilhado, todos os seus calculos ambiciosos se abalaram. Teve o receio instinctivo do mendigo, que vê concorrente á mesma porta! Recebeu o pequeno com fingida ternura e piedade, mal podendo conter, mais tarde, o rancor que a sua presença lhe inspirava.

Quando reparou que elle estava desmaiado aos seus pés, a escorrer sangue, assaltou-a um sentimento de terror, julgando que o tinha morto. Chamou em altos brados pela creada, que appareceu no mesmo instante. O rapaz foi transportado em braços para o leito. Ao chegar D. Bernardo a casa, a creada referiu

o que tinha succedido, desculpando a senhora da melhor maneira que pôde.

—Onde está a sr.ª D. Leonarda?—perguntou o morgado com ar grave e carrancudo.

—Está no quarto —respondeu a velha.—A senhora tambem ficou doente. Isto abalou-a muito.

Ao quarto dia a febre remittiu. Os receios do facultativo desvaneceram-se. No fim de uma semana, o doente saíu da cama para uma cadeira da sala.

Caminhava amparado ao braço do padrinho, muito desfallecido de forças, pallido e tremulo. A freira via então o pequeno duas vezes por dia. Fallava-lhe sem rancor, mas visivelmente constrangida.

Durante a enfermidade, a tal ponto D. Bernardo se affeiçoou ao afilhado, que passava os dias sentado junto d'elle, conversando e lendo-lhe d'alto as noticias dos jornaes.

—Quando voltarmos para a terra —dizia-lhe elle— has de tambem aprender a ler. Queres?

—Quero, meu padrinho—respondia o Simão.

Um instante depois, perguntava:

—E a Lena?

—A Lena tambem ha de aprender como tu.

*
* *

Á noitinha, logo depois do toque das *ave-marias,* a Josefa chegava á porta a chamar os filhos, que andavam fóra a brincar.

—Venham estudar, que é noite.

E accendia a candeia, que pendurava n'um gancho da parede superior a uma mesa de pinho. Sentava-se depois ao lado, com a roca mettida á cinta, a fiar.

Como a mestra curava mais de ensinar ás discipulas a meia e a costura, pondo em ultimo logar a leitura e a escripta, o Simão, em poucos dias, adiantou-se na lição á Magdalena. Por isso era elle quem, estudada a sua, ensinava a lição á irmã. Debruçados sobre o mesmo livro, com as cabeças chegadas uma á outra, Simão ía apontando com o dedo as syllabas que Magdalena soletrava:

—*Ma-ri-nha.*

E erguia os olhos do livro, hesitante, fitando-os em Simão, que a animava risonho.

—Marinha—dizia a pequena.

O Simão irradiava de jubilo.

—Bem! —exclamava elle.— Agora para diante.

Então apparecia uma palavra enorme, que era um martyrio para Magdalena. Era ainda o Simão que a auxiliava amorosa e pacientemente, fazendo-a reter bem as primeiras syllabas. Diziam simultaneamente:

—*Na-tu-ra-li-da-de.*

E se a Magdalena dizia bem, o Simão, n'um impeto de contentamento, tomava-lhe a cabeça entre as mãos, e beijava-a na testa.

—Muito bem, Lena, muito bem!

No dia seguinte, saíam de casa juntos para a escola. Mettiam por um atalho aberto no meio de um pinhal. Era um caminho triste e sombrio, com um chão humido e molle todo sulcado pelas rodas dos carros e murado de ambos os lados pelos taludes barrentos, onde, no inverno, escorriam as chuvas. Acabava n'um terreno baixo desmoutado e areiento, ao qual vinham dar as aguas de um regueiro. Á tardinha vinha ali beber uma revoada de pombas brancas. Mais adiante, o caminho bifurcava-se pelo meio de campos de milho. Junto ao por-

tão de uma quinta murada havia um grande sobreiro, a cujo tronco estava arrumada uma pedra tosca coberta de musgo requeimado. Era ali que os dois pequenos tinham de se separar, mettendo Magdalena por uma azinhaga, onde ficava a mestra-regia, e Simão por outro lado, na direcção da escola dos rapazes. Nunca o faziam, porém, sem se sentarem algum tempo a conversar. N'esses instantes Simão contava á irmã os acontecimentos da Povoa de Varzim. Magdalena ouvia-o muito attenta, com os olhos abertos, que se embaciavam de lagrimas nos lances mais commoventes.

—Eu perguntava sempre á mãe quando tu vinhas — dizia Magdalena, enxugando os olhos nas costas da mão.— Não gostava de estar sem ti. Olha Simão —pedia ella, lançando-lhe um braço sobre os hombros— agora, nunca mais has de ir embora, não?

—Quem sabe lá!—respondia o engeitado, incerto do futuro, muito triste, com os olhos fitos n'um grupo de arvores, que havia defronte...

Ás vezes, no inverno, quando um aguaceiro os surprehendia no caminho, corriam a abrigar-se debaixo d'aquella arvore. Ficavam am-

bos ali, muito achegados ao tronco, e tão esquecidos e abstractos, que nem davam tino da chuva que escorria dos ramos — como os dois namorados vistos por Diderot!

Decorreram assim tres annos.

Magdalena já costurava e bordava com tal perfeição, que era o espanto das vizinhas. Quando a Josefa mostrou uma toalha de linho bordada pela filha, para ser offerecida ao fidalgo da Tojeira, a Joaquina do Espinhal levantou nos braços a rapariga, beijou-a na bôca e exclamou:

— És uma rosa, Magdalena! Louvado seja Deus! Tens umas mãos, que são uma riqueza!

O Simão lia correntemente, escrevia com boa calligraphia, sabia as quatro operações, e até já auxiliava o mestre. Era o decurião da aula. Os discipulos mais venturosos eram ensinados por elle, propenso sempre á complacencia e ao perdão, emquanto os desafortunados se viam nas mãos do sr. mestre, um velhote estupido e rabujento, que se vingava das horrendas miserias a que o lançavam os governos relapsos no calote, macerando as mãosinhas tenras das creanças com estrondosas palmatoadas!

Um domingo, na occasião em que os freguezes da missa saíam da igreja para o adro, o mestre-escola foi ao encontro de D. Bernardo, que vinha da porta lateral da sacristia, e deu-lhe do afilhado as melhores informações.

—É uma grande cabeça que ali se perde, se o deixarem seguir a lavoura—dizia elle. O pequeno, alem d'isso, era fraco e doente; e parece que estava talhado para seguir a vida ecclesiastica.

D. Bernardo recolheu a casa, pensando no que o mestre lhe dissera. Era realmente preciso tratar do futuro do afilhado. Se a vocação o não contrariasse, a vida tranquilla de sacerdote era a que mais se coadunava com as qualidades physicas do pequeno. Passados dois dias chamou-o a jantar comsigo. No fim, perguntou-lhe se queria ser padre. O pequeno não respondeu. Poz-se a correr entre os dedos a dobra da toalha, com os olhos no prato e sem proferir palavra.

—Queres, ou não queres?—insistiu D. Bernardo.

—Não, senhor—respondeu o pequeno a medo.

Desejava seguir uma vida que o não afastasse da Magdalena. O fidalgo discordou. Ponderou com palavras carinhosas que era preciso seguir uma carreira que o fizesse um homem de bem. Elle que o mandára á escola, não era de certo para o deixar ficar assim, sem um modo de vida . . .

—Não, —disse D. Bernardo— se não queres ser padre, ninguem te fórça. Serás outra cousa. Mas previne a tua mãe de que para a semana has de ir para Braga.

O pequeno desatou a chorar.

—Não chores —disse-lhe D. Bernardo, que se recordava das scenas da Povoa— não chores. Vaes para um collegio de meninos como tu; e nas ferias vae tua mãe buscar-te para vires á terra!

A proposito, e para desanuvear o coração do afilhado, contou-lhe varias brincadeiras do seu tempo de collegial.

*
* *

Simão foi acompanhado pela Josepha a casa do padre Barreiros, na rua da Conega, em Braga. A mulher entregou uma carta do fi-

dalgo da Tojeira. O padre montou os oculos, e leu a recommendação do seu amigo e antigo protector.

—Muito bem —disse no fim, retirando os oculos, e dobrando a carta.— Então, este pequeno é o afilhado do sr. D. Bernardo?

—É, meu senhor—respondeu a Josefa.

—E é seu filho?—perguntou o padre.

A Josefa hesitou na resposta. Olhou para o pequeno, e disse baixinho:

—Elle é engeitado; mas quem o creou fui eu.

Na tarde d'esse mesmo dia o Simão entrava como alumno interno no collegio de Jesuitas do *Campo das hortas*.

Foi recebido carinhosamente pelo director —um homem alto, rubicundo, vestido com uma ampla batina de clerigo. O padre Barreiros mostrou a carta do fidalgo da Tojeira, e accrescentou:

—O meu amigo é um dos membros mais valiosos do partido do sr. D. Miguel! Este pequeno é seu afilhado; e, pelos modos, o sr. D. Bernardo dedica-o aos estudos.

Os primeiros dias foram uma nova tortura para o pobre coração do engeitado! Andava

pelos cantos da casa a chorar. A cada momento, chegava-se ás janellas, e detinha-se a contemplar a paizagem. Faziam-lhe inveja os homens que avistava ao longe a trabalhar no campo. Procurava ver entre o arvoredo o caminho por onde viera para Braga, e ía seguindo quasi instinctivamente a estrada, que ora se perdia encoberta pela ramaria dos carvalhos, ora surgia em retalho n'uma clareira para apparecer depois ao longe, ondeando pela encosta acima, muito branca entre a verdura do monte!...

Mas ao terceiro dia, o director chamou-o ao quarto, e entregou-lhe um pacote de livros, batendo-lhe carinhosamente na cara. Recommendou-lhe que estudasse muito.

—Ouviste? Para seres agradavel a Deus, Nosso Senhor, e aos teus paes.

O Simão retirou-se vivamente commovido. Á idéa de que tinha de estudar todos aquelles livros, despertava-lhe na alma um agradavel sentimento de orgulho!

Nas ferias do Natal, o padre Barreiros foi buscal-o ao collegio, e enviou-o para a terra, muito recommendado a um almocreve, que passava perto da Tojeira. O pequeno não ca-

bia em si de contente! Caminhava ao lado do recoveiro, revendo com immenso prazer os sitios por onde tinha passado mezes antes, quando viera para o collegio. Ia impaciente! A cada passo perguntava:

—Agora já devemos estar perto?

O almocreve dizia:

—Ainda temos muito que andar. Ainda é uma estirada!

E continuavam os dois pela estrada fóra, sem dizerem palavra. O almocreve, segurando no sovaco a arreata do primeiro macho da recova, caminhava n'um passo regular, assobiando. O Simão ía ao lado. A perspectiva triste e melancolica da paizagem n'uma manhã fria de dezembro tinha para elle encantos indefinidos! As arvores despidas da folhagem, os campos sem verdura, o céu baixo e ennevoado, toda aquella desolação do inverno apresentava-se a elle com um aspecto risonho e seductor!

—Ainda temos muito caminho a andar? —tornava elle ancioso.

O almocreve respondia:

—Vê o menino alem aquella ermida, que fica na chapada? Pois em lá chegando, já

póde ver o telhado da casa do fidalgo da Tojeira.

Era ainda uma boa meia hora de caminhada!

Quando íam a dobrar uma curva da estrada, Simão soltou um grito de alegria, e deitou a correr para a frente. Ao longe, vinha a Lena ao lado da mãe para o esperarem no caminho. A pequena correu tambem; e apenas se encontraram, abraçaram-se os dois n'uma grande expansão de ternura!

O pequeno teve umas ferias deliciosas. O padrinho tinha recebido excellentes informações dos padres do collegio. O alumno era intelligente, estudioso e bem comportado.

—Se tiveres sempre juizo —recommendava-lhe D. Bernardo satisfeito— pódes ainda vir a ser um doutor! Queres? Dize: queres ser doutor?

O Simão não respondia. Ruborisava-se todo e, olhando para Lena, que assistia ao lado, sorriam-se os dois!

Na vespera de voltar Simão para Braga, a Lena deu-lhe uma pequenina cruz de metal suspensa de uma fita verde.

—Toma —disse ella, pondo-lhe a fita ao pescoço.— É a cruz de Nosso Senhor, que

eu beijo sempre ao deitar. Não te esqueças de fazer o mesmo, não, Simão?

*
* *

N'esse dia, um mez depois das ferias, o director, antes de terminarem as aulas, mandou reunir na grande sala de estudo todo o collegio. Ao lado d'elle collocaram-se os professores e os prefeitos. O director subiu ao estrado, e pronunciou de lá um longo discurso, fallando em amor de Deus, em humildade, em dedicação ao estudo, em obediencia a mestres e superiores! Os alumnos, agglomerados na vasta sala, ouviam silenciosamente, n'uma compostura grave, com os braços caídos ao longo do corpo. Ia distribuir-se um premio a um estudante, que pela sua applicação, pela sua intelligencia e pelo seu comportamento exemplar, se tornava digno d'aquella distincção honrosa!

O director fez uma pausa, e em seguida proferiu com voz cheia e solemne o nome do alumno distincto:

—Simão Ferreira, filho de...

E, como no registo não houvesse designação de nome dos paes, emendou:

—Natural de S. Silvestre.

O Simão saíu de entre a multidão, muito vermelho e commovido, adiantando-se na sala com um passo hesitante. O director fel-o subir ao estrado; e, collocando a mão sobre a cabeça do pequeno, proferiu ainda uma breve allocução laudatoria, e entregou-lhe um livro encadernado em marroquim azul com letras doiradas no frontispicio. Os professores bateram palmas, abraçaram o estudante; e Simão atravessou por entre os condiscipulos no meio de uma saudação enthusiastica!

Á tarde, quando estava no recreio, um creado veiu chamal-o para ir á presença do sr. director. Ao entrar na sala, Simão viu ao lado do director o padre Barreiros. Tinham ambos um ar sombrio e pesado. O director, logo que o pequeno entrou, disse-lhe pausadamente, pondo-lhe uma mão no hombro:

—Meu filho! O sr. padre Barreiros acaba de me annunciar a morte repentina do teu bom padrinho...

O Simão fez-se pallido, e volveu para o padre os olhos marejados de lagrimas.

—Morreu hontem—accrescentou o padre Barreiros.

—Por isso—continuou o director—vaes-te vestir para ires com o sr. padre Barreiros. Não sei se voltarás para o collegio, meu filho. Se não vieres, lembra-te sempre dos teus amigos, e continúa a ser obediente e trabalhador.

O pequeno tinha o presentimento vago de que na sua vida aquelle acontecimento funesto devia ser de alta importancia. Ficou meio atordoado, como se viesse de assistir a uma catastrophe!

Que iriam fazer d'elle, sem o auxilio do seu padrinho?

Esteve dois dias mettido em casa do padre Barreiros. Ao cabo d'esse tempo, o padre disse-lhe, durante o jantar, que o sr. D. Bernardo tinha morrido repentinamente, sem deixar testamento.

Simão mal comprehendia o alcance d'aquella revelação; mas, pelo modo como o padre fallava, pareceu-lhe que era de gravidade o caso.

—Procurei a mana no convento—proseguiu o padre Barreiros—e perguntei-lhe se queria continuar a proteger-te. Disse-me que

o não fazia, por ora, sem saber o valor da sua casa. Ahi tens tu, Simão, como estão as cousas! Por isso, entendo que deves procurar outro modo de vida. Tens hoje treze annos, sabes ler, escrever e contar, um bocado de francez e de latim. Deves seguir o commercio para, em pouco tempo, poderes proteger a mãe que te creou, que ha de carecer do teu amparo. Queres?

De todas as considerações feitas pelo padre, Simão concluiu apenas que estava desamparado, e que era preciso trabalhar! Disse que sim, que fizesse o sr. padre Barreiros o que entendesse.

No dia immediato, o padre Barreiros foi procurar um sobrinho estabelecido com loja de ferragens na *Fonte da Corcova,* e offereceu-lhe o pequeno. O ferragista annuiu; mas declarou logo que o facto do rapaz ter andado no collegio «era o diabo»! Elle preferia os que saíam das aldeias, sujeitos a toda a casta de trabalhos. Emfim, uma vez que o tio queria...

Simão entrou para a loja ao anoitecer. O patrão fallou-lhe com ar carrancudo, tratando-o por tu, e dando-lhe a entender que, se

o recebia, era por ser do agrado do tio. Simão não respondeu.

O tratamento grosseiro e aspero do patrão e do caixeiro mais velho da loja, a rudeza do trabalho, as condições pessimas do quarto em que dormia, sem luz, com pouco ar, entre quatro paredes humidas e pegajosas, a lida contínua desde o amanhecer até á noite, transformaram em pouco tempo o pobre rapaz, como se o minasse uma doença grave. Tinha perdido a côr sadia e a vontade de comer. Dormia mal, sobresaltado por aquella subita mudança nos habitos da sua vida! O patrão obrigava-o a trabalhos pesados; e, quando o via fraquejar sob o peso das grandes cargas de ferragem, gritava-lhe:

—Anda, avia-te! Quem não póde, arreia! Não sei de que te serve a comida!

E outras brutalidades, que melindravam e aviltavam o pequeno.

De uma vez, chamou-o para pesar n'uma grande balança, que havia ao fundo da loja, n'um armazem escuro e frio, umas canastras de fechaduras. Simão, com o suor a escorrer-lhe na testa, segurava a cesta de um lado, o patrão do outro, e, a um impulso simultaneo,

collocavam-n'a sobre o prato da balança. Á terceira carga, o pequeno não pôde mais, e deixou caír das mãos a canastra. O patrão deu um salto, e applicou-lhe dois pontapés valentes, dados com a biqueira do tamanco. Simão principiou a chorar.

—Mexe-te —berrava o ferragista,— mexe-te, ou levas outros!

Na madrugada do dia seguinte, quando o caixeiro o foi acordar para ir para a loja, Simão queixou-se de uma forte dor de cabeça, e pediu-lhe que o deixassem ficar na cama. Logo que o patrão appareceu, o caixeiro disse-lhe que o rapaz estava doente.

—Eu lá vou! —rosnou ameaçador o ferragista; e entrou no quarto do rapaz, ordenando que se levantasse immediatamente.— Eu tiro-te o mimo, meu menino! —dizia elle ao pequeno.— O que tu tens é ronha, grande mandrião!

Simão ergueu-se a tremer de frio. Vestiu-se á pressa, e desceu para a loja, adiante das ameaças e injurias do patrão. Passado um instante, vendo que o caixeiro se tinha ausentado, levantou a porta do mostrador, e fugiu para a rua. O patrão, que o avistára do

fundo do armazem, saltou fóra, e veiu agarral-o por uma orelha no *Campo da vinha*. Quando se viu preso, Simão julgou-se perdido. Foi levado para casa, perseguido de successivos pontapés. Umas mulheres que passavam, pararam na rua, ao ver a furia do homem, e compadecidas do rapazinho, que, a cada momento se voltava para trás, pedindo perdão com as mãos postas:

—Perdôe ao rapazinho —imploravam ellas segurando o ferragista.— Perdôe-lhe por esta vez, sr. José.

O ferragista, porém, era implacavel.

Chegado a casa, subiu com o rapaz a uma sala do andar superior, fel-o despir a jaqueta e as calças, pegou n'um junco, e gritou-lhe pallido e tremulo de raiva:

—Ajoelhe-se, e peça perdão!

Simão caíu de joelhos no sobrado e ergueu as mãos.

—Agora —disse o ferragista— vamos ao correctivo.

E, com o junco vibrado com toda a força, principiou a vergastar as costas do rapaz. Simão retraía-se de encontro á parede, clamando por soccorro. O patrão enfurecia-se

mais aos brados do padecente, e, cego de indignação, quasi sem respirar, n'um impeto convulso de fera, saltou sobre o rapaz a bater-lhe com tanta violencia, que o fez caír no chão, soltando gritos afflictivos, com as costas retalhadas e a escorrer em sangue!

O patrão cansado e offegante abriu então a porta da sala, e saíu.

Simão, quando se viu só, ergueu-se de um impeto, desceu á pressa as escadas, e saltou para a rua a gritar. Ao dar meia duzia de passos, caíu extenuado sobre o lagedo do passeio.

Reuniu-se muita gente em volta d'elle. As mulheres, em grande alarido, davam *morras!* contra o malfeitor.

Alguns homens tentaram levantar do chão o pequeno; mas as mulheres oppozeram-se. Uma d'ellas retirou um lençol de uma trouxa que levava á cabeça, e embrulhou n'elle o rapazito.

—Matem este patife! —gritavam as mulheres raivosas, com as lagrimas a saltarem-lhes dos olhos.— Matem!

A multidão crescia. Logo que constou no mercado, quasi todas as vendedeiras acudiram

a ver. O Simão ía já levado nos braços de uma, com a cabeça pendente no hombro d'ella, quando de entre o povo, que seguia atrás, se ouviu este grito dilacerante:

—Ai! que elle é o meu filho!

E uma pobre mulher da aldeia correu para elle afflicta com os braços abertos. Era a Josefa, que, n'esse dia, tinha vindo a Braga. Andava a mercar na feira umas camisolas, que ía levar ao filho. Ao ouvir os clamores do mulherio, adiantou-se para ver. Pobre mulher!

Tomou ella o Simão nos braços; e, perdida pela afflicção, caminhava á toa, sem destino, lamentando que lhe tinham matado o filho do seu coração.

—Leve-o ao hospital—disseram as mulheres que a acompanhavam.

Atravessaram as ruas, seguidas da multidão, que ía engrossando de cada vez mais, até ao largo dos Remedios. Chegadas ao hospital de S. Marcos, a Josefa entrou só, subindo as escadas a chorar. O facultativo fez deitar o pequeno, observou-lhe as contusões do corpo, e disse:

—O homem que fez isto deve ser preso!

O pequeno só cobrou os sentidos, quando lhe applicaram as compressas de arnica sobre os vergões. Principiou a gemer, e a chamar pela mãe.

—Eu estou aqui, Simão —dizia a Josefa debruçando-se sobre elle.— Não chores, meu filho.

—Eu morro, minha mãe—dizia o pequeno, segurando-lhe as mãos, e levantando para ella os olhos supplicantes e cheios de lagrimas.

O povo, que acompanhou o Simão ao hospital, desandou em grande turba para casa do ferragista. Ali, ajuntou-se a um magote, que estava já estacionado á porta. O patrão tinha desapparecido da loja. Ao canto do balcão, o caixeiro, muito assustado pelo aspecto ameaçador da gente, não se mexia.

—Morra o patife!—gritou uma mulher.

—Morra! repetiram as outras.

E a multidão cresceu sobre a loja.

Foi precisa a intervenção da auctoridade, reclamada pelos vizinhos do ferragista.

O administrador appareceu seguido do escrivão e de alguns policias, e ordenou ao povo que se dispersasse.

—Não saímos, sem que o malvado seja preso—berrou um operario face a face ao administrador.

O agente da auctoridade entrou na loja. Passado pouco tempo a policia foi reforçada pela cavallaria, que conseguiu dispersar o ajuntamento. E, logo em seguida, o ferragista, pallido, a tremer, olhando assustado para os dois lados da rua, atravessou-a a correr, entre policias, para dar entrada na cadeia!

*
* *

No outro dia de manhã, o medico do hospital mandou collocar o biombo em volta da cama do Simão.

—Está a manifestar-se a congestão—explicou elle baixo á enfermeira.

Os outros doentes da enfermaria, quando viram o medico fallar confidencialmente, olharam uns para os outros, desconfiados, com um ar abatido e triste. Ao longo de toda a sala havia um grande silencio, percursor do silencio frio da morte. Os serventes do hospital atravessavam por entre as filas das camas em bicos de pés.

Ás nove horas, a enfermeira accendeu as vélas de cera de dois tocheiros, que ladeavam a imagem do Senhor crucificado, ao fundo da sala. Em seguida approximou-se do leito do Simão. Estava deitado de costas, com os olhos fixos, já meio embaciados... Respirava com oppressão; e a bôca entre-aberta formava-lhe um traço escuro na pallidez cadaverica do rosto.

—Quer alguma cousa?—disse-lhe a enfermeira ao ouvido.

—A minha mãe?—perguntou baixo o moribundo.

—Ainda não veiu.

Houve uma grande pausa.

—Quando ella vier —pediu o Simão com uma voz debil— se eu tiver morrido, dê-lhe a cruz que eu tenho ao pescoço; sim? Não se esqueça.

Parou um instante para respirar, e accrescentou:

—É para a Lena.

A enfermeira tentou animal-o, dizendo-lhe que elle havia de melhorar.

Simão fez um leve sorriso de descrença, e respondeu:

—Eu bem sei que morro... Ouvi o medico dizel-o ha pouco... Ai! já me falta o ar! Oh! minha mãe!

Quando a Josefa chegou á porta do hospital, o sino da capella começava a tocar a agonia!

A enfermeira esperou-a no patamar, e disse-lhe que o filho estava a morrer. Havia então na sala um silencio lugubre! Alguns enfermos, sentados no leito, murmuravam orações, com as mãos postas em supplica. Ouvia-se, de quando em quando, um gemido que partia do biombo.

A Josefa foi direita á cama do Simão. Estava a expirar! Ainda reconheceu a mãe; porque, fixando n'ella os olhos quasi apagados, procurou com anciedade a Lena. Como a não visse, rebentaram-lhe duas grossas lagrimas, e murmurou baixinho:

—Adeus!

E estremeceu todo, exhalando o ultimo alento n'uma aspiração tremula, como um suspiro de allivio!

Coimbra, fevereiro de 1884.

IX

QUE TRISTE FIM!...

A Maria do Ceo Vasconcellos

ui tambem este anno á romaria de Santo Antonio dos Olivaes.

Não posso resistir! Quando vejo passar toda a gente muito alegre, a cantar, a rir, a correr, dá-me logo vontade de ir n'aquella onda. Depois, a tentação dos carros! Uma pessoa vê-os ir cheios de passageiros, passageiros lá dentro, passageiros cá fóra, passageiros na boleia, no tejadilho, na imperial, e o cocheiro, de pé, a agitar o chicote ao alto — como um bravo porta-bandeira que

dá o signal do combate— a chamar e a attrahir a gente! E d'esta vez, então, o arraial era fallado. Façam idéa! A um lado da estrada, em meio de um campo, tinham levantado um barracão, um grande barracão feito em tres dias, e a cuja entrada, n'um enorme cartaz, se lia o seguinte:

Grande funcção!
Corda bamba!
Os anneis de Saturno!

e mais abaixo:

A celebre Mademoiselle Angeline
Assombro do Universo!

Caspité! Entrei tambem no meio da grande affluencia.

Quando appareceu mademoiselle Angeline, os espectadores desataram todos ás gargalhadas! Que triste espectaculo, santo Deus!

A mademoiselle Angeline tem os seus quarenta e oito annos, é feia, encarquilhada, pillada, com raros cabellos loiros como farripas de uma estriga a caírem sobre o rosto de pergaminho muito velho! Sobre o albardão espipado de uma egua, que manquejava n'um

chouto duro, vinha ella, levantando ora um pé, ora outro, erguia os braços, e sorria para o publico. Nada mais tragico, mais profundamente tragico do que ver aquella velha, com uma sáia de cambraieta muito suja, calções de panninho, umas meias de algodão roxas desbotadas, os braços nús, posta de pé sobre um cavallo, a correr, n'um circo!

Aos estrepitosos applausos da troça, Angeline encolhia os hombros, de onde rompiam umas claviculas angulosas, e sorria contrafeita, mostrando uma bôca negra, hedionda e sem dentes! Sorria; e cuidei eu que a pobre mademoiselle Angeline chorava!...

No fim do espectaculo vi mademoiselle Angeline atravessar a estrada, levando pela arreata a egua que ía coxeando atrás. Recolheu-a n'um telheiro que ficava defronte, estendeu um mólho de herva na mangedoura, e veiu encostar-se á humbreira da porta, de perna traçada, muito triste, pasmada, a olhar para mim, que a contemplava com pena!

Tive um presentimento de que aquella mulher me não devia ser totalmente estranha.

Convidei então o saltimbanco da companhia — um miseravel murciano com modos

de assassino— a entrar na taberna proxima para comer. O homem acceitou sem repugnancia; e, quando o vinho lhe deu mais vigor e rebrilho na pupilla, contou-me então a vida aventurosa de Angeline, que veiu confirmar as minhas tristes suspeitas.

Eu conhecia fatalmente aquella desgraçada!

*
* *

Se ainda me recordo d'aquella noite tormentosa!

Minha tia Magdalena entrára, ás onze horas da noite, no quarto de minha mãe.

Eu, que dormia n'uma cama pequenina junto do seu leito, acordei com aquellas vozes entrecortadas por soluços dilacerantes. Minha pobre mãe, com a cabeça de minha tia reclinada no seio e um braço passado sobre o hombro d'ella com protectiva ternura, chorava tambem, e dizia baixinho:

—Pobre Magdalena! minha pobre irmã!

Poucas vezes víra chorar uma pessoa crescida. Parecia-me que o chorar, e o chorar afflictivo, com soluços tremulos, era uma cousa tão feia, que nem ás creancinhas se perdoava.

E então minha mãe, que eu via sempre a sorrir, até quando me enxugava as lagrimas, era quem estava a chorar ali. Deitado de cos-

tas, com a cabecinha loira pousada no travesseiro, os olhos muito abertos, eu não sabia dizer bem se aquillo era um sonho. Á luz

tenue da lamparina, que vacillava diante da imagem da Conceição, aquelles dois vultos, ali, na penumbra, immoveis, prostrados por um desgosto enorme, causavam inconscientemente no meu espirito uma impressão dolorosa. Escondi-me debaixo do lençol, e desatei a chorar tambem muito baixinho!

Só adormeci, quando minha tia Magdalena se retirou; mas, pela noite adiante, se acordava, voltava logo os olhos para o leito de minha mãe, ouvia-a ainda a soluçar, e via-a estremecer toda, debaixo da roupa.

No dia seguinte, todas as pessoas de minha casa andavam tristes, fallavam baixo — tal e qual, como quando tinha morrido meu avô!

*
* *

Muitos annos depois, quando minha tia Magdalena expirou, contou-me minha mãe o que se passára n'essa noite.

Minha tia era casada, em segundas nupcias, com um homem mais novo quinze annos do que ella. Nos primeiros tempos não havia esposo mais amoravel. A differença de idades fazia até que da parte d'elle ao respeito de

marido se reunisse uma obediencia affectuosa de filho.

Ella então amava-o, estremecia-o, idolatrava-o!

Um dia, porém, houve no seu coração um sobresalto terrivel. Desconfiou que o marido a trahia. Passou dias horrorosos, crueis, tendo de occultar aos olhos d'elle a dor surda da desconfiança. Aquella dissimulação constante, a todas as horas do dia, dilacerava-a e minava-a como um cancro!

De uma vez, o ciume venceu todos os outros sentimentos da sua dignidade; e minha tia, fóra de si, anciosa, febril, quasi louca, procurou, farejou por toda a parte, nas gavetas, nas carteiras, nos bolsos, um vestigio qualquer que lhe confirmasse as suas suspeitas. Imagine-se a tortura d'aquelle coração!

Foi a tremer, sem tomar folego, com as pupillas dilatadas, que ella encontrou e leu ávidamente uma carta que denunciava tudo.

N'essa carta era assim designada minha tia pela amante do marido: *ta pauvre vieillote!*

Quando leu aquella phrase perversa, em que havia um ultrage á sua dignidade de es-

posa e uma falta absoluta de respeito aos seus cabellos brancos, a infeliz soltou um grito dilacerante, como se um estylete acerado lhe varasse de repente a fibra mais melindrosa do seu coração.

Assaltou-a a idéa terrivel do suicidio. Mas, quando ía a fugir d'aquella casa, que lhe parecia vacillar debaixo dos seus passos, sentiu-se de repente presa para trás. Voltou bruscamente o rosto, e viu o filhinho mais novo, que tinha saltado do berço, e viera, com os pésinhos nús, em camisa, prender-se-lhe ás prégas do vestido, pedindo com um sorriso de cherubim:

—Mamã, mamã, collo!

Não pôde resistir! Com o filho nos braços, lavada em lagrimas, recordou-se então de ter visto um dia aquella mulher fatal.

Fôra uma noite de um camarote do Circo de Santo Antonio, estando ao lado de seu marido.

Em baixo, na arena, uma mulher de cabellos loiros engrinaldados de flores, deslumbrante de formosura, era arrebatada sobre um enorme cavallo pigarço, que circulava a toda a brida, ao som enthusiasta e vertiginoso

de um galope. Com uma sáia muito curta e tufada de gaze côr de rosa, que lhe cingia os quadris como nuvem transparente, Angeline equilibrava-se, com a ponta de um pé sobre o teliz de velludo azul franjado de oiro, os braços nús arqueados no ar, a sorrir, lançada para trás, na attitude phantastica de uma sylphide vaporosa que perpassa.

Os palhaços, pintados de alvaiade, oppunham á sua passagem grandes circulos de papel de seda, que Angeline atravessava rapidamente de um salto, a pés juntos, rasgando-os, e surgindo mais gloriosa, mais triumphante, como uma apparição de entre a rosea neblina da alvorada.

Oh! era uma loucura!

Na platéa, nos camarotes, nas galerias, por toda a parte, homens de pé, doidos de enthusiasmo, applaudiam Angeline com uma tempestade de palmas!

E ella, a offegar, muito cansada, sentada nas ancas do cavallo, que caminhava a passo, a esbufar, de cabeça oscillante, agradecia radiante de jubilo, espalhando beijos, mil beijos tentadores nas pontas dos seus dedos côr de rosa!

Foi então que o marido de minha tia se levantou de repente no camarote, estendeu os braços, e começou a gritar, batendo palmas:

—Bravo! bravo! bravo, Angeline!

Seis mezes depois de minha tia Magdalena ler a carta, preveniu-a o marido de que resolvêra trazer para casa uma mestra franceza para educar os filhos. E, sem attender ás objecções dolorosas da mulher, entrou no dia seguinte em casa na companhia de Angeline.

Depois, uma velha creada de minha tia, sentindo, alta noite, passos na cozinha, desceu pé ante pé as escadas, e foi espreitar á porta, receiosa de que andassem ladrões em casa.

O que ella viu!

Angeline, em saias brancas, com os cabellos soltos em desalinho, muito pallida, a tremer, as feições transtornadas, moía vagarosamente com uma torquez um pedaço de vidro, que ía caíndo desfeito em pó sobre um prato.

A pobre velha estremeceu toda, e sentiu-se quasi estrangulada, como se duas valentes mãos invisiveis lhe apertassem a garganta. Recuou instinctivamente cheia de terror, quasi gelada, com os cabellos de pé! Foi na noite

immediata, não tendo comido nada, nem deixando comer os filhos durante o dia, que minha tia Magdalena appareceu em minha casa, a chorar, com duas creancinhas ao collo, pedindo agazalho!

*
* *

Tres dias depois da romaria de Santo Antonio dos Olivaes, quando eu ía a passar na diligencia em Sargento-Mór, vi parado á porta de uma taberna, que fica á beira da estrada, uma especie de carro de estafeta, coberto com um toldo abaulado de lona encerada. Dentro da tasca, abancado com outros freguezes, o saltimbanco hespanhol comia e bebia á farta, cantando canções maliciosas:

Hay amores por capricio
Amores por illusiones...

Cá fóra, debaixo de um sol tropical de junho, estava mademoiselle Angeline, diante da egua, a chegar-lhe um mólho de herva, que a pobre besta, presa entre os varaes do carro, abatida pelo calor e pela fadiga, rejeitava melancolicamente, voltando a cabeça para o lado!

E, emquanto eu pensava, cheio de commiseração, no triste fim d'aquella mulher, aos pés da qual, vinte annos antes, alguns ricos e felizes atiravam punhados de oiro,—perdia-se pela estrada, ainda ao longe, a voz rouquenha do saltimbanco, que terminava:

Hay amores que se alquilan
Como los coches simo... nes!

X

A AZEITONA DE SEVILHA

Uma tarde de agosto, em Sevilha, por uma rua estreita alastrada de um sol tropical, que fazia escaldar as pedras da calçada, seguiam dois homens, de braço dado—um portuguez e um hespanhol. O portuguez era baixote, de pernas achamboadas, pé grande, barba cerrada, pescoço curto; o outro, o hespanhol, esse era alto, desempenado, gesto largo, bigode farto, olho vivo, com jaleca de alamares e bengalão de canna da India.

A meio da rua, o portuguez estacou de repente, saccou da algibeira uma caixa de prata, offereceu-a aberta ao hespanhol, e fungou ruidosamente pela narina esquerda —comprimindo com o pollegar a narina direita— uma farta pitada de simonte.

O hespanhol tirou do bolso da jaleca um grande charuto castanho, um *puro,* e accendeu-o; e, emquanto o portuguez fungava, de cabeça baixa, a sua pitada de simonte, soprava elle do canto dos labios, com a cabeça levantada, uma espiral de fumo côr de opala do seu charuto de Habana!

Ficava ao fundo da rua uma taberna, com um toldo listrado a alpendrar a porta.

Assim que ali chegaram:

—*Entre usted*—disse o hespanhol, cedendo passagem ao portuguez.

E o portuguez, como era hospede na terra, sorriu-se agradecido e entrou primeiro, accedendo á cortezia gentil do hespanhol.

Dentro, que sombra agradavel! que frescura! que bem estar!

Tomaram assento á mesma mesa, um defronte do outro, passando os olhos pelos outros freguezes.

Á mesa fronteira, com a cabeça descaída

sobre a espadua de um *torero*, que tinha ao

lado, estava uma sevilhana, bonita a valer, de olhos pretos, uma bôca fresca côr de cereja, cabellos escuros em caracollitos e bellezas, um chale amarello de Manilla cruzado sobre o seio.

Emquanto o toureiro levava pachorrentamente aos labios um calix de Xerez, que scintillava como um topazio, a sevilhana toda reclinada para trás, com os olhos no tecto, de perna estendida, a abanar-se com o leque, cantarollava com voz de contralto:

Seré para ti más firme
Que la Isla de Léon
Que el año del terremoto
Tiembló, pero no cayó.

O hespanhol magro, que tinha entrado com o portuguez, gritou do seu logar, batendo as palmas:

—*Bravo, Pepa! Viva el salero!*

Depois perguntou ao companheiro o que se havia de tomar.

—*Ihorchata de chufas, señor Pereira?*

—Muito obrigado—agradeceu o portuguez indeciso.

—*Aguardiente? Merengues? Azucarillos?*

—Obrigado, muito obrigado, D. Juan —agradecia o Pereira— olhe, eu comia umas azeitonas, hein? Que diz? Umas azeitoninhas cá da terra!...

—*Chico!* gritou D. Juan, batendo com a bengala no marmore da mesa—*Aceitunas de las buenas!*

Veiu um prato com *aceitunas,* as celebres azeitonas de Sevilha, grandes, rijas, de pelle fina, cobreada, com um picosinho de sal, que lhes dá graça!

No mesmo prato das azeitonas vieram dois garfos.

Depois, o hespanhol de um lado e o portuguez do outro, ambos de garfo em punho, espeta aqui, espeta ali, em pouco tempo, deram cabo das azeitonas!

Mas... Não foi bem assim.

Ainda tinha ficado no prato uma azeitona que, por signal, era a mais verde, a de pelle menos curtida e mais dura.

O portuguez não a quiz comer, para deixar no prato a *cortezia;* e o hespanhol, vendo que o portuguez a não queria, tratou elle de a comer.

Ora agora o vereis!

Espetava o garfo d'aqui, e a azeitona, como era dura, resvalava para o outro lado do prato. Atacava a azeitona d'ali, e a azeitona, como era dura, vinha dar ao lado de cá. Depois, ataca d'aqui, espeta d'ali, das bordas do prato para o centro, do centro para as bordas, e a azeitona rebelde sempre a fugir!...

O hespanhol desapontado e furioso desistiu, e pousou o garfo na mesa, gritando como um baritono:

—Caramba!

> És más dura que el bronce
> Y más valiente que Dios!

Ora o portuguez, o sr. Pereira, até levava as mãos á bôca, para não rir alto, emquanto o hespanhol tentava pilhar a azeitona.

E, depois, pegando cuidadosamente no seu garfo, suspendeu-o perpendicular sobre a azeitona, foi-o baixando pouco a pouco, com muita cautela e receio de que ella fugisse, e... zás!—espetou-a mesmo pelo meio, levantou-a triumphante nos dentes do garfo. e... comeu-a.

O hespanhol sorriu-se desdenhoso, e observou do lado, meneando pausadamente a cabeça:

—*Pero despues de haber-la cansado!*

Como se agora uma azeitona fosse um touro!

XI

TRISTEZAS DO MONDEGO

Á Ex.ma Sr.a Condessa de Sabugosa

o dia em que se poz o *ponto,* o Mondego levava ainda muita agua. O mez de abril fôra, n'esse anno, fiel ao dictado popular: *aguas mil coadas por um mandil.*

Choveu quasi sempre: é verdade que era uma chuva miudinha como um borrifo, a caír obliquamente; mas, como fosse constante, de tal maneira engrossou a corrente, que fez que o rio saísse do seu leito e alagasse os campos marginaes!

Estava-se em 20 de maio, um dia alegre, de um azul muito limpido de primavera, quente, e um sol forte a caír como uma pulverisação de oiro sobre as verdes encostas floridas!

Quando o sol dava na agua, que derivava mansa e clara, até as areias do fundo scintillavam, e se viam levados na corrente os cardumes de peixes. Os choupos, de um e do outro lado, cobertos de uma folhagem tenra, projectavam já sobre o rio uma sombra agradavel.

É preciso ter sido estudante em Coimbra, para se avaliar bem o contentamento do dia em que se põe o *ponto*.

Eu, a bem dizer, gosava mais da alegria dos meus amigos, uma alegria douda, expansiva, irradiante, do que do contentamento proprio. Passava todo o inverno mettido no meu quarto a ler romances; e, logo que vinha a primavera, com tardes amenas e noites calmas, deixava-me ir perdido por entre aquelles melancolicos olivaes do *Penedo da Saudade,* deleitado a ouvir toda a santa noite o suave cantar dos rouxinoes.

No fim, quando toda a rapaziada, triumphante do seu estudo, depunha de lado os

compendios da aula, e se preparava alegre para as ferias, acommettia-me, a mim, o espinho cruel do remorso! Via-me um ser fraco, indolente, ocioso, incapaz de luctar corajosamente contra a paixão dominadora de ler Balzac e Mery, e de recitar alto, com largos gestos, os Sermões do Padre Antonio Vieira. E —vejam então que celebreira!— odiava os mandriões, detestava a sua convivencia, como um aleijado a quem repugna mirar-se em frente de um espelho!

É por isso que, em chegando aquelle dia do *ponto,* que é sempre um dia de grande jubilo para o academico, eu lançava a capa ao hombro, e saltava para o meio da rua, a cantar, a rir, de cabeça núa e a cabelleira fluctuante ao vento, em busca dos amigos mais alegres. O seu contentamento fazia-me esquecer o meu remorso!

Dè uma vez, um d'elles propoz:

—Que se ha de fazer hoje, Alberto?

Não foi preciso pensar muito tempo; porque até para isso não era eu.

—Vamos para o rio—respondi logo.

—Apoiado! —gritaram elles— salta tudo para o rio!

—Alto! —disse eu— Quantos somos nós?

Contaram-se. Eramos quatro; e, como fossemos quatro, era preciso —já se vê!— ir desencantar quatro raparigas bonitas que quizessem ir comnosco.

Ora, havia n'isso alguma difficuldade. Fomos bater a varias portas, e saímos sem esperança de levar companhia. Faltava que rejeitasse a que eu procurava, para que desistissemos do passeio. Não aconteceu, porém, assim. Eu fui o mais feliz!

Vivia por esse tempo em Coimbra, já fóra de portas, uma pobre rapariga, costureira, filha de um trabalhador que morava da outra banda do rio, em frente do choupal. Levou-a o primeiro amor á desgraça de fugir de casa dos paes, para os braços de um traidor que a abandonou!...

Ainda hoje —e vão já decorridos doze annos— me recordo de Adelina, como se a estivesse vendo ao pé de mim. Tinha uns olhos muito pretos, com uma grande expressão de melancolia, rasgados em amendoa, como os olhos das florentinas. Era de uma pallidez maviosa; o rosto oval, a bôca fresca, e tanta graça tinha no andar, quebradiço na

cintura, como se fosse menina creada nos mimos dos salões.

Affeiçoou-se a mim, quando tinha adoradores, que a requestavam com promessas valiosas. Eu era pobre, estroina, e um doudivanas de tal ordem, que nem pensava um instante no futuro! Isso sim! Pois era até por isso, julgo eu, por me ver assim inferior aos outros em fortuna e gentileza, que a pobre Adelina me adorava com tamanha ternura!

Logo que lhe propuz o passeio, accedeu alegre ao convite. Vestiu á pressa o seu vestido de chita novo, enfeitou-se no peito com uma rosa muito fresca que eu lhe dei, e saltou para a rua no meio de nós quatro.

Era uma delicia vel-a ir commigo de braço dado, formosa, a rir com graciosa timidez, escondendo o rosto de encontro ao meu hombro, quando se nos deparava no caminho algum cathedratico respeitavel, já velhote, que afugentava os tres companheiros, e diante do qual, eu, grande descarado, desprendido de todos os acatamentos, passava radiante, de cabeça levantada, olhando-o com desdem.

Tinha então inimigos implacaveis! O dr. Braz, por exemplo, que passava n'essa epocha

por ser um grande philosopho contemplativo, sabedor de Manuel Kant, finorio na argumentação, todo elle coberto de nodoas na capa e na batina, esse, apenas me avistava de longe —imaginem— de bigode empinado, olhar audaz, com um sorriso de despretenciosa felicidade, irritava-se todo, estremecia, e apontava-me aos veteranos para que me fizessem troça! Era um malvado! Hoje, até me faz rir o odio que eu inspirava, n'essa occasião, áquelle sapientissimo doutor de capello e borla!

Logo que chegámos ao caes da Portagem, saltámos para dentro de um barco, e ordenámos aos barqueiros que o levassem rio abaixo.

Como o vento soprasse das bandas da Louzã, fomos á vela.

Foi um passeio encantador! Eu ía á proa, estirado no banco, com a cabeça pousada nos joelhos de Adelina.

Emquanto um dos companheiros cantava em dueto com ella:

Lindas noites de luar
Vou sentar-me á sua porta...

parece que a cidade toda se movia em redor, fugindo lentamente de nós.

Via-se, em baixo, á orla do rio, a fila melancolica dos salgueiros; depois, a subir pelo declive da encosta a casaria branca, apinhada,

batida em cheio pelos raios do sol poente; áquem e alem, destacava-se a longa chaminé de uma fabrica, de onde subia lentamente uma nuvem espessa de fumo que se adelgaçava; e, no cimo de tudo, altiva como a velha torre de um castello, a torre quadrada da Universidade, sobre a qual revoavam em volta os gaviões.

Ia passando tudo diante da nossa vista! Esmorecia pouco a pouco o azul do céu, e mal se distinguiam, ao longe, de entre a verdura triste dos olivaes, os antigos conventos de Santa Thereza e de Santa Ursula, esfumados nas sombras vaporosas do crepusculo.

Ficava já distante o bulicio da cidade! Ouvia-se o vento a rumorejar brandamente na folhagem dos choupos, e, de entre o murmurio tremulo da corrente, como um soluço, a voz meiga de Adelina cantava triste:

> Como um pae se senta immovel
> Na campa da filha morta!

Quando chegámos ao sitio em que o Mondego engrossa com a agua que desce do rio velho, ainda espumante e batida das alpondras

de um açude, fomos obrigados a parar, para ceder passagem a um barco que vinha rapido trazido na corrente. O barco appareceu quasi repentinamente por detrás de um cannavial. O barqueiro de lá gritou afflicto:

—Vira um pouco o barco de ré.

Os nossos barqueiros metteram logo com força as varas na areia, fincaram-lhes o hombro, e desviaram o barco.

O outro seguiu lentamente, abalroando quasi com o nosso.

Assim que passou rente de nós, levantei-me um pouco, para ver quem levava dentro.

Que triste quadro, imaginem! Sentado atrás ía um velho de barba branca, vestido com uma jaqueta preta toda abotoada no peito.

Levava adiante de si, no outro banco, um pequeno esquife azul orlado de falsos galões dourados. Dentro do caixão, que ía aberto, via-se uma creança morta, toda vestida de branco, com uma corôa de rosas na cabeça, e as mãosinhas muito magras cruzadas sobre o peito. Ia com os olhos cerrados e a bôca entreaberta n'um sorriso tão sereno e meigo, que fazia pensar que a pobre creança ía a dormir!

Adelina, logo que reconheceu o velho, soltou um grito dilacerante, lançou-me as mãos aos hombros, e escondeu o rosto no meu seio, ficando toda a tremer.

O nosso barqueiro perguntou:

—Quem é o anjinho, tio João?

O velho, que levava a cabeça descaída sobre o peito, como quem vae a dormir, aprumou-se, e respondeu, pondo os olhos na face da morta:

—É a minha filha mais nova! Vae para o cemiterio, coitadinha!

E, depois de um soluço, continuou com uma voz mais baixa, a tremer, como se fallasse para si:

—Se havia de passar os trabalhos da irmã, antes assim! Levou-m'a Deus!

E, sem despregar nunca os olhos da filha, ao dizer isto, viam-se-lhe duas grossas lagrimas muito redondas, a caírem lentamente sobre os cabellos da barba!

Então, fazia uma profunda tristeza, á hora silenciosa do crepusculo, ver aquelle grande barco ir desapparecendo, pouco a pouco, levado á mercê da corrente!...

ACABOU DE SE IMPRIMIR

aos 24 de Maio de mil oitocentos noventa e dois

NOS PRELOS DAS OFFICINAS DA

IMPRENSA NACIONAL

PARA

M. GOMES, Livreiro-Editor

NA

Rua Garrett (Chiado) *70-72*

EM

LISBOA

ALBERTO BRAGA

CONTOS
ESCOLHIDOS

ILLUSTRAÇÕES
de
E. Casanova

M. GOMES
Livreiro-Editor

LISBOA

ES PAIRAREI P. P. J. DA A. PARC

PQ
9261
B65C6

Braga, Alberto
Contos escolhidos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 03 14 018 0